

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**O GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE
CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1959-1968)**

Martha Suzana Cabral Nunes

**Aracaju - Sergipe
2008**

Dissertação de Mestrado

Martha Suzana Cabral Nunes

**O GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE
CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1959-1968)**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Educação do
Núcleo de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Sergipe

Orientador: Prof. Dr. Miguel André Berger

Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Pensamento Educacional

**Aracaju-Sergipe
2008**



**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Nunes, Martha Suzana Cabral

N972g O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe
(1959-1968) / Martha Suzana Cabral Nunes. – Aracaju, 2008.
122 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe,
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Núcleo de Pós-Graduação em
Educação.

Orientador: Prof. Dr. Miguel André Berger.

1. Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe 2.
Ensino secundário 3. História da educação 4. Cultura escolar I. Título

CDU 37.046.12/.14(091)(813.7)

O GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1959-1968)

**APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
17 de outubro de 2008**

Prof. Dr. Miguel André Berger - Orientador

Profa. Dra. Ester Fraga Villas-Bôas Carvalho do Nascimento

Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

*Foi o tempo que dedicaste a tua rosa
que fez a tua rosa tão importante.
Antoine de Saint-Exupéry*

*Aos grandes amores de minha vida, meus filhos
Amanda e André. A vocês dedico todo meu amor,
trabalho e esforço para ser exemplo de alguém que
procura ser melhor a cada dia.*

*Aos meus pais, Jorge e Maria José (in memoriam) que
deram a mim seu exemplo de luta, coragem, superação e
fé em dias melhores, sempre.*

AGRADECIMENTOS

Mesmo que a memória falhe, quero agradecer a todos os que contribuíram de alguma forma para meu crescimento.

A Deus, meu eterno companheiro, por me permitir a graça de viver.

Aos meus filhos Amanda Nunes de Azevedo e André Nunes de Azevedo, meu maior tesouro e minha maior fonte de inspiração, por simplesmente existirem em minha vida.

A minha mãe Maria José Cabral Nunes (*in memoriam*), minha maior admiradora, que está sempre comigo e que com certeza se faz presente nesse momento tão especial em minha vida, me dando sua coragem infinita.

Ao meu pai, Jorge de Oliveira Nunes, meu braço direito, esquerdo, meu guia e grande amigo. Sem você eu não seria nada.

Aos meus irmãos Jorge Luiz Cabral Nunes e Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes, grandes idealizadores desse momento que aqui se concretiza, sempre acreditando em meu potencial e me incentivando a superar tantos momentos difíceis.

Aos meus irmãos Márcia Cristina Cabral Nunes Rosa e Anfrizio Rosa Neto, companheiros fiéis, igualmente parceiros nessa jornada.

Aos meus sobrinhos lindos Ítalo Luiz, Jeferson Neto, Tatiane e Maria Clara, por serem fonte renovada de inspiração a cada dia.

A Dona Luiza Aurora de Oliveira Salmeron e sua família por todo carinho que dedicam a mim e a minha família.

Ao Prof. Dr. Miguel André Berger, por sua sabedoria e por me ensinar que o ofício de pesquisador não se concretiza sem responsabilidade e determinação. Muito obrigada por estar comigo.

Ao Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, que orientou os primeiros passos do projeto de pesquisa e por ser um grande intelectual que engrandece a História da Educação em nossa terra.

A Profa Dra Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, com minha admiração que, com sua doçura sem deixar de ser firme, soube me indicar os caminhos da História da Educação, sugerindo ajustes tanto no Seminário de Pesquisa quanto no Exame de Qualificação para que esse sonho pudesse se tornar realidade.

A Profa Dra Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, sempre com sua elegância exterior e de espírito, por oferecer tão ricas sugestões para a versão final desta dissertação.

Aos professores do Mestrado em Educação, cada um com seu saber, dividindo-o conosco para que pudéssemos concluir o curso.

Aos meus colegas de Mestrado, com os quais dividi momentos inesquecíveis, meu agradecimento especial. Vocês ficarão para sempre em minhas lembranças.

A Edson, meu garotinho, e Geovânia, colegas secretários do Núcleo de Pós-Graduação em Educação, agradeço a solicitude, a presteza e especialmente a amizade firmada por nossa convivência ao longo do Mestrado.

A atual diretora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, Profa Marlucy Mary Gama Bispo a disponibilidade de acesso ao arquivo do Colégio e a Lúcia e Taís por me acompanharem durante a coleta de dados.

Ao Prof. Dr. José Augusto Soares Barreto Filho, coordenador do Núcleo de Pós-Graduação em Medicina, por me incentivar sempre a perseguir meu sonho e por permitir minhas ausências necessárias para alcançá-lo.

Aos professores do Núcleo de Pós-Graduação em Medicina, representados pelo Prof. Dr. Ricardo Queiroz Gurgel e pela Profa Dra Maria Jésia Vieira que, com seu constante incentivo e apoio, são exemplos para mim nessa caminhada.

A Maria Jolinda de Melo e Matos, minha irmã de coração, que tantas vezes me substituiu no trabalho, a quem devo muito, acima de tudo, o carinho com que me brinda todos os dias.

Aos meus amigos do Hospital Universitário, representados por Maria do Carmo Queiroz Gouveia, Gilson Soares dos Santos e Márcia Rosário Teixeira de Souza, que me incentivaram sempre a buscar novos caminhos de crescimento profissional através da Educação.

Aos meus colegas professores da Faculdade São Luis de França, por partilharem comigo sua amizade e formarem sem dúvida uma grande família.

A toda a equipe de colaboradores da Faculdade São Luis de França, que não medem esforços em nos atender em todas as nossas necessidades.

À equipe da Pós-Graduação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, todos importantes nessa caminhada: Dayse Goes Prado, Augusto César Vieira dos Santos, Gabriela Cardoso Marques, Francisco de Assis Pinto da Silva, Tânia Santos de Jesus e Fabrizio Pereira Dantas Silvestre, meu muito obrigada.

Aos meus queridos alunos da Faculdade São Luis de França e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC: sou eu quem aprende sempre mais com vocês a cada dia.

A Lícia Dantas, por disponibilizar tão gentilmente o material biográfico sobre sua tia, a professora Lindalva Cardoso Dantas.

A Murilo Gomes da Silva Júnior, o incentivo constante na reta final da dissertação, por seu carinho e companheirismo e por permitir dividir comigo um pouco de seu conhecimento.

A Fabiane Vasconcelos, sua colaboração na reta final foi imprescindível.

A Wladilma Correia, por corrigir em língua nativa esta dissertação.

A Maria de Fátima Félix da Silva, minha fiel companheira, que cuidou sempre com carinho de mim, de meus filhos e da minha casa nos momentos de ausência. Muito obrigada por tudo!

À Universidade Federal de Sergipe e à FAPESSE pelo apoio financeiro.

Um agradecimento especial quero oferecer aos que colaboraram dando seus depoimentos para este trabalho. Sem a contribuição de vocês, nada disso seria possível. Agradeço as horas em

que estivemos juntos e nos deliciamos com tantas boas recordações guardadas em suas lembranças.

RESUMO

Este trabalho persegue a história da criação e consolidação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe no período compreendido entre 1959 a 1968. Seu objetivo principal foi analisar a atuação do Ginásio em relação à sua função de estágio e de experimentação, através da análise da legislação que regulou a sua criação, bem como da cultura escolar e das inovações pedagógicas nele implementadas ao longo do período estudado. Para alcançar tais objetivos, empreendeu-se uma pesquisa de caráter histórico, que se utilizou de fontes diversificadas como livros de atas, jornais, registro de notas, cadernetas, leis, entrevistas e fotografias que subsidiaram o recolhimento de informações importantes para a compreensão dos aspectos que envolveram a história do Ginásio de Aplicação.

Palavras-chave: Ginásio de Aplicação; Educação; Ensino Secundário Ginasial.

ABSTRACT

This work pursues the history of the creation and consolidation of the Gym of Application of Catholic University of Philosophy of Sergipe, in the period understood among 1959 to 1968. Your main objective was to analyze the performance of the Gym in relation to your apprenticeship function and of experimentation, through the analysis of the legislation that regulated your creation, as well as of the school culture and of the pedagogic innovations in him implemented along the studied period. To reach such objectives, a research of historical character was undertaken, that was used of sources diversified as minute books, newspapers, registration of notes, notebooks, laws, interviews and pictures that subsidized the withdrawal of important information for the understanding of the aspects that they involved the history of the Gym of Application.

Keywords: Gym of Application; Education; Gymnasial Secondary teaching.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Luciano José Cabral Duarte –Fundador do Ginásio de Aplicação.....	29
FIGURA 2. Rosália Bispo dos Santos – 1ª Diretora do Ginásio de Aplicação.....	42
FIGURA 3. 1ª Turma de alunos do Ginásio de Aplicação.....	56
FIGURA 4. Professora Lindalva Cardoso Dantas – 2ª Diretora do Ginásio de Aplicação.....	69
FIGURA 5. Professor Juan José Rivas Pásqua – 3º Diretor do Ginásio de Aplicação.....	73
FIGURA 6. Professora Carmelita Pinto Fontes – Vice-diretora do Ginásio de Aplicação.....	87
FIGURA 7. Desfile de 7 de Setembro do Ginásio de Aplicação.....	95
FIGURA 8. Desfile de 7 de Setembro do Ginásio de Aplicação.....	96
FIGURA 9. Faixada do prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe onde funcionava o Ginásio de Aplicação.....	104
FIGURA 10. Área interna do Ginásio de Aplicação.....	105
FIGURA 11. Auditório da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.....	106

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Relação dos Ginásios de Aplicação e seus respectivos anos de fundação.....	35
QUADRO 2. Relação dos primeiros profesosres do Ginásio de Aplicação.....	48
QUADRO 3. Grade curricular do Ginásio de Aplicação até a Lei de Diretrizes e Bases 4.024 de 1961.....	61
QUADRO 4. Grade curricular do Ginásio de Aplicação após a Lei de Diretrizes e Bases 4.024 de 1961.....	62
QUADRO 5. Grade Curricular para o Curso Colegial do Ginásio de Aplicação.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS

CADES	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CAPES	Campanha Nacionalde Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNF	Colégio Nova Friburgo
FAFI	Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GA	Ginásio de Aplicação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
OESP	Jornal O Estado de São Paulo
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 – A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: PERCURSO PELO ENSINO SECUNDÁRIO E SUPERIOR.....	18
1.1 Ensino Secundário Brasileiro.....	18
1.2 O Ensino Secundário e Superior em Sergipe.....	24
1.2.1 A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: nascedouro de um Ginásio Sergipano.....	27
CAPÍTULO 2 – A CRIAÇÃO DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE.....	34
2.1 Mãos à Obra: o Ginásio de Aplicação vai Funcionar.....	44
2.1.1 O Exame de Admissão.....	51
2.2 A Influência das Políticas Educacionais no Currículo do Ginásio de Aplicação.....	57
2.3 A Proposta Curricular do Ginásio de Aplicação.....	60
2.4 O Sistema de Avaliação no Ginásio de Aplicação.....	63
2.5 A Consolidação do Ginásio de Aplicação.....	66
2.5.1 Ginásio de Aplicação Entrega à Sociedade sua Primeira Turma.....	78
CAPÍTULO 3 – A CULTURA ESCOLAR E O GINÁSIO DE APLICAÇÃO...	81
3.1 A Cultura Escolar: uma Perspectiva de Análise para o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.....	81
3.2 O Co-Currículo como inovação ao currículo tradicional: uma Experiência no Ginásio de Aplicação.....	83
3.3 O Jornal Mural e a Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores.....	86
3.4 As Festas e Passeios Escolares.....	92
3.5 O Grêmio Estudantil e o Clube de Ciências.....	100
3.6 A Arquitetura Escolar no Ginásio de Aplicação.....	102
3.7 A Disciplina e o Quadro de Honra.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	116

INTRODUÇÃO

O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia foi criado pela Sociedade Sergipana de Cultura¹ pelo Ato nº 34 em 30 de Junho de 1959 de acordo com o disposto pelo Decreto-Lei nº 9.053 de 12 de março de 1946 (BRASIL, 1946).

Este decreto suscitou a criação de uma série de Ginásios de Aplicação pelo Brasil e em todos eles sua destinação era igual: atender às necessidades de formação de professores para o ensino secundário, sendo campo de prática pedagógica para os mesmos, como também, servindo de campo de experimentação de novos métodos pedagógicos para aplicação na rede escolar local.

As Faculdades de Filosofia forneceram a chancela para criação desses Ginásios de Aplicação e em Sergipe não aconteceu de modo diferente. Foi a partir da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, em funcionamento desde 1951, que o Ginásio de Aplicação foi criado e sob a qual esteve vinculado até 1968 quando passou a compor a recém fundada Universidade Federal de Sergipe.

No período de 1959 a 1968 o Ginásio de Aplicação, ligado à Faculdade Católica de Filosofia, teve como supervisor e fundador o Monsenhor Luciano José Cabral Duarte², homem dedicado à educação e à cultura sergipana, e que se empenhou em fazer daquele novo estabelecimento um ginásio de qualidade, imprimindo-lhe o caráter do respeito que seu próprio nome carregava.

O estudo deste objeto perpassa por um período da História da Educação Brasileira e Sergipana que envolve a produção de leis que orientaram a educação nacional, dentre elas a Reforma Capanema e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024/1961 (BRASIL, 1961), que compuseram o retrato da educação brasileira no período estudado.

¹ Em 9 de outubro de 1950 foi criada a Sociedade Sergipana de Cultura. Segundo seu estatuto, tinha por finalidade “instruir, manter e dirigir as Faculdades e demais Institutos de caráter cultural e social que poderão, mais tarde, integrar a futura Universidade Católica de Sergipe”. (ESTATUTO, 1950)

² A utilização da nomenclatura referente a Luciano José Cabral Duarte nesta dissertação atende à seguinte cronologia: foi ordenado padre em 1948 e atuou como Monsenhor entre os anos de 1958 e 1965. Em 1966 foi consagrado bispo auxiliar da diocese de Aracaju, passando a ser chamado de Dom Luciano José Cabral Duarte. (MORAIS, 2008)

Nesta dissertação, portanto, estes são temas recorrentes que certamente influenciaram não só a criação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia, como também lhe imprimiram as características que marcaram sua constituição e posterior consolidação.

O projeto inicial que deu origem a este trabalho tinha a pretensão de investigar as práticas de administração escolar do Ginásio de Aplicação, numa linha de investigação que percorreria as direções que passaram pela instituição, sua caracterização e elementos correlatos. Entretanto, a aproximação com o objeto e os depoimentos colhidos ao longo da pesquisa nos fizeram perceber a necessidade de ampliação da pesquisa, de modo a contemplar o Ginásio de uma maneira mais ampla, tratando de sua história e características marcantes.

A escolha temporal feita pelos primeiros nove anos do Ginásio de Aplicação, ou seja, da sua fundação em 1959 até o ano de 1968, justificam-se por atender ao objetivo do trabalho, qual seja, tratar da criação e consolidação dessa instituição, pois nesse período foi possível investigar a constituição do Ginásio como campo de estágio e de implementação de novas práticas pedagógicas, contemplando sua história até a fundação da Universidade Federal de Sergipe.

Ao longo dos nove anos pesquisados, as mudanças observadas nesta instituição marcam também sua história. Fundado como Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, iniciou sua primeira turma em 1960 com 25 alunos e a cada ano acrescentava mais uma turma de 30 alunos aprovados em exame de admissão, dando seqüenciamento ao primeiro ciclo ginásial do ensino secundário, de um total de 4 anos. Só em 1966 é que o Ginásio, já denominado Colégio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia, implantou sua primeira turma de ensino secundário de segundo ciclo, a qual poderia ser desdobrada entre o curso clássico ou científico, atendendo ao que preceituava a Lei 4.024/61. Com a criação da Universidade Federal de Sergipe, o Ginásio passou a integrar a rede de escolas públicas federais que ofertavam o ensino médio secundário de primeiro e segundo ciclos mantidas pelo Ministério da Educação e foi denominado de Colégio de Aplicação.

No período investigado estiveram na direção do Ginásio três professores: Rosália Bispo dos Santos que, juntamente com Mons. Luciano Duarte, foi fundadora da instituição, lá permanecendo até 1965; Lindalva Cardoso Dantas, já falecida, que o dirigiu de 1966 a 1967 e Juan José Rivas Pásqua, que esteve à frente da direção no período de 1968 a 1969. Todos

estes diretores, assim como os professores do Ginásio e, posteriormente Colégio de Aplicação, vinham em sua grande maioria da própria Faculdade Católica de Filosofia e eram selecionados pelo supervisor.

O interesse pelo estudo do Ginásio de Aplicação iniciou-se a partir da experiência como ex-aluna da instituição no período de 1982 a 1988. Apesar de passados 23 anos desde sua criação, ainda era uma instituição que se distinguia pela qualidade de seu ensino e que provocava orgulho naqueles que lá estudavam. Além disso, era recorrente na fala dos funcionários e professores mais antigos a memória dos “tempos de ouro” do Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia. Àquela época, apesar de não entender muito bem a extensão de tais depoimentos, esta memória já nos indicava que o colégio onde estudávamos era uma grande instituição, o que reforçava nossa estima por ele.

Apesar de tantas indicações de ser uma instituição relevante para o contexto da Educação em Sergipe, não havia ainda suscitado nenhum trabalho de investigação mais aprofundado, conforme levantamento realizado por Nascimento (2003) no período de 1916 a 2002, o que nos instigou ainda mais em elegê-lo como objeto de estudo.

A escolha do Ginásio de Aplicação como objeto de investigação científica deu-se também com a participação em disciplinas isoladas no Mestrado em Educação entre os anos de 2004 e 2005, e de um encantamento com as questões educacionais e de pesquisa que tais disciplinas despertaram. Mais especificamente com a participação na V Semana de Educação da UFS em 2005, em um minicurso sobre Instituições e Práticas Escolares, onde este interesse foi acentuado, pois a partir daí foi possível perceber a importância que estudos dessa natureza têm para o desvendamento da História da Educação Brasileira.

Com a ampliação das possibilidades de pesquisa no campo da História da Educação, os estudos sobre a história de instituições escolares são considerados de importância crucial, principalmente pela possibilidade de estudo do cotidiano da escola, entendida em seu amplo contexto material e das relações subjetivas estabelecidas por seus agentes.

Esta nova perspectiva, acompanhada por relevantes investigações de teóricos ligados à História da Educação, tem permitido o alargamento das possibilidades de pesquisa

que lançam um olhar mais aguçado sobre elementos e fontes até então desprivilegiados pelos estudos historiográficos.

Na produção historiográfica do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe encontramos trabalhos que ajudam a compreender o universo das instituições escolares e a metodologia de pesquisa baseada na Nova História Cultural³.

Dentre estes trabalhos destacamos a dissertação de Ester Fraga Villas-Boas Carvalho do Nascimento, que versou sobre a Escola Americana e as origens da Educação protestante em Sergipe. Percorrendo esse objeto, a autora buscou desvendar a proposta educacional protestante e perceber de que forma ela representou um fator de transformação da realidade dos sergipanos convertidos à nova fé, e a maneira pela qual seu repertório cultural foi substituído por uma nova forma de pensar e agir. (NASCIMENTO, 2004)

Baseando-se numa pesquisa de reconstituição histórica, pontuando as características principais da denominação presbiteriana, a autora privilegiou como fontes elementos diversificados como atas de igrejas, relatórios da missão, cartas dos missionários, jornais, documentação confessional, monumentos, ruínas, cemitérios, túmulos, Igrejas, Livros de Tombo, cartas circulares, sendo, assim, um dos primeiros estudos a privilegiar a análise da educação a partir da cultura escolar.

Outro estudo de relevância é o de Teresa Cristina Cerqueira da Graça (2002) intitulado “Pés de anjo e letreiros de néon: ginasianos e Aracaju dos anos dourados”. Neste trabalho, a autora investigou os jovens ginasianos de Aracaju na década de 1950 e 1960, a fim de reconstruir suas práticas escolares, tentando captar sua singularidade e multiplicidade em conexão com a cultura urbana da cidade.

³ O trabalho desenvolvido pela Profa Dra Ester Fraga Villas-Boas Carvalho do Nascimento foi o pioneiro no Núcleo de Pós-Graduação em Educação a pesquisar sobre Cultura Escolar e o da Profa MSc Teresa Cristina Cerqueira da Graça abordou instituições de ensino secundário, cuja temática aproxima-se das investigações desenvolvidas nesta pesquisa. Além destes, outras pesquisas também foram realizadas tendo como foco de análise o estudo de instituições escolares e da cultura escolar a exemplo da pesquisa de Rosimeire Macedo Costa (2003), de Francisco Igor de Oliveira Mangueira (2003), de Solange Patrício (2003), de Marco Arlindo Amorim Melo Nery (2006) e de Maria de Lourdes Porfírio Trindade dos Anjos (2006), dentre outras.

Para tanto utilizou-se da análise historiográfica, promovendo o diálogo com as demais disciplinas das ciências humanas, e utilizando-se também de fontes diversificadas tais como entrevistas, anúncios, crônicas jornalísticas, fontes iconográficas e documentos oficiais.

Nesta dissertação, a autora identificou os principais estabelecimentos de ensino secundário, ensino este que era oferecido pelas escolas de Aracaju na década de 1950 e que deixaram sua marca:

Na memória da comunidade escolar, as escolas secundárias ministravam um ensino de “alto nível” e toda a tradição pedagógica nelas encarnadas resultava em benefícios pessoais e garantiam sucesso profissional futuro aos alunos. (GRAÇA, 2002, p.105)

Na aproximação com o universo investigativo que envolve instituições escolares, buscamos em Werle (2004) compreender os espaços distintos que permitem a análise deste universo: o espaço objetivo e o espaço subjetivo. Para a autora, o espaço objetivo representa sua materialidade, o que inclui não apenas seu espaço físico, mas também suas propostas pedagógicas, administrativas e suas formas de disciplinamento. Já o espaço subjetivo representa o lugar onde se constrói (e reconstrói) a memória dos atores que vivenciaram o universo da instituição, como também das relações estabelecidas entre estes atores no tempo e no espaço, ou seja, seu “espaço não material”. (WERLE, 2004)

A noção trazida pela autora indica a História Oral como o caminho possível do entendimento das subjetividades a que a instituição está sujeita e que definem sua identidade pluridimensional, da mesma maneira que apontado por Oliveira e Gatti Júnior (2002).

Neste sentido, e a partir do conceito trazido por Werle (2004), buscamos a compreensão do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, entendendo-o como lugar de ação social marcado pelo tempo, espaço e pessoas, com organização jurídica e material próprio, implicando sua análise enquanto espaço real seja objetivo ou subjetivo de investigação.

Na produção acadêmica relacionada a instituições escolares identificamos trabalhos sobre Ginásios de Aplicação em outros Estados. Dentre os Ginásios de Aplicação, o da Universidade Federal do Rio de Janeiro – CAP-UFRJ mostrou-se o mais investigado. Seja pelo fato de ter sido a primeira instituição do gênero criada no Brasil, seja pela existência de um arquivo organizado com toda a documentação pertinente à história de vida da instituição,

o fato é que diferentes olhares têm sido lançados sobre o CAP - UFRJ, como a dissertação de Mafra (2006). Intitulada “Uma Escola Contra a Ditadura: a participação política do CAP-UFRJ durante o regime militar brasileiro (1964-1968)”, trata da análise da participação política dos alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro durante o período de 1964 a 1968, anos de início da Ditadura Militar no Brasil.

Analisando a proposta pedagógica e a atuação de professores na formação dos alunos do Colégio, a autora percebeu que os objetivos de criação perpassavam uma dinâmica mais abrangente da realidade educacional brasileira, a qual encontrava suas balizas no Movimento Escolanovista (MAFRA, 2006).

Citando o exemplo da Lei Orgânica do Ensino Secundário, promulgada em 09 de abril de 1942, a autora destacou, entre esses pressupostos:

[...] orientação para que os estabelecimentos de ensino secundário adotassem “processos pedagógicos ativos” e para que a relação entre alunos e professores fosse de “ativa e constante contribuição”; maior preocupação com “segurança” do que com “extensão” do conhecimento. (MAFRA, 2006, p. 19)

Estas propostas educacionais começaram a desenhar uma nova estrutura educacional no Brasil a partir da década de 40, onde o ensino superior começou a ver esboçada sua estrutura atual e iniciou-se uma maior preocupação com a formação de professores para o ensino secundário.

Segundo Mafra (2006, p.19), os preceitos escolanovistas também se viam contemplados no Decreto-Lei N. 9.053 de 1946, que instituiu os Ginásios de Aplicação, pois ressaltava um importante princípio defendido pelos Pioneiros da Educação cujo caráter pragmático reforçava a idéia da prática como elemento fundamental para o aprendizado. Além disto, como um dos objetivos mais realçados pela referida lei era a formação dos alunos das Faculdades de Filosofia, essa formação a partir da ótica escolanovista, representava a inculcação de seus preceitos nos futuros professores do ensino secundário e, conseqüentemente, na difusão das idéias do movimento. (MAFRA, 2006)

Ao final, a autora destacou as hipóteses levantadas e o caminho seguido para chegar à sua investigação. Também apontou as dificuldades encontradas ao longo do processo de construção do trabalho e as possibilidades de desdobramentos que a sua pesquisa ainda permitia, relevantes para desvendar o universo do CAP-UFRJ.

Outra autora que também escreveu sobre o CAP-UFRJ foi Abreu (1992). Com um livro intitulado “Intelectuais e guerreiros: o Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968”, ela buscou descrever toda a história de criação da instituição. Diferentemente de Mafra, Abreu (1992) privilegiou os depoimentos dos ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos para construir seu objeto de estudo, dando destaque às histórias de vida destes sujeitos. Objetivou realizar um estudo histórico-sociológico sobre a instituição, a fim de compreender os mecanismos de formação de uma elite intelectual e de uma geração de guerrilheiros atuantes contra a repressão militar.

A participação crítica dos alunos despertada pelas atividades culturais e extra-curriculares, sua mobilização na Caixa Escolar e no Grêmio Estudantil, a formação universitária dos professores e a preocupação com a formação integral do jovem são alguns dos aspectos apontados pela autora como indicadores que notadamente influenciaram a ação política dos alunos formados pelo CAP-UFRJ. (ABREU, 1992)

Investigando a mesma instituição, Frangella (2000) objetivou retomar a trajetória de criação do CAP-UFRJ analisando a formação de professores através da investigação do processo cotidiano de construção do currículo como parâmetro para o desenvolvimento das demais instituições que foram criadas posteriormente a ele.

Frangella ressaltou que, inicialmente denominado de Colégio de Demonstração, o Colégio de Aplicação tinha entrelaçadas duas propostas fundamentais: a preocupação com a formação de professores e o fomento a uma tradição de pesquisa educacional. Tanto que, como escola laboratório, o CAP-UFRJ incitou a construção de um currículo que envolvia o processo de construção dos saberes docentes, ressaltando uma preocupação maior com o desenvolvimento de métodos capazes de aprimorar o saber fazer docente, ou, conforme diz a autora, com o “como ensinar” e não com “o que ensinar”, e também com a formação continuada deste mesmo profissional. (FRANGELLA, 2000)

No entanto, a autora ressaltou que tais experiências deveriam ser consideradas a partir do lócus onde foram produzidas, no caso, no ambiente da Faculdade Nacional de Filosofia, que proporcionou as condições e os recursos necessários para que o CAP-UFRJ experimentasse a proposta de implementação de um modelo educacional inovador e pioneiro para a época. (FRANGELLA, 2000)

Barros (1988) empreendeu um estudo que buscou avaliar a pertinência das funções atribuídas aos Colégios de Aplicação com o objetivo de formular alternativas para a redefinição conceitual desses colégios. Utilizando-se de um enfoque sistêmico, a autora investigou as instituições ligadas às Universidades Federais a fim de compreender o papel desempenhado pelas instituições desse nível.

Para isto conceituou estes colégios a partir dos dispositivos legais e empreendeu uma pesquisa que utilizou entrevistas e um questionário que foi respondido pelos representantes de cada estabelecimento.

Ao final, Barros (1988) demonstrou que os Colégios de Aplicação, apesar de serem criados para cumprir com o objetivo de serem prática docente dos alunos de Didática das Faculdades de Filosofia, como também de ser campo de experimentação pedagógica, não tiveram suas funções desenvolvidas na mesma proporção por falhas na própria legislação que limitou a atuação destas escolas ao ensino de primeiro ciclo do ensino secundário, fato que se manteve constante ao longo da existência de todos os colégios analisados pela autora, excetuando-se apenas o caso do Colégio de Aplicação do Rio de Janeiro.

Além disto, o fato de terem sido agregados às Universidade Federais tornou difícil para os colégios conciliarem suas duas funções precípuas, pois com a criação das Faculdades de Educação e o aumento do número de licenciandos, tais instituições ficaram com a incumbência de atender a esta demanda, o que levou a uma difusão dos estágios acadêmicos pelas redes escolares estaduais e municipais.

Em outras palavras, a necessidade de reconceitualização, proposta por Barros implicou em desenvolver e aplicar um projeto onde o Ginásio de Aplicação fosse considerado como escola-meio e que pudesse integrar as atividades desenvolvidas na Faculdade de Educação e atingir escolas da comunidade local numa ação integrada entre uma Escola-Padrão e Unidades de Articulação e estender as experiências às escolas secundárias. (BARROS, 1988)

Estes estudos sobre os Ginásios de Aplicação contribuíram para a compreensão do mecanismo de criação destes estabelecimentos em outros Estados, além de possibilitar a observação de suas funções e peculiaridades diante do universo pesquisado.

O valor desta instituição para a educação sergipana, sua história não só de formação de nomes importantes para a cultura em nosso Estado, como também de inovação e vanguarda na educação ginásial secundária são suficientes para destacar a relevância deste trabalho que se debruça sobre o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

O andamento das investigações e a aproximação com as fontes pesquisadas levou-nos a alguns questionamentos que nortearam esta dissertação: o Ginásio de Aplicação cumpriu com as funções para as quais foi criado, ser campo de estágio para os alunos da Faculdade de Filosofia e de implantação de novas técnicas pedagógicas? Quais condições favoreceram ou dificultaram o processo de criação do Ginásio de Aplicação? Como se consolidou essa instituição? Em que essa instituição diferenciou-se de suas congêneres?

Para responder a estas questões a pesquisa teve como objetivo geral analisar a atuação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em relação à sua função de estágio e de experimentação no período de 1959 a 1968. Sendo um norte de compreensão ampliado, este objetivo foi desdobrado em outros que, de forma específica, atenderam à necessidade inicialmente proposta, levando-nos, portanto, a analisar a legislação referente à criação do Ginásio de Aplicação; a descrever sua trajetória de implantação e consolidação; e a analisar a cultura escolar e as inovações pedagógicas implementadas neste Ginásio ao longo do período estudado. Nessa perspectiva, o Ginásio de Aplicação foi definido como objeto privilegiado de pesquisa, a partir do qual se desenvolveram todas as discussões necessárias para responder aos questionamentos propostos.

Para compreender com maior clareza o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi necessária a aproximação com os conceitos de teóricos que pudessem estabelecer as correlações presentes no objeto estudado em seu contexto social e sua implicação para a construção histórica de sua identidade institucional.

Dentre estes autores recorreremos a Pierre Bourdieu, sociólogo francês que baseou sua teoria na investigação sociológica do sistema de ensino na França, detectando na circulação dos bens culturais e simbólicos o jogo de dominação e reprodução de valores observado na escola.

Segundo Nogueira, o deslocamento analítico proposto por Bourdieu permitiu um novo olhar para o que antes era visto apenas como igualdade de oportunidades ou mesmo justiça social para enxergar “a reprodução e legitimação das desigualdades sociais”. (NOGUEIRA, 2004, p.15)

Para compreender este mecanismo de reprodução, Bourdieu lançou mão de conceitos que procuram explicar de que forma as classes dominantes legitimam sua posição social e a perpetuam ao longo do tempo. Estes conceitos também foram fundamentais para compreender as práticas desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e a noção de reprodução cultural que permeia a história desta instituição.

O primeiro conceito utilizado é o de *habitus*. Para Bourdieu o *habitus* representa:

[...] um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados. (BOURDIEU, 2005, p. XLI)

O *habitus* permite a correlação, segundo Bourdieu (2005), entre o domínio das estruturas e o domínio da práxis de modo a gerar um modelo dinâmico que favorece a reprodução social. De outra forma, Bourdieu também aponta o *habitus* como:

Um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar, e constantemente repostos e reatualizados ao longo da trajetória social restante, que demarcam os limites da consciência possível de ser mobilizada pelos grupos e/ou classes, sendo assim responsáveis, em última instância, pelo campo de sentido em que operam as relações de força (BOURDIEU, 2005, p.XLII)

Ou seja, os grupos sociais tendem a incorporar este *habitus* tanto através da família quanto da escola pelas percepções, posturas, representações sociais e relações de classes. Para que o *habitus* realize plenamente o seu poder de perpetuação, necessita, no entanto, de um espaço legítimo onde se estabelece a circulação de bens denominados simbólicos, destituídos de efeito concreto e material. Esse espaço é o que Bourdieu denomina de campo. Segundo o autor, o campo simbólico é “um conjunto de aparelhos mais ou menos institucionalizados de produção de bens culturais” (BOURDIEU, 2005, p.LIII).

O conceito de campo simbólico proposto por Bourdieu (2005) possui um duplo sentido: do conhecimento da organização interna desse campo, e da percepção de sua função ideológica e política, os quais promovem a legitimação do sistema de dominação vigente. No campo simbólico, manifesta-se o poder proveniente das lutas simbólicas que reforça as desigualdades sociais reproduzidas de modo arbitrário nas estruturas sociais ou nos agentes individuais.

O engendramento destes preceitos leva os indivíduos, na visão de Bourdieu (2005), a se posicionar no campo a depender do capital acumulado ao longo de sua existência, seja ele capital social, capital simbólico, capital político ou capital econômico.

O capital cultural, principal categoria de análise nesta dissertação, é adquirido a partir dos conhecimentos e informações apreendidos pelo indivíduo não só em sua convivência familiar, mas também pelos benefícios advindos de uma convivência escolar, através da sua disposição em permanecer na escola pelo tempo que for necessário para ter acesso, e se apropriar, dos bens culturais nela disponíveis.

Neste sentido, Bourdieu destaca em três as formas de capital cultural:

[...] estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos e máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias de problemáticas, etc.; e, enfim, no seu estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é supostamente a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 1998, p.74)

Todos estes conceitos abordados por Bourdieu foram fundamentais para compreender e responder as questões que envolvem o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe no que diz respeito à formação da juventude sergipana, dando-lhes não só uma fundamentação teórica relativa aos conhecimentos necessários à sua formação universitária, como também ao seu desenvolvimento cultural. É por este caminho que entendemos a história do Ginásio de Aplicação como um campo fértil de perpetuação da cultura de uma época através de sua própria cultura, fomentando nos alunos a produção e circulação do conhecimento.

Outros autores foram trazidos à baila a fim de vislumbrarmos com mais clareza as questões relacionadas à educação brasileira e sergipana como Zotti (2004), Nunes (1999), Bontempi Jr (2006) e Berger (2002), dentre outros.

A cultura material escolar também se configura em um dos conceitos abordados neste trabalho. A partir da Escola dos Annales e sua influência para a historiografia francesa, novos olhares promoveram uma revolução no campo da História da Educação. Essa mudança no enfoque das pesquisas deu-se principalmente a partir da década de sessenta, onde se tornou crescente o interesse pela história da cultura, traduzido pelo movimento denominado Nova História Cultural.

Segundo Nunes e Carvalho (1993, p.44), ao se considerar esta nova perspectiva, considerou-se, também, novos aspectos que foram antes “descurados” pela investigação histórica. Segundo elas:

‘velhos objetos’ tornam-se agora ‘novos’, porque são apanhados numa perspectiva que realça sua materialidade de dispositivos, através dos quais bens culturais são produzidos, postos a circular e apropriados. (NUNES; CARVALHO, 1993, p.44)

É a partir desta visão que a cultura escolar tornou-se objeto histórico, cuja investigação requer estudos que vão além das fontes tradicionais e se ampliam em busca do estabelecimento das práticas e da apropriação de modelos pelos agentes educacionais.

Para sua compreensão, apoiamo-nos em Dominique Juliá que a entende como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p.9).

A possibilidade de estudar a cultura escolar, na visão de Juliá, requer um olhar para o funcionamento interno da escola, de modo a identificar as práticas de ensino utilizadas em sala de aula e o que ocorre em seu espaço particular. Para tanto, aponta como caminhos na prática investigativa da cultura escolar o estudo de variadas fontes como os arquivos escolares, as disciplinas, as normas que regem a escola, os projetos pedagógicos, a profissionalização dos professores, os conteúdos ensinados e as práticas escolares. Há que se resgatar, no entanto, ainda segundo o autor, as relações que essa cultura mantém com as demais que cercam a sociedade a cada período histórico analisado, seja ela religiosa, política ou mesmo popular. (JULIÁ, 2001, p.10)

Sua visão analítica, entretanto, nos orienta para a tarefa de investigar a escola numa perspectiva crítica, a qual exige a recontextualização das fontes, pois segundo ele, devemos:

Estar conscientes de que a grande inércia que percebemos em um nível global pode estar acompanhada de mudanças muito pequenas que insensivelmente transformam o interior do sistema; convém ainda não nos deixarmos enganar inteiramente pelas fontes, mais frequentemente normativas que lemos. A história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de se reconstruir porque ela não deixa traço: o que é evidente em um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito? (JULIÁ, 2001, p.15)

O que Juliá pretende alertar em sua fala refere-se à intencionalidade não só presente na escrita como também no arquivamento de documentos escassamente encontrados nos arquivos escolares, principalmente pela pouca preocupação com a sua conservação pelas instituições educacionais. (JULIÁ, 2001)

Juliá (2001) nos conta, por exemplo, que os exercícios escolares escritos foram pouco conservados, dado o descrédito atribuído a esse gênero de produção, assim como a obrigação em que periodicamente se acham os estabelecimentos escolares em ganhar espaço e que os leva a desprezar boa parte dos documentos produzidos pela escola.

Segundo Vidal (2005) há um duplo percurso nas abordagens adotadas a respeito da cultura escolar: um inicial que se detém à fundamentação teórica que possibilite a construção da escrita histórica “no duplo registro de uma condição de pesquisa de campo e de uma recriação da análise pelo manuseio das fontes” (VIDAL, 2005, p.5); e outro caminho que aponta para a pesquisa debruçada sobre as fontes em História da Educação visando sua localização, sistematização, organização, socialização e problematização, destacando a constituição dos Centros de Memória e Documentação em diversas universidades brasileiras, e neste sentido os trabalhos realizados especificamente com os arquivos escolares. (VIDAL, 2005)

No Brasil as diferentes acepções da cultura escolar têm propiciado a produção de vários trabalhos em História da Educação, demarcando apropriações que se concentram em torno de três perspectivas: saberes, conhecimentos e currículos; espaço, tempos e instituições escolares; e materialidade escolar e métodos de ensino. (FARIA FILHO et al., 2004)

Souza (2000) nos coloca que, além das fontes documentais tradicionalmente utilizadas para a História da Educação, um conjunto diversificado e significativo de fontes pode ser empregado no estudo da cultura escolar, isto é, documentos produzidos pelos órgãos da administração do ensino para serem utilizados pelas escolas (relatórios, anuários, periódicos educacionais, orientações didáticas, manuais escolares, programas de ensino, despachos, entre outros) e documentos produzidos pelos agentes educacionais como diários, semanários, cadernos e trabalhos de alunos, provas, livros didáticos, fotografias, depoimentos orais, entre outros, fontes diversificadas que podem ser encontradas em arquivos tradicionais, mas também em arquivos pessoais, nos guardados dos ex-alunos e profissionais da instituição. No caso do objeto em estudo, tanto os documentos encontrados no arquivo do Ginásio como os conservados por alguns ex-alunos e ex-diretores permitiram dar significado à história dessa instituição.

Vários outros aspectos como o estudo das disciplinas, do currículo, da normatização e distribuição do tempo, como também das práticas de ritualização e teatralização podem contribuir para a compreensão do papel cultural da escola em relação à produção de mentalidades. Além disto, o estudo sobre o espaço escolar, na visão de Frago e Escolano (1998), também diz muito sobre a sua cultura, pois segundo os autores, a arquitetura escolar não é algo inerte, mas impõe sua materialidade a uma determinada aprendizagem.

Diante das considerações expostas, podemos apreender que o estudo em História da Educação está intrinsecamente relacionado à investigação sobre o cotidiano escolar e que vários são os aspectos que podem ser considerados como fontes para se chegar às conclusões de uma pesquisa.

Entretanto, por mais que pareçam estar esgotadas, as nuances que envolvem as práticas e representações dos agentes e do ambiente escolar, as fontes sempre guardarão uma possibilidade a mais para um novo questionamento, para mais uma indagação e, assim, para uma nova pesquisa historiográfica.

Este trabalho teve como objeto de investigação o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Desta instituição, eleita como campo empírico, buscou-se analisar a sua criação e consolidação no período de 1959 a 1968, conforme já justificado anteriormente.

Como um estudo histórico, buscamos olhar para o objeto pela visão da investigação que trata o conhecimento histórico como “uma construção do real e não o real” (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURI, 2002, p. 63), analisando de maneira desprovida dos preconceitos e julgamentos os fatos passados. (FENELON, 2006)

Seguimos a orientação metodológica proposta pelos novos estudos relacionados à historiografia educacional, que permitiram não só a utilização de diferentes fontes históricas, mas uma análise mais aguçada sobre os componentes escolares que pudessem dar conta da especificidade do objeto em estudo.

Foram desta forma privilegiadas fontes iconográficas, os impressos de circulação local, relatórios de notas finais dos alunos, atas das reuniões de professores e de pais, ofícios, cadernetas de notas, dentre outras, todas utilizadas para compor o corpus documental necessário à compreensão do como se deu a criação dessa instituição.

Para investigar as relações subjetivas e recompor as condições de criação do Ginásio foi necessário utilizar como técnica de coleta de dados a entrevista, entendida por Szymanski, Almeida e Prandini (2002) como a interação produzida a partir da troca de significações e valores entre os sujeitos, cercada pelas emoções e sentimentos destes mesmos sujeitos.

A análise das entrevistas foi possível a partir dos pressupostos da História Oral, a qual permite a compreensão dos depoimentos obtidos através da entrevista, identificando as subjetividades presentes nas narrativas dos sujeitos que fazem parte da história estudada.

Permite ainda, segundo Demartini (2006) indagar e interrogar as memórias dos sujeitos, num processo investigativo que leva à compreensão do passado e do presente, suas práticas, representações e ideologias. Para a autora:

[...] durante o processo de pesquisa, as memórias são construídas a partir da relação pesquisador e sujeitos entrevistados, pautadas em preocupações com determinadas problemáticas e com alguns objetivos de algum modo previstos.; mas as memórias dos sujeitos parecem sempre extrapolar as expectativas, indicam novos temas e questões, nem sempre perceptíveis no momento mesmo do trabalho de campo e das primeiras análises. (DEMARTINI, 2006, p.49)

Desta forma, na tarefa de entrevistar os participantes da história do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, a relação estabelecida entre

pesquisador e entrevistado cercou-se destas preocupações, pois, a cada entrevista, enfatizamos o cumprimento dos horários previamente marcados, a delicadeza no acesso às pessoas, muitas delas já com idade avançada, a elaboração prévia de um roteiro de questões e a instrumentalização da entrevista, possibilitando o levantamento de informações não presentes, por exemplo, nos documentos oficiais encontrados. O resultado das entrevistas extrapolou, conforme Demartini (2006), as expectativas quanto à riqueza de informações necessárias para uma compreensão mais ampla do processo de criação e consolidação do objeto.

Além da entrevista e para atender ao objetivo de analisar a criação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, foram utilizadas como fontes nesta investigação leis, atas, documentos, relatórios e jornais de circulação da época, principalmente o Jornal “A Cruzada”⁴, constituindo-se, assim, um corpus documental o qual foi analisado pela perspectiva de documento/monumento de Jacques Le Goff, pois esse teórico conceitua o documento como monumento histórico, estabelecendo suas diferenças e correlações e sua importância para o trabalho do historiador. (LE GOFF, 1984)

Por fim, ressaltamos que as fontes iconográficas foram utilizadas neste trabalho não apenas para retratar figurativamente a história aqui contada sobre o Ginásio de Aplicação, mas na perspectiva de uma História da Visualidade tal qual apontada por Oliveira (2005). Para a autora, estudar essas fontes apenas como acessórios que ilustram o texto escrito é cerceá-las da análise das condições de sua produção e do processo de construção cultural promovido pelos diferentes agentes sociais envolvidos em torno da escola. A História da Visualidade imprime essa possibilidade:

[...] as imagens visuais não têm o mesmo estatuto do texto escrito, mas é necessário observá-las como um diferente, como um interlocutor privilegiado do texto escrito, compartilhado no texto cultural, com suas especificidades materiais e formais e história própria. (OLIVEIRA, 2005, p.2)

Os capítulos desta dissertação foram assim estruturados: o primeiro capítulo trata da trajetória da Educação no Brasil e em Sergipe, destacando a constituição do ensino secundário ao longo do século XX e apresentando uma breve história da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, berço do Ginásio de Aplicação.

⁴ Segundo Moraes (2008) o Jornal A Cruzada era um impresso de orientação católica e foi fundado em 1919 pelo bispo da Diocese de Aracaju, Dom José Thomas, e circulou ao longo do século XX em Sergipe.

Num segundo capítulo são abordados as condições e o processo de criação do Ginásio de Aplicação, apresentando as determinações presentes na legislação que fundou esses estabelecimentos no Brasil, destacando sua função de campo de estágio para os alunos da Faculdade Católica de Filosofia. Este percurso é feito apresentando também as características iniciais do Ginásio, com um breve relato dos períodos de cada direção dentro do marco temporal eleito neste trabalho e suas características que marcaram não só a criação, mas a consolidação desta instituição.

O terceiro capítulo apresenta a cultura escolar do Ginásio de Aplicação, destacando sua atuação na formação de jovens intelectuais na década de 1960 em Sergipe, e apresentando as inovações pedagógicas desenvolvidas nessa instituição e que atendiam ao que preceituava o decreto de sua criação.

Ao final, são apresentadas algumas considerações sobre a pesquisa desenvolvida e as impressões finais a respeito do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: PERCURSO PELO ENSINO SECUNDÁRIO E SUPERIOR

1.1 ENSINO SECUNDÁRIO BRASILEIRO

O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe caracterizava-se como instituição de ensino secundário do primeiro ciclo ginasial, de acordo com o que determinava a legislação que regulamentou e orientou sua criação. Neste sentido, o estudo do ensino secundário brasileiro apresentou-se como possibilidade que permitiu a compreensão não só do objeto em análise, mas também da História da Educação Brasileira, a partir das intenções de governos e educadores diante das diversas propostas educacionais que a perpassaram. Suas particularidades revelaram características específicas relacionadas a este tipo de ensino, especialmente se considerarmos sua situação no transcorrer da trajetória do sistema educacional brasileiro.

Trazendo à luz os aspectos do ensino secundário brasileiro, podemos perceber as correntes políticas, econômicas e sociais que permitiram um conhecimento mais aprofundado das questões educacionais e de sua influência na constituição desse ramo do ensino no Brasil. Detemo-nos nesse nível de ensino diante da necessidade de compreensão dos elementos que cercaram a criação e consolidação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia sem, contudo, ter a pretensão de esgotar o assunto, mas apenas para melhor situar a análise que se empreenderá adiante.

Com a Proclamação da República surgiram, em 1890, as primeiras tentativas de caracterização de um ensino secundário obrigatório. O ensino secundário era visto como meio para que os filhos da aristocracia latifundiária ascendessem às escolas superiores, de forma que se fortaleceu o sistema de cursos preparatórios, em detrimento de uma escola seriada, a qual daria uma configuração mais adequada a esse nível de ensino. Ao Estado cabia a formação primária fundamental e o ensino secundário e superior era visto como formador das elites.

Nos primeiros anos do século XX, período denominado de Primeira República, o destino e o desenvolvimento da nação representava o cerne das discussões entre políticos e educadores e a necessidade de formação educacional da juventude passou a ser um dos temas centrais de debates, que culminaram com propostas que visavam fornecer o modelo educacional que possibilitasse atingir tais objetivos. Os educadores que estiveram envolvidos neste processo deram início a intensos debates nacionais sobre a questão educacional, o que culminou não só com uma série de reformas como a empreendida por Anísio Teixeira, no Distrito Federal, como também com a elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Tratava-se de um documento assinado por intelectuais e educadores que pretendiam imprimir um caráter progressista à política educacional brasileira. Segundo Brandão,

Os Pioneiros estavam propondo sim, a renovação da escola; mas estavam também inaugurando o campo educacional enquanto área de saber específico e campo de legitimidade política do debate a respeito do papel da educação na construção do Brasil moderno. (BRANDÃO, 1999, p. 61)

Nessas discussões, os debates giravam em torno de propostas diferentes: a primeira delas ficou conhecida como Movimento Escolanovista e cujos defensores eram considerados os Pioneiros da Educação Nova. Baseando-se no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, escrito em 1932, esta concepção que se pretendia para a Educação primava por um modelo que pudesse levar o aluno a desenvolver seu conhecimento através da experimentação dos conteúdos, numa concepção eminentemente pragmatista.

A nova doutrina, que não considera a função educacional como uma função de superposição ou de acréscimo, segundo a qual o educando é "modelado exteriormente" (escola tradicional), mas uma função complexa de ações e reações em que o espírito cresce de "dentro para fora", substitui o mecanismo pela vida (atividade funcional) e transfere para a criança e para o respeito de sua personalidade o eixo da escola e o centro de gravidade do problema da educação. Considerando os processos mentais, como "funções vitais" e não como "processos em si mesmos", ela os subordina à vida, como meio de utilizá-la e de satisfazer as suas múltiplas necessidades materiais e espirituais. A escola vista desse ângulo novo que nos dá o conceito funcional da educação, deve oferecer à criança um meio vivo e natural, "favorável ao intercâmbio de reações e experiências", em que ela, vivendo a sua vida própria, generosa e bela de criança, seja levada "ao trabalho e à ação por meios naturais que a vida suscita quando o trabalho e a ação convêm aos seus interesses e às suas necessidades. (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 1932)

Tal movimento pretendia que a Educação, de uma maneira geral, fosse oferecida pelo Estado a toda a população, baseando-se nos princípios da laicidade, da gratuidade, da obrigatoriedade e da coeducação.

A segunda proposta era representada pelos que defendiam a permanência do modelo educacional tradicional, e cujos defensores estavam ligados aos estabelecimentos de ensino particulares, que representavam a maioria das instituições fundadas a partir dos preceitos da religião católica. Esses dois segmentos tinham como campo propício de debates a ABE – Associação Brasileira de Educação - que se tornou palco privilegiado para a discussão das questões educacionais, imprimindo-lhes legitimidade.

Entretanto, estas disputas estavam longe de serem efetivamente desinteressadas, conforme aponta Brandão:

A geração dos pioneiros não agia desinteressadamente, do ponto de vista político, como a versão azevediana procurou registrar. Lutavam pela construção e consolidação da hegemonia cultural que lhes daria condições de definir a organização do aparelho educacional, em consonância com o projeto de sociedade que idealizavam [...]. (BRANDÃO, 1999, p. 49)

Não obstante a esta constatação, os defensores da Escola Nova e também os conservadores apostavam que a educação seria o instrumento capaz de resolver os problemas nacionais, daí todo o seu entusiasmo pela Educação. Para Carvalho (1998), ao entenderem a educação nacional como um dos maiores problemas do Brasil, pretendiam expandir a cultura e a educação em todos os seus graus a um maior número de pessoas, num projeto mais amplo de construção de uma identidade nacional.

Estas propostas começaram a desenhar uma nova estrutura educacional no Brasil a partir da década de 30, onde a preocupação maior baseava-se no fortalecimento do ensino primário e do ensino superior com a criação tanto da Universidade de São Paulo em 1934, quanto da Universidade do Brasil, sancionada por Getúlio Vargas em 1937. Segundo Toledo (2001), apesar da articulação dos interesses políticos tanto dos pioneiros quanto do governo, havia a intenção do Estado em investir num projeto universitário e num sistema de educação superior que servisse de modelo para todo o país, proposta que esteve atrelada à necessidade de formação ideológica e de manutenção do controle das elites que acabou sendo imposta pelo Ministério da Educação e Saúde.

Tais projetos, porém, não priorizaram o fortalecimento do ensino de nível secundário, fato apontado por muitos críticos do governo como o “hiato” desarticulador do sistema de ensino brasileiro. Em muitos dos artigos publicados no Jornal “O Estado de São Paulo” na década de 1940, o professor Laerte Ramos de Carvalho, um dos Pioneiros da Escola Nova, alertava para esta deficiência na formação da juventude, reforçando a

necessidade de se repensar a política destinada à formação no ensino secundário e seu prejuízo para a formação intelectual superior brasileira. Assim escreveu Bontempi Jr:

Em “Do ensino particular” (1946a) e “Do professor secundário” (1946c), o professor reitera as seminais posições de Mesquita Filho e Azevedo, ao tomá-lo como ponto nevrálgico da organização da educação e da cultura, a que cabia formar a mentalidade média nacional e selecionar os elementos mais capazes para, nas instituições superiores, serem preparados para dirigir inteligentemente o país (BONTEMPI JR., 2006, p. 141).

Mesmo com a criação de Escolas Técnicas Secundárias no Distrito Federal a partir de 1935 como complementação a um amplo programa de uma escola progressiva composta pelos cursos técnicos, elementares e de nível superior ao longo do Estado Novo, as atenções governamentais apoiadas no Populismo levaram a um ensino médio que:

[...] reunindo tipos de ensino diferentes para alunos provenientes de classes sociais diferentes, apresentava como objetivos, não só formar as lideranças nacionais, através de uma cultura geral e humanística no Ensino Secundário, mas também a força de trabalho dos setores básicos da economia no Ensino Técnico Profissional (Industrial, Agrícola, Comercial). (NUNES, 1979, p.26)

Estas modalidades confirmavam a dicotomia nos interesses educacionais: o ensino secundário destinava-se a formar a elite possuidora do poder político e social, que buscava ascender aos postos mais altos; e os cursos profissionalizantes destinavam-se às camadas mais populares da população, que possuíam mais urgência em atuar no campo de trabalho diante das necessidades econômicas. Daí não só a criação de escolas de ensino profissional como o SENAI, SENAC e Escolas Técnicas Federais com seus cursos profissionalizantes, mas também um alargamento na discussão em torno de um ensino secundário que pudesse servir de base aos postos de trabalho que se abriam frente à realidade econômica brasileira que se apresentava.

Tais necessidades justificaram-se com maior ênfase principalmente com o desenvolvimento da economia brasileira, que demonstrava sinais de crescimento acentuado representado pela criação de empresas estatais e da crescente demanda do comércio nacional por trabalhadores qualificados. Crescia, igualmente, a necessidade da população, especialmente das classes médias, de uma formação educacional para ingresso nas novas possibilidades de emprego que o crescimento econômico trazia. Além disto, o aumento populacional entre as décadas de 40 e 50 sentiu-se sobremaneira na procura por estabelecimentos de ensino entre as famílias da classe média, que viam na formação de seus filhos a oportunidade de colocação nos novos postos de trabalho que se faziam presentes com a evolução econômica já citada.

Havia uma pressão pela organização do ensino público de forma que a política empreendida pelo governo e apoiada na atuação de seu ministro da educação Gustavo Capanema levou à edição de medidas que objetivavam o fortalecimento do ensino secundário e universitário.

Traduziram-se, segundo Bontempi Jr. (2006), em um conjunto de normas denominado de “Reforma Capanema”, segundo a qual uma série de decretos foi publicada enfatizando a formação profissional e o ensino secundário, marcando o dualismo entre a formação intelectual destinada aos ingressantes à universidade e a formação para o trabalho, que se destinaria às classes menos favorecidas. No entanto, mesmo com a criação da Universidade de São Paulo em 1934, ainda havia uma falha na composição da estrutura educacional do sistema de ensino brasileiro, que era o ensino secundário. De acordo com o autor citado,

Aos olhos de *OESP*, tendo sido realizada a criação da USP (1934), à arquitetura ideal do sistema de ensino brasileiro ainda ficava faltando uma peça-chave de articulação: um ensino secundário capaz de preparar os jovens para a formação alta e desinteressada a ser ministrada na FFCL, que, por sua vez, faria deles pesquisadores e cientistas de sólida formação e, fechando o círculo virtuoso, competentes professores para o ensino secundário. (BONTEMPI JR, 2006, p.139)

Entre as leis em questão encontram-se duas que mais se destacam para as finalidades empreendidas nesta dissertação, que são o Decreto-Lei N. 4.244, de 9 de abril de 1942, que se constituiu em parte da Reforma Capanema, e o Decreto-Lei N. 9.053, de 12 de março de 1946. O primeiro é a Lei Orgânica do Ensino Secundário e o segundo orientou a criação de Ginásios de Aplicação nas Faculdades de Filosofia do país.

Os Ginásios de Aplicação criados a partir de 1946 desenvolveram-se como espaço privilegiado para a prática docente dos alunos matriculados nas Faculdades de Filosofia no Brasil, o que demonstrava um passo no atendimento a uma necessidade que se fazia premente: a formação de professores para atuação no ensino secundário.

Com a promulgação destas leis pretendia-se dar aos jovens das classes mais abastadas uma formação geral, oferecida pelo ensino de nível secundário, tanto de primeiro como de segundo ciclo, que os prepararia para ingressar na universidade, adquirindo, desta forma, um desenvolvimento intelectual que os conduzisse aos postos de comando pelo país que já experimentava a essa época um amplo crescimento econômico e social.

A partir de então várias Faculdades de Filosofia já existentes pelo Brasil começaram a implantar estabelecimentos de ensino secundário denominados Ginásios de Aplicação. Entretanto, não foram as únicas iniciativas. Entre os estabelecimentos de ensino particular o número de ginásios criados a partir da década de 1940 se ampliou substancialmente, conforme demonstrado por Bontempi Jr.

Lourenço Filho alertava para o fato de ter havido entre 1932 e 1946 um aumento de matrículas no ensino secundário quase três vezes maior do que o revelado para todo o conjunto do sistema escolar brasileiro. Dentre os ramos do ensino médio, de acordo com os dados oficiais, o mais procurado vinha sendo justamente aquele que dava acesso ao ensino superior, significando que a maioria dos egressos do ensino elementar não se mostrava interessada em cursar o ensino de tipo técnico-profissional (BONTEMPI JR., 2006, p.140)

Com a Reforma Capanema alastrou-se em todo o país a criação de estabelecimentos de ensino secundário. Seria, segundo, Toledo (2001), uma vitória do grupo que defendia os interesses das escolas particulares, visto que dentre aqueles estabelecimentos, poucos eram mantidos pelo poder público.

Em 1961 com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 4.024/61 de autoria do deputado Clemente Mariani, a configuração do ensino alterou-se, pois aos anos sequenciais ao ensino primário denominou-se Ensino Médio que abrangia os dois ciclos, ginásial e colegial, contemplando os cursos secundários, os técnicos e os de formação de professores para o ensino primário e pré-primário.

Só no período da Ditadura Militar, a partir de 1964, é que outras instituições de ensino secundário foram instituídas, a exemplo do ginásio moderno, que seguiu a linha da influência política norte-americana e os ginásios da comunidade ou ginásios vocacionais como instrumentos de preparação técnica e ideológica da juventude brasileira, adequados à filosofia ditatorial.

Segundo Nunes (1979), com o golpe militar de 1964 esta influência tornou-se mais explícita, exemplificada através dos acordos firmados entre o Ministério da Educação e Cultura e o governo norte-americano, integrantes do Plano Nacional de Desenvolvimento proposto pelo governo militar, os quais definiram uma reformulação do ensino médio que promovesse a formação técnica-profissionalizante e contribuísse para a despolitização das organizações da juventude secundária brasileira. (NUNES, 1979)

Desta forma surgiram os Ginásios Polivalentes, os Ginásios Orientados para o Trabalho e os Ginásios Pluricurriculares em alguns Estados, todos justificados pelo discurso da justiça social, do progresso econômico e da superação das escolas técnicas, mas que:

Foram incentivados pelos acordos de cooperação, dentro de um governo centralizador, interessado na formação do trabalhador ajustado à ordem capitalista, despolitizado o suficiente para não questionar o sistema de produção ou a política salarial e trabalhista. Surgiram como estratégia da política educacional autoritária, para fortalecer as hierarquias capitalistas debaixo de uma fachada de democracia e igualdade de oportunidades. (NUNES, 1979, p.152)

Assim, alguns pontos mereceram ser destacados na evolução do ensino secundário brasileiro: primeiro a variedade de formas a que esteve sujeito desde o final do século XIX até a década de 1960. Ora denominados cursos preparatórios, ora liceus, ou ainda ginásios, mudaram conforme a necessidade de atendimento de seu público alvo. Segundo, a descontinuidade de sua importância frente aos órgãos públicos, notadamente os responsáveis pela condução da Educação. Terceiro, a influência das correntes políticas que orientaram seu conteúdo até sua descaracterização na década de 1970. Segue-se uma breve descrição da situação do ensino secundário no Estado de Sergipe.

1.2 O ENSINO SECUNDÁRIO E SUPERIOR EM SERGIPE

A Educação, a partir da segunda metade do século XX era vista como ponto crucial de desencadeamento do desenvolvimento da sociedade brasileira, mas também como ponto nevrálgico, cujo modelo era resultante das sucessivas reformas que pretendiam atender às reais necessidades da educação nacional.

Em todos os Estados brasileiros e em Sergipe, a necessidade de escolarização também representou um fator determinante no seu processo de crescimento. Em especial na sua capital Aracaju, o crescimento urbano aconteceu de forma acentuada na década de 1950, acompanhando as mudanças promovidas a nível nacional baseadas no discurso desenvolvimentista. Estas mudanças introduziram na sociedade sergipana novos hábitos que se contrapunham a velhos costumes tradicionais, dificultando um processo de desenvolvimento social mais acelerado.

Com uma população de 112.893 habitantes em 1960 (A CRUZADA, 1960, n. 1.166), a capital de Sergipe atraía cada vez mais pessoas vindas do interior do Estado, num processo denominado de “migração cultural”, provocado pela pressão da necessidade de escolarização dos filhos da aristocracia e das camadas médias rurais e urbanas do interior do Estado de Sergipe. Tal processo levou muitas famílias a procurar em Aracaju uma educação de qualidade para seus filhos. Por outro lado, os jovens que vinham estudar na capital absorviam de tal forma o cotidiano urbano, que não mais queriam voltar à sua terra natal. Desta maneira, a escola contribuiu para o aumento populacional da cidade (GRAÇA, 2002).

Nas escolas havia também latente a necessidade de modernização não só em termos físicos e quantitativos, mas também quanto ao nível dos professores e às técnicas pedagógicas que esbarravam nessas mesmas tradições arraigadas, o que implicava num difícil processo de desconstrução para se alcançar níveis condizentes com o desenvolvimento educacional dos grandes centros urbanos.

A situação do ensino em Sergipe nas décadas de 50 e 60 do século XX demandava cada vez mais ações do poder público. Segundo Graça, para cada nove alunos que terminavam o ensino primário em Sergipe no ano de 1955, apenas um conseguia chegar ao ginásio. Este dado nos fornece a exata compreensão da situação em que se encontrava o ensino secundário em nosso Estado. A autora demonstra melhor esta condição explicitando que:

Das 21 unidades de ensino secundário, apenas 3 do primeiro ciclo (Colégio Estadual de Sergipe, Instituto de Educação Rui Barbosa e Escola Técnica de Comércio) eram mantidas pelo poder estadual, sendo que as duas primeiras ofereciam também o segundo ciclo: o científico e o clássico no Colégio Estadual de Sergipe e o de formação de professores primários no Instituto de Educação. As demais eram privadas e umas poucas mantidas pelo Governo Federal, como a Escola Agrotécnica e a Escola Industrial de Aracaju. (GRAÇA, 2002, p.48)

Dentre as escolas particulares de ensino secundário ginásial funcionando neste período podemos destacar o Colégio Salesiano, o Arquidiocesano, o Tobias Barreto, o Jackson de Figueiredo e o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, dentre outros (GRAÇA, 2002; LEITE, 2003). Todos eram instituições pertencentes à rede particular e ofereciam o ensino ginásial voltado para atender a uma clientela que, além de poder arcar com as despesas das mensalidades, também possuía condições de ser aprovada nos exames de admissão, comuns à época.

O reflexo desta situação sentiu-se fortemente entre as famílias, principalmente entre as que não dispunham de condições econômicas que permitissem a destinação de aportes financeiros suficientes para custear a educação secundária de seus filhos, fato que promoveu uma acelerada corrida por matrículas no ensino público, como, por exemplo, no Colégio Estadual de Sergipe, onde houve a necessidade de ampliação da oferta de vagas com a finalidade de atender à demanda dos pais que não podiam suportar o aumento das anuidades escolares. (LEITE, 2003)

Este ajustamento foi promovido às custas da adaptação e improvisação, especialmente relacionada à urgência na contratação de professores, fato que poderia prejudicar a qualidade do serviço ofertado pelos estabelecimentos. Esse era um outro ponto de conflito quanto ao ensino secundário sergipano: a carência de professores com formação superior para lecionar nas escolas existentes. A maioria dos professores não possuía formação superior, o que agravava ainda mais a situação da qualidade do ensino. Fazia-se urgente estruturar o quadro de magistério secundário em Sergipe de forma a fugir da improvisação ao qual se submetia.

Diante da necessidade, muitos professores contratados para lecionar eram recém saídos dos cursos colegiais científicos, ou recém formados nas Faculdades de Direito, Economia, Filosofia e Medicina, os quais permaneciam no magistério secundário até se estabilizarem numa profissão que lhes rendesse melhor remuneração.

Segundo Leite (2003), a CADES – Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, criada pelo Decreto-Lei N. 34.638 de 17 de novembro de 1953, foi importante em Sergipe nas décadas de 50 e 60 do século XX, diante da dificuldade de acesso aos cursos superiores, especificamente à Faculdade de Filosofia. A proposta principal desta campanha versava sobre a necessidade de expansão do ensino secundário e da necessidade de formar professores para atender a tal expansão.

Além disto, também era difícil a situação do professorado, especialmente no nível secundário, pois além de possuírem uma clientela de grande número de alunos, onde as dificuldades ampliavam-se de toda sorte, ainda se viam às voltas com as reivindicações por melhores salários e condições de trabalho, ou pelo menos ao atendimento aos subsídios determinados por lei ao magistério. Lê-se nas páginas do Jornal “A Cruzada”:

Com exceção de apenas dois ginásios – o de Aplicação da Faculdade de Filosofia e o Salvador – todos os demais estabelecimentos de ensino secundário de Aracaju não estão obedecendo a Lei Federal que regula o pagamento dos subsídios do magistério particular secundário. [...] (A CRUZADA, 1960, n. 1.142, p.4)

Tal fato demonstra as dificuldades salariais dos professores de ensino secundário, que em sua maioria percebiam em torno de Cr\$ 60,00 por aula, quando nos estabelecimentos citados já se pagava Cr\$ 100,00 por aula, considerando que na maioria dos casos a jornada era de 50 aulas semanais.

Este pequeno percurso demonstra a situação educacional sergipana nos idos de 1960. Situação apontada como difícil diante da necessidade de ampliação do número de vagas e estabelecimentos, mas também preocupante quanto à formação do seu professorado, a educação secundária sergipana carecia ainda de uma instituição que pudesse prover a prática pedagógica dos alunos licenciados na Faculdade Católica de Filosofia, como também onde pudessem ser experimentadas novas técnicas pedagógicas a serem implantadas nos demais estabelecimentos.

Assim, antes de adentrarmos em nosso objeto, faz-se necessário, discutir a criação e a história da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, destacando-a como o palco que serviu de criação para o Ginásio de Aplicação que ora estudamos.

1.2.1 A FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – NASCEDOURO DE UM GINÁSIO SERGIPANO

Os Ginásios de Aplicação em todo o Brasil foram criados para funcionar ligados a uma Faculdade de Filosofia. Diante da função de “berço” desses ginásios, não poderíamos adentrar no universo do Ginásio de Aplicação sergipano sem antes trazermos à baila um pouco da história da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe - FAFI - como projeto educacional de sedimentação da Educação Superior em nosso Estado e de formação de professores para atuação no ensino secundário.

A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi criada em 20 setembro de 1950 pela Sociedade Sergipana de Cultura, mas não foi a primeira experiência de ensino superior

em nosso Estado. Já funcionava desde 1948 a Escola de Química e a Faculdade de Ciências Econômicas, além de haver uma tentativa anterior de criação de uma Faculdade de Filosofia em 1913, instituição que estava ligada ao Seminário Diocesano, mas que teve sua atividade encerrada em 1934 por determinação do Vaticano. (NASCIMENTO et al., 2006)

A função da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe voltava-se para a formação de professores de ensino secundário, o que é explicitado no artigo 2º do seu regimento interno, aprovado em 1963:

- promover o desenvolvimento da cultura do espírito, como meio de formação integral do homem e da elevação moral da sociedade;
- estimular a investigação científica;
- preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal.

A preocupação com a formação moral e cultural do homem está explícita no artigo acima, além da função científica, como estímulo ao desenvolvimento da Universidade em sua plenitude, mas a função que mais destacou a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi a preparação dos quadros para o magistério secundário.

A atuação do padre Luciano José Cabral Duarte para a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe representou uma de suas principais contribuições para a Educação em Sergipe. Era uma instituição mantida pela Sociedade Sergipana de Cultura, da qual ele fazia parte da organização administrativa juntamente com outras figuras ilustres da sociedade sergipana como Felte Bezerra, José Barreto Fontes, Gonçalo Rollemberg Leite, dentre outros. (MORAIS, 2008, p.77)

A nomeação do padre Luciano José Cabral Duarte como diretor da Faculdade de Filosofia deu-se a partir da indicação de seu nome dentre uma lista tríplice, tendo sido nomeado pelo presidente da entidade mantenedora, o arcebispo Dom Fernando Gomes, e onde permaneceu até o ano de 1968.

Luciano José Cabral Duarte (FIGURA 1) nasceu em Aracaju em 1925, filho de José Góes Duarte e Célia Cabral Duarte e foi ordenado sacerdote em 1948. Segundo Moraes (2008), ele desenvolveu muitas atividades desde essa data e esteve envolvido não só com suas atribuições sacerdotais, mas também com ações ligadas à cultura e Educação em Sergipe.

De 1958 a 1965, foram muitas as atividades desenvolvidas em Sergipe pelo então Monsenhor Luciano Duarte, como foi visto nos capítulos anteriores, especialmente no campo educacional e cultural. [...] Monsenhor Luciano destacava-se no clero pelo seu dinamismo, sua capacidade intelectual, seus títulos obtidos em estudos no exterior, sua liderança com a juventude cristã. (MORAIS, 2008, p.317)



Figura 1. Luciano José Cabral Duarte

Fonte: www.arquidiocese.aju.org.br

Padre Luciano Duarte também foi o responsável pela criação da Faculdade de Serviço Social em 1954 juntamente com a madre Albertina Brasil Santos da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. A partir daí buscou seu próprio aprimoramento a fim de empreender uma tarefa ainda maior: criar a Universidade Federal de Sergipe. Buscou, desta forma, especializar-se e ampliar seus conhecimentos até conseguir doutorar-se em Filosofia pela Universidade de Sorbone em 1957. Moraes destaca que entre 1954 e 1957 ele conseguiu algo incomum diante das dificuldades que enfrentou:

Em apenas três anos, com 32 anos de idade, depois do esforço para dominar uma língua estrangeira, ele obtém, em Paris, dois diplomas de estudos superiores, equivalendo a duas graduações, e o doutorado. É o primeiro doutor em Filosofia de Sergipe, no sentido estrito e moderno de

doutoramento, com curso específico e tese defendida e aprovada. (MORAIS, 2008, p. 112)

Trouxe na bagagem um currículo de destaque que, aliado à sua experiência no campo educacional, o levaram a reassumir a direção da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe quando retornou da França e a assumir a supervisão do Ginásio de Aplicação quando da sua inauguração, como também a empreender o projeto de criação da Universidade Federal de Sergipe em 1967. Em maio de 1968 foi nomeado como membro do Conselho Federal de Educação, tendo sido o único sergipano a assumir esse cargo a nível federal. (MORAIS, 2008)

Quando a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe iniciou suas atividades em março de 1951 não tinha prédio próprio para abrigar suas primeiras turmas. Por este motivo, funcionou inicialmente no prédio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, situado na Rua Itabaianinha, nº 586, no período noturno.

Apesar de dispor de salas amplas, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes enfrentava diversos problemas estruturais: primeiramente o fato de localizar-se no centro da cidade, próximo ao mercado da capital, o que diminuía a quantidade de alunos pela preocupação dos pais com o ambiente onde ele estava inserido. Em segundo lugar, a possibilidade de frequentar estabelecimentos com turmas mistas também levou algumas alunas a transferir-se para outras instituições. E por último, o prédio encontrava-se com dificuldades de manutenção, principalmente do telhado, o que influenciou a decisão de buscar recursos por parte do diretor da Faculdade de Filosofia para a construção de um prédio próprio.

Só em 1954 é que a Faculdade conseguiu, por intermédio de doação do então governador do Estado Dr. Arnaldo Rolemberg Garcez e de dotação federal, dar início à construção de sua sede própria, localizada na Rua Campos, no Bairro São José, cujo projeto arquitetônico foi traçado por Germano Valença, sendo inaugurada parcialmente em 30 de março de 1959, contando com 22 salas de aula. Em 1962 foi inaugurado o pavilhão central e em seguida a biblioteca, o auditório e a capela.

Na aula inaugural da Faculdade, ocorrida no salão nobre do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e na presença de figuras ilustres como o governador do Estado, Arnaldo Rollemberg Garcez, o prefeito de Aracaju, Adelbrando Franco, o presidente da Assembléia

Legislativa, Silvio Teixeira e do diretor da Faculdade de Filosofia do Recife, Padre Francisco Bragança, Padre Luciano Duarte proferiu sua palestra em duas partes:

A primeira, filosófica, em que encarou facetas do problema da Verdade e do seu conhecimento pelo homem; a segunda, em que disse da finalidade da nova instituição de ensino superior que no momento abria suas portas, e em que acentuou a magna significação de uma Faculdade de Filosofia para a vida cultural e intelectual de Sergipe. (A CRUZADA, 1951, n. 695, p.1)

Os cursos que compunham a Faculdade Católica de Filosofia quando da sua inauguração eram Filosofia, Matemática e Geografia e História, sendo agregados posteriormente os cursos de Letras Neolatinas, Letras Anglo-germânicas e Pedagogia⁵, todos reconhecidos pelo Ministério da Educação em 1954 (MORAIS, 2008). Ou seja, funcionavam nesse estabelecimento cursos de nível superior que formariam profissionais para atuação na sociedade sergipana, mais especialmente os professores do ensino secundário para atuar nas instituições desse nível, a exemplo do que ocorria pelo Brasil. Além desta função, também tinha a intenção de ser um centro difusor da cultura em nosso Estado.

A preocupação com a formação superior era um sonho acalentado pelo padre Luciano Duarte, tanto que não mediu esforços para promover não só a criação como o desenvolvimento e a consolidação da Faculdade de Filosofia. Apesar desse interesse, o quantitativo de alunos da Faculdade tendeu a diminuir, diante de fatores como o horário do curso, que funcionava à noite, e da falta de pessoas interessadas em adquirir uma formação superior.

Segundo Rosália Bispo, o padre Luciano chegava a abordar os futuros alunos nas ruas da cidade a fim de despertar-lhes o interesse em participar do exame vestibular.

Quando ele me convidou que eu tinha vindo dar aula na Escola Normal que era professora lá de Educação Física, aí tava esperando, assim, o ônibus pra vir pra casa, quando passou aquele padre de bicicleta. Ele vinha chegando aí passou por mim e disse, foi me convidar para fazer exame na Faculdade: - Não quer fazer exame pra Faculdade? Eu nem conhecia aquele padre. Eu digo: de que está havendo? De Geografia, História, Filosofia e Matemática. Aí eu disse: quando tiver Letras eu vou. Eu só queria Letras. Ele disse: para o ano vai haver. Eu fui. Mas eu não podia porque o meu diploma era de normalista e tinha exame escrito de latim, de tudo pra entrar na Faculdade. Eu aí passei o ano estudando latim sozinha pra poder fazer. Ele disse: mas

⁵ Apesar de reconhecido, como os demais cursos da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, pelo Decreto-Lei nº 34.963 de 19 de Janeiro de 1954, o curso de Pedagogia só começou a funcionar em 1967 com a criação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe. (MORAIS, 2008, p.144)

não tem outro curso não? Que eu só tinha normalista. Não tinha o do Colégio Atheneu, não tinha o clássico, nem o científico. Mas eu disse: mas eu tenho o curso de aperfeiçoamento da Escola Nacional de Educação Física. Ah, então pode [disse ele]. Aí eu fui, entrei, foi assim. Ele fazia tudo assim. (SANTOS, 2008)

Ora, para conseguirem se formar em bacharéis, os alunos cursavam disciplinas específicas referentes a sua área de formação, como também disciplinas de formação pedagógica que dariam sustentação à atuação do futuro professor em sala de aula, compreendendo assim, quatro anos de ensino de acordo com o explicitado no Decreto-Lei nº 9.092/46.

Esta prática docente, entretanto, necessitava de um campo onde os futuros professores pudessem realizar suas primeiras experiências pedagógicas e cumprir as exigências do estágio curricular.

A aplicação prática dos ensinamentos obtidos não era uma experiência exclusiva dos estudantes da Faculdade de Filosofia. A análise das entrevistas de ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa diplomadas entre as décadas de 1920-50 pesquisadas por Freitas (2003, p.91) são reveladoras da importância do espaço de prática profissional através do estágio.

O Instituto de Educação Rui Barbosa, que oferecia o curso normal, também tinha em seu currículo a matéria de ensino de didática. Segundo a autora,

Outras escolas eram utilizadas para o estágio além da Escola de Aplicação; porém, a oportunidade de realizá-lo na própria Escola Normal era considerado um elemento facilitador no processo de aprendizagem em função da familiaridade do espaço vivido. (FREITAS, 2003, p.92)

No Instituto de Educação Rui Barbosa, a Escola de Aplicação chamava-se Escola de Aplicação Leandro Maciel, mas ao contrário da Faculdade de Filosofia, destinava-se à prática do ensino primário, conforme os depoimentos colhidos por Freitas (2003).

As primeiras turmas que concluíram os cursos da Faculdade Católica de Filosofia realizaram seus estágios no Colégio Estadual de Sergipe e no Instituto de Educação Rui Barbosa, estabelecimentos de ensino secundário que funcionavam à época. Entretanto, depoimentos de algumas ex-alunas indicam que, na maioria dos casos, os concludentes davam aula na própria Faculdade aos seus colegas. Segundo a professora Rosália Bispo, as alunas

faziam o estágio “com os próprios colegas na Faculdade, dentro da sala de aula, [...] a gente dava aula aos próprios colegas”. (SANTOS, 2008)

As dificuldades financeiras para manutenção dos cursos da Faculdade acentuavam-se pelos atrasos na dotação orçamentária Federal. É nos artigos publicados no Jornal “A Cruzada”, como também nos diversos ofícios expedidos pelo diretor e endereçados a políticos e autoridades, que se percebe a dificuldade do padre Luciano Duarte, diretor da Faculdade de Filosofia, em conseguir recursos não só para mantê-la em funcionamento, mas para concluir a construção do novo prédio.

Quando finalmente conseguiu sensibilizar os políticos sergipanos para a necessidade de construção de um prédio próprio para a Faculdade, deu início em 1954 a sua construção, que foi concluída em 1959, ano de fundação do Ginásio de Aplicação. Percebeu-se, assim, as dificuldades enfrentadas pelo Diretor da Faculdade para manter os cursos e proporcionar as condições necessárias ao seu funcionamento.

Em 1968 a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi incorporada à Fundação Universidade Federal de Sergipe quando da sua criação e instalação em maio do mesmo ano, sendo desdobrada nas Faculdades de Filosofia e Educação, de Letras e Comunicações e de Ciências Humanas, contemplando, dessa maneira, as determinações da Reforma Universitária empreendida em 1968. Continuou funcionando no mesmo prédio da Rua Campos, porém já incorporada à Universidade Federal de Sergipe, submetendo-se a ela em seu regime didático e científico. Os professores foram também incorporados, passando ao quadro de funcionários de instituições federais de ensino.

Ao retratarmos a história da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, aproximamo-nos do ambiente onde foi criado o Ginásio de Aplicação. Encontramos, assim, subsídios que identificam a importância dessa Faculdade não só para a Educação sergipana, mas especificamente para a história do Ginásio de Aplicação, pois além de ter representado a motivação inicial para sua criação, também lhe imprimiu características importantes que identificaram sua natureza. É o que trataremos no próximo capítulo, onde será descrita a história desse Ginásio envolvendo as condições e os elementos marcantes que promoveram sua criação e consolidação.

CAPÍTULO 2

A CRIAÇÃO DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE

A história do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (GA), relaciona-se à história da criação dos Ginásios de Aplicação no Brasil. Tais instituições já nasciam com finalidade definida, com o objetivo de atender às necessidades de campo de prática para os alunos concludentes do ensino superior dos cursos das Faculdades de Filosofia.

No entanto, a investigação empreendida demonstrou que a experiência transcendeu à sua intenção inicial. Esta percepção fica mais evidente quando analisamos não só as notícias que circulavam na década de 1960, como também a partir dos depoimentos dos indivíduos que participaram desta construção histórica.

Desta forma, passamos aqui a apresentar a conjuntura de fatos que cercaram a criação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, doravante denominado GA, além de sua consolidação como escola conceituada perante a sociedade sergipana.

Partimos do pressuposto de que a discussão sobre os destinos da Educação no Brasil a partir da década de 1940 é fundamental para a compreensão dos elementos constitutivos deste enredo. Desse modo, não há como analisar a história do GA sem observarmos o que determina a legislação educacional que vigorava naquele período.

Para Cury (2003), o estudo da legislação que versa sobre a Educação fundamenta a reconstrução histórica da realidade educacional brasileira. Estudos desta natureza utilizam recursos como as constituições federais, estaduais e as leis orgânicas dos municípios e toda uma legislação que serve como fonte valiosa para o desvendamento do cotidiano de instituições escolares.

Com a intenção de desvendar a história do GA elegemos como fontes primárias o Decreto-Lei N. 4.244 de 9 de abril de 1942 e o Decreto-Lei N. 9.053 de 1946. Ambas as legislações trazem em seu bojo normas de constituição e regulação de instituições de ensino secundário no Brasil. (BRASIL, 1942, 1946)

Os Ginásios de Aplicação foram criados a partir do Decreto-Lei N. 9.053 de 1946, que regulou a criação destas instituições em todo o país. Esses Ginásios eram vinculados às Faculdades de Filosofia espalhadas pelo Brasil, servindo-lhes de campo de prática para os alunos concludentes do ensino superior que estivessem matriculados no Curso de Didática, onde à formação básica era acrescentado mais um ano para que o aluno atingisse a habilidade de prática docente.

Por esse decreto, muitos Ginásios de Aplicação foram criados a partir de 1946, conforme demonstrado no Quadro 1.

QUADRO 01. Relação dos Ginásios de Aplicação e seus respectivos anos de fundação

DENOMINAÇÃO DOS GINÁSIOS DE APLICAÇÃO	ANO DE FUNDAÇÃO
1. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro	1948
2. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia	1949
3. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1954
4. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Minas Gerais	1954
5. Ginásio de Aplicação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco	1958
6. Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe	1959
7. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina	1961
8. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal do Pará	1963
9. Ginásio de Aplicação João XXIII da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora	1965
10. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Goiás	1966
11. Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Católica de Petrópolis	1969

Fonte: (BARROS, 1998)

Com a denominação de Ginásio de Aplicação, a maioria destas instituições tinha em foco dois principais objetivos: servir de campo de estágio aos alunos dos cursos de Licenciatura das Faculdades de Filosofia e servir como campo de experimentação de novos métodos pedagógicos.

Art. 1º As Faculdades de Filosofia federais, reconhecidas ou autorizadas a funcionar no território nacional, ficam obrigadas a manter um ginásio de aplicação destinado à prática docente dos alunos matriculados no curso de didática. (BRASIL, 1946)

A preocupação principal que cercava a atuação dos legisladores era a formação de professores para atuarem no magistério secundário, ramo que se encontrava em crescente expansão, mas que sofria com a deficiência quantitativa de professores. Para tanto, o decreto 9.053 de 1946 determinava que estes novos estabelecimentos criados seguissem a Lei Orgânica do Ensino Secundário, a qual compunha, juntamente com outros decretos, as reformas empreendidas pelo então Ministro da Educação, Gustavo Capanema.

Mas por que a denominação de Ginásio para aqueles estabelecimentos que se iniciavam no campo do ensino secundário?

Conforme a Lei Orgânica do Ensino Secundário, promulgada pelo Decreto-Lei nº 4.244 de 09 de abril de 1942, o ensino secundário seria oferecido em dois ciclos. O primeiro compreendia o ensino ginasial e o segundo era composto de dois cursos: o clássico e o científico. Foram assim definidos dois tipos de estabelecimentos de ensino secundário: o ginásio e o colégio. O ginásio foi então identificado como o estabelecimento destinado a ministrar o curso de primeiro ciclo, com duração de quatro anos e que objetivava dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário (BRASIL, 1942). Dessa forma, caracteriza-se o GA criado em Sergipe como uma instituição de ensino secundário que iniciou suas atividades com o ensino ginasial de primeiro ciclo, o qual compreendia os quatro anos seguintes ao curso primário.

Além deste dispositivo legal, outros foram os motivos de interesse das Faculdades de Filosofia em criar Colégios de Aplicação anexos, entre eles: a preocupação com a renovação do ensino, a necessidade de um padrão de qualidade para a demonstração da prática docente e a proposta de irradiação de novas experiências para a comunidade. (COLLARES, 1989)

Em funcionamento desde 1951, a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe também necessitava, como as demais faculdades espalhadas pelo Brasil, instalar e manter um Ginásio de Aplicação. Entre a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951) e a fundação do GA (1959) temos, então, um lapso de oito anos. Como explicá-lo?

Só a partir do paradigma indiciário de Ginzburg é que pudemos, através do ato investigativo, desvendar os caminhos que levam às respostas para essa questão. Ele prevê a incursão por universos por vezes desconhecidos aos olhos do investigador, concretizando-se num trabalho de garimpagem que se realiza pela recolha de fontes em busca de indícios, fortes ou fracos, que possam contribuir para checagem das hipóteses inicialmente propostas. Para o autor, “o conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime baseado em indícios imperceptíveis para a maioria” (GINZBURG, 1989, p. 145).

Partindo desse princípio e do Decreto Lei 9.053, a obrigatoriedade de ter um Ginásio de Aplicação era exigida das Faculdades já em funcionamento em 1946 e, para as que fossem criadas a partir daquela data, quando tivessem alunos matriculados no curso de Didática. Esse curso representava o último ano de ensino e era específico para desenvolver no futuro professor a prática educativa a ser utilizada em sala de aula. Como na Faculdade de Filosofia a primeira turma de Didática só iniciou suas aulas em 1954, ano em que esse curso foi reconhecido pelo Ministério da Educação, temos aí já um dos indicativos da demora para a criação de um Ginásio de Aplicação em Sergipe.

A prática docente necessária à conclusão do curso pelos alunos (em sua maioria alunas) do curso de Didática da Faculdade de Filosofia era, a princípio, realizada entre os colegas na sala de aula. Este fato demonstra que a criação de um Ginásio se fazia necessária, pois além de uma instituição criada nos moldes da Faculdade de Filosofia, fato que já lhe conferia certa distinção, também ampliaria as possibilidades de aplicação prática dos conhecimentos teóricos aprendidos pelos formandos.

Etapla primordial para a formação superior do professor, o estágio supervisionado é a fase onde o aluno tem a oportunidade de empreender na prática os conhecimentos adquiridos ao longo de seu curso de graduação. Para Berger (1985), o estágio é um recurso válido na formação de professores e utilizado como mecanismo de avaliação ao final dos cursos de graduação, mais especificamente das licenciaturas. Segundo o autor,

O estágio, além de propiciar ao futuro profissional uma vivência das atribuições inerentes à sua profissão, representa uma oportunidade de entrosamento entre a agência formadora de recursos humanos e o mercado de trabalho. (BERGER, 1985, p.30)

Sua elaboração requer, no entanto, a consideração de alguns aspectos como a escolha do estabelecimento onde se desenvolverá o estágio, a valorização de situações de

análise e a avaliação de sua ação, além da representatividade da escola na comunidade onde está inserida. Para ele, a escolha de escolas como campo de estágio não deve levar somente em consideração o fato de nela haver uma equipe de especialistas ou mesmo de facilitar o acesso de professores e estagiários, pois dessa forma ficariam limitadas as possibilidades de realização de um trabalho criativo e inovador. (BERGER, 1985)

Os Ginásios de Aplicação foram criados com esse propósito, e para tanto, permitiram aos alunos concluintes do curso de Didática da Faculdade de Filosofia realizarem seus estágios em suas dependências. Essa atividade, cercada de significados, ficou marcada na memória dos ex-alunos, como no depoimento de Menezes, por exemplo:

Até hoje é laboratório para os estudantes, então [...] já da época era, tinha aulas com os estagiários, né! Tinham aulas que eram dadas pelos estagiários...Com professor! Naquela época, o professor tava ali, inclusive avaliando o próprio,[...] o próprio estagiário que estavam dando aula. Os bichinhos tremiam que se acabavam feito vara verde, a gente morria de pena, né! [...] deles, mas cumpriam lá, o papel, né! (MENEZES, 2008)

Dentro da sua proposta de criação, o GA servia de palco para as práticas de ensino dos alunos da Faculdade de Filosofia através dos estágios. A prática dos alunos matriculados no curso de Didática da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe era realizada no Ginásio de Aplicação em aulas ministradas com a presença dos professores das cadeiras, que em sua maioria eram também professores da Faculdade, os quais supervisionavam a atuação dos estagiários. Segundo a professora Carmelita Pinto Fontes, que lecionava prática de ensino em Português na Faculdade e que foi professora de português do GA de 1961 a 1966, os estágios funcionaram a contento, pois além da exigência de carga horária, havia nota de avaliação da atuação de cada um dos estagiários. Essas exigências, segundo ela, não alteravam o ritmo das aulas:

Por exemplo, eu fazia, se a estagiária era aluna de português a gente entrava no programa da turma e seguia. A gente não vinha com a aula pronta, extra não. Se acompanhava o que o GA tava fazendo. Aí a gente tinha que marcar os mapas todinhos, na sua sequência de fulano. Então, todo mundo vinha sempre ver a aula anterior, pra ver quando tivesse que fazer a sua, entendeu? (FONTES, 2008)

Este esquema de organização funcionava de tal modo que, ainda segundo a professora Carmelita, não havia reclamações por parte dos pais diante da situação de verem os filhos tendo aulas com os estagiários.

Segundo Olga Andrade, a sistematização do envio dos concludentes da Faculdade para estagiar nos estabelecimentos da rede pública só aconteceu de forma efetiva na década de 1970, através de acordo firmado entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe e a Secretaria de Estado da Educação (ANDRADE, 2008).

Experiências em outras instituições demonstram que as dificuldades iniciais para criação dos Ginásios de Aplicação giravam em torno da carência de instalações próprias e das dificuldades financeiras, conforme destacado por Mafra (2006). Segundo a autora, o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que iniciou suas atividades em 1948, também não dispunha de um prédio próprio para abrigar suas turmas. Utilizou, por empréstimo, as dependências da Fundação Getúlio Vargas - FGV, mas sofria constantes investidas para desocupação do prédio.

Mafra (2006) destaca que os problemas financeiros também se aliavam aos de ordem física e dificultavam a implementação das propostas pedagógicas inovadoras, característica principal do Colégio de Aplicação da UFRJ.

Para o Colégio de Aplicação, não ter uma sede à sua plena disposição implicava na limitação de horário de uso. Dessa forma, ficaram comprometidas as atividades esportivas, recreativas e sociais, festas, comemorações, dramatizações, projeções de filmes educativos, conferências, debates, campanhas e programas de ação coletiva, grêmios científicos e literários, que estavam previstas para ocorrer no colégio. Entendemos que esse impedimento, mais do que um inconveniente, representou uma obstrução à aplicação de parte importante da proposta pedagógica planejada. A falta de verbas, principalmente nos primeiros anos, era também um problema constante, que dificultava o funcionamento do colégio da forma como havia sido idealizado. (MAFRA, 2006, p. 39)

Mesmo quando saiu das dependências da FGV, o colégio foi depois transferido para um prédio da prefeitura, ainda em construção, o que reforçava a precariedade no atendimento dos alunos e a limitação de atividades que poderiam ser desenvolvidas em horários extraclasses. (MAFRA, 2006)

No caso do Ginásio de Aplicação sergipano, as dificuldades financeiras enfrentadas pelo diretor da Faculdade de Filosofia, aliadas à falta de um prédio próprio, podem ser apontadas como os motivos para que sua criação só acontecesse no ano de 1959, mesmo tendo sido definidos por lei em 1946 e considerando o fato de a Faculdade de Filosofia só ter funcionado a partir de 1951.

O Mons. Luciano Duarte realizou várias viagens à capital federal a fim de conseguir o pagamento de subvenções atrasadas não só para a manutenção da Faculdade de Filosofia, mas também para garantir a abertura do Ginásio no ano de 1960. As contribuições vieram de parlamentares sergipanos, conforme destacado no Jornal “A Cruzada”:

A Faculdade de Filosofia tem se empenhado, junto a todos os representantes sergipanos, no sentido de conseguir melhorar sua subvenção ordinária, e de obter auxílios para o Ginásio de Aplicação, que a mesma faculdade vai fazer funcionar no próximo ano, na parte da tarde. Em atendimento ao que foi pleiteado, o diretor da Faculdade de Filosofia tem recebido alguns telegramas, que transcrevemos abaixo: (...) “Informo, prezado e eminente amigo, cumpro compromisso consignando cem mil cruzeiros Ginásio desta Faculdade subvenção extraordinária e trinta mil cruzeiros subvenção ordinária para Faculdade abrs – Seixas Dória”. “Comunico prezado amigo destinei minha cota duzentos e cinquenta mil cruzeiros Ginásio de Aplicação dessa Instituição pt Abraços – Arnaldo Rolemberg”. (A CRUZADA, 1959, n. 1167, p.6)

Observa-se a atuação marcante e o empenho do Mons. Luciano para fazer funcionar uma instituição de ensino àquela época, quando poucas eram as instituições existentes e grande a necessidade de dar plenas condições aos formandos da Faculdade em realizar a contento suas práticas pedagógicas.

Em 29 de março de 1959 inauguraram-se as novas instalações da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. A Faculdade foi transferida para o prédio construído na Rua Campos, em Aracaju, mesmo ainda com uma segunda etapa da construção a ser concluída, o que já representava uma mudança significativa no funcionamento da instituição, que passou a ter aulas no turno da manhã.

A partir de então, os esforços foram direcionados para a criação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe que foi fundado em 30 de junho de 1959 pela Sociedade Sergipana de Cultura. Os depoimentos e a análise dos documentos apontam o Mons. Luciano Duarte como seu idealizador e fundador, pois foi dele o empenho em articular os meios necessários para a criação do Ginásio. Na posição de diretor da Faculdade de Filosofia, coube a ele assumir a supervisão dos preparativos iniciais, como também a contratação dos professores e a organização dos demais elementos materiais necessários para fazer o Ginásio funcionar, conforme ressaltado no art. 4º da Lei 9.053.

Art. 4º Nas Faculdades federais o cumprimento destes dispositivos ficará sob a responsabilidade do Diretor da Faculdade; nas Faculdades reconhecidas

sob a responsabilidade do Diretor e do Inspetor Federal junto à Faculdade.
(BRASIL, 1946)

Na condição de supervisor, o Mons. Luciano Duarte convidou a professora Rosália Bispo dos Santos para assumir a direção do GA. Nascida no município de Pacatuba, Estado de Sergipe, a professora Rosália era formada em Letras Neolatinas pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, mas iniciou sua formação com o ingresso na Escola Normal em 1938. Esta experiência serviu para lhe desenvolver ainda mais o gosto pelo saber e um interesse peculiar pelas artes em geral, pelo conjunto de disciplinas do curso, preferencialmente pelo estudo de línguas, em especial a língua francesa.

Já diplomada como professora pela Escola Normal, foi nomeada para atuar em uma escola primária do Povoado Marcação, no município de Rosário, hoje denominado General Maynard, onde começou a lecionar em fevereiro de 1943. Tão grande era seu desejo de estar dirigindo uma turma de alunos que as lembranças ainda lhe pareciam vivas, pois segundo ela “vejo-me ainda, naquele lugarejo, entre alunos perplexos diante da jovem professora”. (SANTOS, 2008)

Sua vontade de progredir dentro do magistério e alcançar a formação superior motivaram sua participação num Curso de Aperfeiçoamento em 1944 para professores primários dirigido pelo professor Acrísio Torres e patrocinado pelo Departamento de Educação. Posteriormente, a chegada em Sergipe de uma equipe da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, vinda do Rio de Janeiro, foi decisiva para a professora Rosália, pois ela foi indicada pelo Governo do Estado de Sergipe para fazer o curso superior de Educação Física naquela Escola. Ao retornar, já diplomada no curso superior, foi nomeada professora de Educação Física do Instituto de Educação Rui Barbosa, antiga Escola Normal. Mas sua formação completou-se com o surgimento do Curso de Letras Neolatinas ministrado na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.



Figura 2 Rosália Bispo dos Santos – 1ª Diretora do GA

Fonte: Acervo pessoal da Profa Maria Hermínia Caldas.

A professora Rosália Bispo (FIGURA 2) submeteu-se ao exame vestibular da FAFI no ano de 1952 e após quatro anos de estudo, em 18 de dezembro de 1955, integrou a primeira turma de diplomadas pela Faculdade. Licenciada em Letras Neolatinas foi, junto com suas colegas, responsável pelo ensino das línguas nos cursos secundários de Sergipe. Sua participação como oradora da turma lhe rendeu elogios por seu discurso eloquente. Não esqueceu, entretanto, de destacar as qualidades do curso e a atuação dos mestres, decisiva para a formação dos futuros professores, fato também recordado por ela:

Era um curso muito sério e eficiente [...]. Os professores eram pessoas distinguidas do meio cultural de Sergipe, de nível superior, competentes, capazes, autodidatas, vocacionados para a arte de ensinar. [...]. Os alunos eram muito interessados, responsáveis e assíduos, pessoas que trabalhavam pelo dia e, por isso mesmo, ciosas de vencer, no tempo previsto, as dificuldades do curso noturno. (SANTOS apud BEZERRA, 1998, p.172)

Habilitada que estava ao ensino das Línguas Neolatinas dedicou-se prioritariamente à Língua Francesa, a qual lecionou em diversas instituições de ensino de

Sergipe como o Instituto de Educação Rui Barbosa, o Colégio Estadual de Sergipe, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o Colégio Patrocínio São José e o Colégio Jackson de Figueiredo.

Em 1957, foi indicada como professora substituta de Língua e Literatura Francesa da Faculdade Católica de Filosofia na ausência da titular Madame Monique Rolland. Por seu desempenho foi agraciada, no ano seguinte, com uma bolsa concedida pela Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES para realizar um curso de Pós-graduação em Língua e Literatura Francesa no Centro de Estudos Superiores de Francês na Maison de France, no Rio de Janeiro.

A atuação e o compromisso da professora Rosália Bispo com o ensino foram fundamentais para que surgisse o convite de assumir a direção do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia - GA. Assumir a direção do GA em 1959 foi para ela um desafio, pois tinha a responsabilidade de atender aos anseios não só da sociedade, mas também de retribuir com seu trabalho e dedicação a confiança que lhe foi concedida pelo Mons. Luciano Duarte.

No mesmo ano (1959), Mons. Luciano Duarte também a convidou para realizar um estágio de especialização no Ginásio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, além de um curso de aperfeiçoamento em Orientação Educacional no Centro de Estudos Pedagógicos da Fundação Getúlio Vargas do Colégio de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.

Celina Oliveira Lima, inspetora federal da Educação em Sergipe na década de 1960, descreveu numa publicação no Jornal “A Cruzada” a experiência que teve durante a realização de um estágio neste mesmo Colégio de Nova Friburgo, enriquecendo com detalhes o diferencial apresentado por essa instituição.

Trata-se de uma escola progressista que combate o tradicionalismo, com professores altamente especializados adotando as mais modernas técnicas de ensino. Aliado à técnica e capacidade de seu corpo docente o C.N.F possui salas especiais bem aparelhadas onde para facilitar a aprendizagem são aplicados os meios auxiliares de ensino ou recursos áudio-visuais. (A CRUZADA, 1959, n.1112, p.3)

Esta instituição, já conhecida por seus resultados à época, representava um modelo para as demais que se inauguraram pelo Brasil nas diferentes Faculdades de Filosofia. Tanto que a professora Celina destacou em seu relato os espaços destinados aos trabalhos manuais, à biblioteca, ao auditório, ao ginásio de esportes, à piscina e à concha acústica e deu

ênfase às atividades extraclasse desenvolvidas em diferentes clubes como o clube de teatro, de música, de geografia, de ciências, de cinema e de aeromodelismo.

Seguindo a experiência adquirida neste estágio, a professora Rosália Bispo cercou-se, assim, de todo o embasamento necessário para exercer a função de dirigir o Ginásio que ora se inaugurava. A partir de então, tanto o Mons. Luciano como a professora Rosália se empenharam na organização do Ginásio de Aplicação que já iria funcionar no ano de 1960, conforme será detalhado em seguida.

2.1 MÃOS À OBRA: O GINÁSIO DE APLICAÇÃO VAI FUNCIONAR

Para fazer funcionar o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, o diretor da Faculdade, Mons. Luciano Duarte, iniciou um trabalho de estruturação dessa nova instituição, que deveria seguir o modelo de seriedade e competência já adquirido pela Faculdade de Filosofia.

Mesmo enfrentando as já citadas dificuldades financeiras para abrir o GA, o Mons. Luciano precisou manter articulações entre os parlamentares quanto à distribuição de verbas orçamentárias que pudessem prover os meios de fazê-lo funcionar. Apesar de já contar com o prédio novo da Faculdade, tinha o diretor de providenciar o material didático, a estrutura administrativa, a contratação de professores, a compra de equipamentos para os laboratórios. Várias cartas foram endereçadas ao Ministro da Educação e Cultura, solicitando a compra dos materiais necessários para equipar os laboratórios do Ginásio.

Além disso, utilizou o Jornal “A Cruzada” para divulgar as notícias sobre a criação daquele novo estabelecimento de ensino.

GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA

Nossa reportagem procurou ouvir o Mons. Dr. Luciano Duarte a respeito da notícia de que a Faculdade de Filosofia vai fazer funcionar no próximo ano o seu Ginásio de Aplicação. [...] Efetivamente começará a funcionar em março de 1960 o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. (A CRUZADA, 1959, n.1167, p.6)

Notícias deste tipo seguiram-se em mais de um número do periódico, o que despertou na sociedade o interesse pelas vagas que seriam abertas pela instituição. Entretanto, a confiança neste novo empreendimento por parte de muitos pais vinha da figura do Mons. Luciano. A influência de sua atuação e orientação nas primeiras atividades do GA já lhe conferia um caráter de seriedade com o qual ficou conhecido.

Era um colégio que criou fama muito rápido. Bom, isso se deve à supervisão de Dom Luciano, à figura dele. Uma figura muito conhecida, isso ajudou muito. [...] Aí nós vimos o seguinte: que nesse primeiro ano foi um ano de ver como o colégio ia crescer. (FONTES, 2008)

A noção de campo perpassa o depoimento acima transcrito. Assim, o Ginásio de Aplicação representou um espaço legítimo, conforme apontado por Bourdieu, por ser reconhecido pela sociedade que o cercava, onde se pretendia produzir bens ligados ao desenvolvimento intelectual dos jovens estudantes. Na visão de Bourdieu, o campo simbólico é representado como:

O lugar onde se enfrentam lutas dos grupos agentes que possuem interesses materiais e simbólicos. [...] cuja eficácia reside justamente na possibilidade de ordenar o mundo natural e social através de discursos, mensagens e representações, que não passam de alegorias que simulam a estrutura real das relações sociais – a uma percepção de sua função ideológica e política a legitimar uma ordem arbitrária em que se funda o sistema de dominação vigente. (MICELLI In: BOURDIEU, 2005, p. XIV)

Como campo de simulação de relações sociais e propício para o desenvolvimento do *hábitus* de classe, o GA firmou-se com uma proposta educacional que além de inovadora teve como referencial o Mons. Luciano Duarte. Ele foi o primeiro doutor de Sergipe e assim que retornou de sua formação na Universidade de Sorbone em 1957 deu continuidade a seus trabalhos não só na Faculdade de Filosofia, mas também na condução de ações de incentivo ao desenvolvimento da cultura e da Educação em Sergipe. Sua visão era de empreender futuramente o projeto maior que a sociedade sergipana ansiava de formação de uma universidade para o qual se exigiria uma formação mais consistente em uma das mais renomadas universidades do mundo.

Sabia que o ensino superior exigia aperfeiçoamento constante, pois, nessa instância da educação, não se trata apenas de transmissão de conhecimentos, mas também de sua crítica, de produção e descobertas. [...] Tinha certeza de que breve haveria uma universidade em Sergipe, e isso exigiria mais do que a simples graduação daqueles que quisessem se dedicar ao ensino e à pesquisa. (MORAIS, 2008, p.99)

É importante destacar a influência cultural que Mons. Luciano Duarte experimentou em Paris ao longo de seu doutorado, conforme suas próprias palavras:

Paris [...] é também uma encruzilhada intelectual, uma encruzilhada de inteligências. Eu não sei se existe outra capital na Europa onde se cruzem os caminhos de tantos intelectuais como em Paris. Eu tive ocasião de assistir a diversas conferências de intelectuais de várias partes do mundo; estudei na sala onde também Pasteur foi professor. Em Paris se cruzaram os destinos de três homens que iam ter influência considerável no pensamento do século XX: Freud, Marx e Bérghson [...] (DUARTE apud MORAIS, 2008, p.103)

Não se pode desconsiderar, conforme seu relato, a bagagem cultural que ele adquiriu ao longo de sua formação na Universidade de Sorbone. Essa cultura geral, como elemento constitutivo do capital cultural observado no relato do Mons. Luciano Duarte, foi incorporada em seus empreendimentos, e mais especificamente no GA, na criação de um estabelecimento que fosse modelo entre os demais de Sergipe. Apropriando-nos do conceito de campo de Bourdieu, identificamos esse processo como de afirmação num campo que ele considera como sendo de batalha,

operando com base na força do sentido, ou melhor, dando ênfase à força do sentido. Para além das forças que sucedem no plano material [...] a luta que se desenvolve entre os diversos grupos sociais assume o caráter de um conflito entre valores últimos que se materializam através de um estilo de vida baseado na usurpação do prestígio e na dominação que se exerce por intermédio das instituições que dividem entre si o trabalho de dominação simbólica (MICELLI In: BOURDIEU, 2005, p. LIII)

Para a afirmação dentro do campo, segundo Bourdieu, a transmissão de conhecimentos considerados bens simbólicos pode promover a criação de um lugar comum onde os que nele circulam detenham os mesmos comportamentos e compreendam os mesmos códigos produzidos, por exemplo, em seu ambiente escolar, e que reforçam a constituição do *habitus*, também observado em nosso objeto de estudo. (BOURDIEU, 2005)

A constituição do Ginásio de Aplicação como um lugar comum de circulação de bens culturais requereu do Mons. Luciano ações para a formação do corpo docente da instituição. De onde viriam, então, os professores para ministrar as aulas no GA considerando a necessidade de oferecer um ensino diferenciado e ao mesmo tempo de prover as necessidades de estágio da Faculdade de Filosofia?

Ainda deficiente o quantitativo de professores de ensino secundário em Sergipe, a opção foi a contratação de professores formados pela Faculdade de Filosofia e que eram

mestres na Faculdade ou nas cadeiras de outras instituições de ensino secundário, como o Colégio Estadual de Sergipe, a exemplo da professora Adelci Figueiredo, do professor Leão Magno Brasil e da professora Carmelita Pinto Fontes.

A relação entre alunos e professores em qualquer estabelecimento de ensino é a mais diversificada possível, e é permeada por afinidades e desencantos. Os alunos do Ginásio de Aplicação, no entanto, tinham uma equipe de professores que se dedicava ao trabalho que realizava, promovendo e despertando nos alunos o gosto pelo saber e para sua atuação futura na sociedade.

Mais do que isto, a formação ética dos alunos aliada ao desenvolvimento de valores sólidos eram preocupações que cercavam a atuação não só da diretora, Dona Rosália, mas também dos professores do Ginásio de Aplicação. Bezerra relembra que a ênfase na constituição de valores foi fundamental para a formação do caráter dos alunos.

Eu não tinha dúvida que aquele acontecimento em nível escolar e não doméstico, mas escolar, serviu para moldar o caráter de todos nós de alguma maneira, é em termos da honestidade, da generosidade, da verdade. [...] Então eu acho isso aí. Meus professores não só ensinaram as suas matérias, mas contribuíram muito para que eu me formasse em um cidadão com dignidade, com respeitabilidade, com estima. E patrióticos, entendeu? (BEZERRA, 2008)

No início de suas atividades o Ginásio de Aplicação contava com os seguintes professores (QUADRO 2):

QUADRO 02. Relação dos primeiros professores do Ginásio de Aplicação

DISCIPLINA	PROFESSOR
Português	Rosália Bispo dos Santos Carmelita Pinto Fontes
Matemática	Leão Magno Brasil
Francês	Rosália Bispo dos Santos Tereza Prado Leite Iara Silveira Teixeira
Inglês	Maria Lúcia Ribeiro Consuelo D'Ávila Melo Ferreira
Latim	Maria José Pizzi de Menezes
Ciências	Maria Simone Matos Lindalva Cardoso Dantas
História	Maria Matos de Andrade Maria de Lourdes Amaral Maria Auxiliadora Diniz
Geografia	Adelci Figueiredo Maria da Glória Monteiro Cacilda Whiltshire
Trabalhos manuais	Rosa Maria Nascimento Freire
Música e Canto orfeônico	Maria Lúcia Ribeiro Nair Ribeiro Porto
Desenho	Cecília Teixeira
Religião e Latim	Padre João de Deus Gois Padre Gilson Garcia de Melo

FONTE: Livro de Atas GA

Dentre os professores um dos que mais preocupação causava nos alunos era o professor Leão Magno Brasil. Professor de matemática, tanto do Ginásio de Aplicação como do Colégio Estadual de Sergipe, despertava verdadeiro pavor, pelo rigor com que conduzia sua disciplina que, diga-se de passagem, não usufruía de muito prestígio entre os alunos. Tanto que para homenageá-lo no Dia dos Professores, os alunos compuseram para ele uma paródia que bem retratava o clima despertado diante de uma prova de matemática aplicada no Ginásio de Aplicação:

Veja, só que teste de arromba!
 Outro dia, o Leão foi passar,
 presente no local, equações, inequações,
 problemas bem difíceis para a gente acertar,
 quase não consigo, me concentrar,
 pois a confusão estava de amargar.
 Hei! Hei! Hei! Que onda, que teste de arromba!
 Ângela de lado chorava pra valer!
 Célia lá no canto colava sem ele ver,
 os quatros cangaceiros trocavam informações,
 enquanto de bandinha o Leão vira leões.
 Mas veja, quem chegou de repente, há! há!
 Espírito Santo com o seu grande clarão.
 Enquanto a turma toda sentia inspiração
 Leão enraivecido, fazia menção
 de tomar o teste sem fazer objeção
 e dar muito zero sem doer o coração.
 Hei! Hei! Hei! Hei! Que onda, que teste de arromba!
 (MENEZES, 2008)

Tão envolvente na lembrança de Menezes (2008) esta passagem, que chegou a cantar a música com todos os timbres e refrões. E, segundo ela, apesar de toda a austeridade, o professor rendeu-se à homenagem feita pelos alunos:

E ele sério, sem querer rir. Depois, ele foi afrouxando, que a gente só deixou ele entrar na sala [...] aí, quando ele mandou sentar, aí a gente correu para o canto ao lado do birô. Aí fez, veja só que teste de arromba. Outro dia, Leão foi passar, presente no local, equações, inequações, problemas bem difíceis para a gente acertar [Risos!] Aí minha filha, ele sorriu e agradeceu que ele metia medo, mas com a gente não, era muito bom. (MENEZES, 2008)

Este duplo sentimento, de aproximação e repulsa ao professor Leão também pode ser explicado porque mesmo um professor responsável por uma disciplina que normalmente detém um nível de rejeição por parte dos alunos, detinha certa sensibilidade traduzida nos poemas que publicou no Jornal “A Cruzada” (A CRUZADA, 1962, n.1372):

Balada do Zero
Leão Magno Brasil aos seus alunos
 Certa vez, a pedido
 Vontade tive de falar no zero
 Que comove, maltrata e fere
 Na frente de um algarismo
 Pode perder seu valor;
 Mas na frente do aluno,
 Redondo como ele seja
 De qualquer maneira é um amor.

Se à direita do algarismo
Vale dez vezes mais;
Mas posto na frente do aluno...
Preto, verde ou vermelho,
De qualquer cor não satisfaz
Tentando não ligar para o zero,
Pois é nulo...dizem,
Nulo é o pobre alguém
Que do mesmo é xará
Falando em nulo, vem a nulidade,
Mas, por caridade, mesmo a pedido,
No zero não é bom falar!

Eles e nós

Leão Magno Brasil

Se nós fôssemos nós
Eles seriam eles
E quando fôssemos atacados
Eles ficariam preocupados
Porque sendo parte de nós
Seríamos um pouco deles
E preocupados mostrariam
Na glória ou na agonia
Que eles seriam parte de nós
E assim...nós seríamos eles

Como os professores que davam aulas no Ginásio de Aplicação também vinham de outras instituições, detinham uma experiência observada em sala de aula pelo domínio dos conteúdos. As reuniões periódicas realizadas entre a direção do Ginásio, o diretor da Faculdade de Filosofia e os professores informam que havia o entrosamento entre estes três segmentos de modo a se implementar as idéias que serviriam para o desenvolvimento dos alunos.

Havia uma preocupação por parte da direção para que aquele novo empreendimento realmente desse bons resultados, de forma a obter um conceito positivo perante a sociedade já em seus primeiros anos de existência.

A preocupação da Diretoria é que o ensino seja realmente perfeito. [...] tirou-se a conclusão que deve ser de grande interesse a aproximação entre professores, alunos e pais de alunos para que haja maior aproveitamento entre os estudantes e melhor nível do estabelecimento. (LIVRO DE ATA DE REUNIÕES DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 05 mar. 1960)

Isto se refletiu entre as famílias aracajuanas positivamente, pois o Ginásio já em seu primeiro ano apresentou um rendimento acima do esperado. Na qualidade de inspetora federal de ensino do Ministério da Educação e Cultura, Celina Oliveira Lima acompanhou as atividades pedagógicas desenvolvidas pelos professores e orientadas pela direção do Ginásio, a ponto de escrever um artigo que foi apresentado no Jornal “A Cruzada” com o título “O ensino que se renova”. (A CRUZADA, 1960, n.1.169, p.4)

Neste artigo, a professora Celina destacou os resultados alcançados pelo GA em seu primeiro ano de funcionamento, enfatizando a renovação do ensino promovida não só através de ações empreendidas pela CADES, mas também se referindo especificamente ao bom rendimento observado nos alunos do GA.

2.1.1 O EXAME DE ADMISSÃO

O acesso às instituições de ensino secundário da década de 1960 dava-se através de um exame de admissão. Vários anúncios publicados no Jornal A Cruzada divulgavam a abertura de editais entre os Ginásios que funcionavam em Aracaju àquela época, demonstrando ser esta uma prática corrente entre estes estabelecimentos.

Segundo Graça (2002), estes exames tinham status de vestibular e movimentavam as escolas primárias particulares que ofereciam cursos preparatórios para os referidos exames.

Obter aprovação nos exames de admissão tinha uma importância comparada à aprovação nos vestibulares atuais. As escolas particulares ainda não se utilizavam de alguns meios propagandísticos como faixas e outdoors, mas não deixavam de divulgar notas nos jornais locais refrendando seus alunos bem sucedidos. (GRAÇA, 2002, p.71)

Prática também comum entre os Ginásios de Aracaju nas décadas de 50 e 60, os exames de admissão tinham marcado toda uma significação de etapa máxima de consagração, pois naquele tempo passar num exame destes era equiparado ao que hoje vemos na aprovação ao vestibular.

Para Bourdieu, o processo seletivo representa a capacidade que o sistema de ensino detém de dissimulador da sua função social, onde também se legitimam as diferenças

de classe através de sua outra função denominada técnica observada através da produção de qualificações exigidas pelo mercado de trabalho. (BOURDIEU, 1992)

Na ótica de Bourdieu, esta função reforça muito mais a função social dissimulada pela escola, na qual se configura a conservação do poder das sociedades modernas, as quais delegam à escola a transmissão de seus privilégios, contribuindo, desta maneira, para a reprodução dos seus interesses de cultura dominante e da ordem estabelecida.

Delegando cada vez mais completamente o poder de seleção à instituição escolar, as classes privilegiadas podem parecer abdicar, em proveito de uma instância perfeitamente neutra, do poder de transmitir o poder de uma geração à outra e renunciar assim ao privilégio arbitrário da transmissão hereditária dos privilégios. [...] a Escola pode melhor do que nunca e, em todo caso, pela única maneira concebível numa sociedade que proclama ideologias democráticas, contribuir para a reprodução da ordem estabelecida, já que ela consegue melhor do que nunca dissimular a função que desempenha. (BOURDIEU, 1992, p.176)

Após a fundação do Ginásio de Aplicação, a direção também promoveu a abertura de um edital para convocar os interessados em realizar o seu primeiro exame de admissão. Esse mecanismo de seleção estava determinado pela lei de criação do Ginásio, a qual tomava como parâmetro a Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942, que serviu de apoio para a criação dos Ginásios de Aplicação e indicava que suas turmas iniciais deveriam ser submetidas a provas escritas. Os requisitos mínimos para inscrição exigiam que os candidatos interessados tivessem boa formação primária e que demonstrassem aptidão intelectual para os estudos secundários, o que reforça a condição apontada por Bourdieu em relação à função social da escola tratada anteriormente.

O Edital para a primeira seleção de vagas para o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe circulou pelo Jornal “A Cruzada” no mês de novembro de 1959 (A CRUZADA, 1959):

EDITAL Nº 1

Transmite instruções sobre os exames de admissão à primeira série ginasial

De ordem do Sr. Diretor, torno público, para conhecimento dos interessados, que estarão abertas as inscrições aos EXAMES DE ADMISSÃO À 1ª SÉRIE GINASIAL, a partir do dia 16 até o dia 30 de novembro, inclusive.

Os exames realizar-se-ão na primeira metade de dezembro, de acordo com o disposto no artigo 1º da Portaria nº 282 de 23 de agosto de 1957.

“Os candidatos não aprovados, em exame de admissão, em um estabelecimento, não poderão repetí-los em outro na mesma época, sob pena de nulidade dos atos praticados” (Port. 501, de 19-5-1952)

Para inscrição dos candidatos aos exames de admissão será exigida a seguinte DOCUMENTAÇÃO:

1º.Requerimento firmado pelo candidato ou por seu responsável, dirigido ao diretor do estabelecimento, com a declaração de que não se inscreveu, nem se inscreverá em exames de admissão em outro estabelecimento, na mesma época;

2º.Prova de idade em que se verifique ter o candidato no mínimo 11 anos completos ou a completar até 31 de julho seguinte;

3º.Provas regulamentares de sanidade física e mental e de imunização antivariólica;

4º.Certificado de conclusão do curso primário oficial ou atestado idôneo de haver recebido satisfatória educação primária. (Port. 501, art. 2º § 4º)

Outras informações poderão ser fornecidas na Secretaria do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, na rua Campos, 117, não sendo possível responder para tais casos pelo telefone.

Os requisitos pré-estabelecidos para ingresso ao GA são reveladores da rigorosidade no processo de seleção dos seus candidatos. Não poderiam ter se inscrito em nenhum tipo de exame de admissão para outro estabelecimento, nem poderiam ter menos de 11 anos de idade. Além disso, deveriam apresentar um documento atestando que se encontravam em plenas condições de saúde física e mental, como também de terem recebido instrução primária completa, mesmo que não fosse em estabelecimento oficial.

Foram abertas inscrições no mês de novembro de 1959 na Secretaria da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe para os exames de admissão dos candidatos à primeira série do ensino ginásial. No mês de dezembro do mesmo ano foram realizadas as provas de admissão.

O Ginásio de Aplicação também ofereceu um curso preparatório para aqueles candidatos que iriam concorrer a uma vaga no exame de admissão. Era ministrado no próprio Ginásio onde os professores davam orientações sobre as disciplinas básicas que iam fazer parte das questões da prova.

Tinha um cursinho de uma semana, eu não sei bem, não lembro exatamente, e que eu fui muito bem. Nesse cursinho, lá no GA, um cursinho preparatório para o exame de admissão, aliás, era assim [...] eles davam algumas informações, e faziam como se fosse uma pré-seleção [...], né! [...] pra ver se a pessoa não tivesse realmente capacidade nenhuma, tivesse muito aquém do rigor [...] do nível do exame. (MENEZES, 2008)

Segundo depoimentos de ex-alunos, as provas do exame de admissão eram muito concorridas e contemplavam o currículo do ensino ginásial, com questões sobre português, matemática, história e geografia, por exemplo. Bezerra (2008) nos dá uma indicação de que a

origem dos alunos era um fator condicionante e que se refletia na aprovação no processo seletivo do GA.

Era um exame rigorosíssimo! Tanto que esse rigor dos exames para admissão no Ginásio de Aplicação fez com que ele ficasse famoso pela qualidade, não só do ensino, como de seus alunos e como eram pessoas de classes privilegiadas. O GA sempre foi um colégio de pessoas privilegiadas. [...] Mas de toda a elite social de Aracaju. (BEZERRA, 2008)

A origem dos alunos, na expressão de Bezerra, foi fundamental para determinar o nível do Ginásio de Aplicação comparado a outras instituições de ensino ginásial da época e sua representação diante da sociedade sergipana como um ginásio que imprimia desde sua seleção, um ensino de qualidade.

Em seu depoimento, Soutelo (2008) forneceu a indicação da origem de alguns de seus colegas de turma. Segundo ele, a maioria dos alunos vinha de famílias tradicionais de Aracaju, cujos pais eram juízes de direito, gerentes comerciais, comandantes do Exército, comerciantes, cirurgiões-dentistas, médicos, professores das Faculdades sergipanas, funcionários públicos e advogados (SOUTELO, 2008). Ou seja, eram famílias que faziam parte não só da intelectualidade aracajuana, como também da classe média ascendente proveniente principalmente das atividades comerciais desenvolvidas com o crescimento da capital sergipana.

Dos alunos que realizaram o primeiro exame no Ginásio de Aplicação foram aprovados 25, selecionados conforme ordem decrescente das notas. Na edição de número 1.121 do Jornal “A Cruzada”, ao ser divulgada a realização do primeiro exame de admissão, consta a informação dos locais onde os alunos aprovados tinham concluído seus cursos primários, a saber, no Educandário Brasília, no Educandário Modelo, no Colégio Menino Jesus, no Colégio Nossa Senhora Menina e no Curso Particular da Professora Rosilda Teixeira. Por serem escolas particulares onde o nível de ensino era considerado elevado para a época, já indicavam o nível dos alunos que ingressaram no ginásio naquele ano.

Tais informações são relevantes por apontarem que a concorrência entre os candidatos era acirrada, pois além de haver um pequeno número de estabelecimentos que oferecia o ensino ginásial e um contingente relativamente grande de alunos que concluíam o ensino primário, o rigor nos exames exigia uma preparação rigorosa por parte dos candidatos. Além disso, os estabelecimentos de ensino mencionados no artigo do Jornal “A Cruzada”

revelam que os candidatos que conseguiram ser aprovados no exame de admissão pertenciam a famílias que possuíam condição financeira privilegiada, a ponto de poder dar a seus filhos educação ministrada em instituições particulares.

Os alunos aprovados no exame de admissão tinham feito seus estudos primários no Educandário Brasília, no Educandário Modelo, no Colégio Menino Jesus, no Colégio Nossa Senhora Menina e no curso particular da professora Rosilda Teixeira. (A CRUZADA, 1959, n.1.121)

Os estabelecimentos citados pelo Jornal “A Cruzada” eram instituições renomadas em Sergipe, onde estudavam os melhores alunos da capital. Olhar a seleção do GA por esse caminho significa também perceber a correlação entre o capital social e o capital cultural trazido pelos jovens candidatos como elemento influenciador no resultado da seleção e em seu desenvolvimento no ensino ginásial, principalmente observando-se a origem das escolas de onde vinham os alunos do curso primário que se submetiam ao exame de admissão.

Segundo Nogueira (2004) a seleção indicada nesse mecanismo é explicada pela teoria de Bourdieu, pois reforça as desigualdades sociais presentes no sistema de ensino, correlacionando-as com as diferenças sociais também observadas nele.

Essa correlação só pode ser explicada, na perspectiva bourdieusiana, quando se considera que a escola dissimuladamente valoriza e exige dos alunos determinadas qualidades que são desigualmente distribuídas entre as classes sociais, notadamente, o capital cultural e uma certa naturalidade no trato com a cultura e o saber que apenas aqueles que foram desde a infância socializados na cultura legítima podem ter. (NOGUEIRA, 2004, p.93-94)

Após a seleção, a Direção da Faculdade Católica de Filosofia convocou os pais para uma reunião, que aconteceu no dia 17 de dezembro do ano de 1959, onde a diretora do Ginásio de Aplicação, a Professora Rosália Bispo dos Santos tratou com os pais sobre assuntos tais como matrículas, uniformes, material didático, dentre outros pertinentes ao início das atividades educativas no ano seguinte.

Em outra nota do Jornal “A Cruzada”, na qual foi feita a divulgação do funcionamento do Ginásio para o ano de 1960, a direção convocou os pais dos alunos interessados, conforme consta na primeira página de sua edição número 1.114

A Direção da Faculdade informou que na próxima quinta-feira, 29 dêste, haverá uma reunião às 19:30 hs., na Faculdade de Filosofia, a qual ficam convidados os pais de futuros alunos do Ginásio, quando serão prestadas

pela Direção da Casa e do Ginásio, informações mais detalhadas (A CRUZADA, 1959, n. 1.114).

O Ginásio iniciou suas atividades em março de 1960 e deu continuidade às séries sequenciais do ensino ginásial, acrescentando uma turma a cada ano.



Figura 3. 1ª Turma de alunos do Ginásio de Aplicação

Fonte: Acervo pessoal da Professora Rosália Bispo dos Santos

A imagem da primeira turma de ginásianos do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FIGURA 3) revela a preocupação daqueles primeiros anos para que a nova instituição fosse um empreendimento de sucesso reconhecido pela sociedade sergipana. Os alunos ao meio, todos uniformizados e arrumados no pátio do Ginásio representam a organização que era mantida pela professora Rosália na condução daquelas primeiras turmas.

A partir do exame de admissão para a turma de 1961 foram aprovados os 30 alunos, conforme disposto na Lei 9.053, art. 9º.

Art. 9º A matrícula nos ginásios de aplicação será, limitada a uma turma, no máximo de trinta alunos, em cada série. (BRASIL, 1946)

Inicialmente foi divulgado pelos jornais que haveria turmas separadas para meninos e meninas. Esta posição foi repensada diante da necessidade de atrair a clientela para estudar no GA, pois àquela época, as moças já não queriam mais estar em instituições onde não houvesse a convivência com os meninos, a exemplo do que ocorria no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e em outras instituições como o Colégio Estadual de Sergipe.

Para manter seus filhos no Ginásio, os pais pagavam uma mensalidade, conforme destacado em notícia divulgada no Jornal A Cruzada dando conta que “as mensalidades pagas no Ginásio ainda não foram fixadas pela Direção da Faculdade” (A CRUZADA, 1959, N. 1.114). De fato, para estudar no Ginásio de Aplicação os pais desembolsavam as mensalidades para manter a educação de seus filhos, e cuja renda servia para o pagamento dos salários dos professores, manutenção do Ginásio e aquisição dos materiais necessários para funcionamento das aulas, mas também colaborava com a manutenção das atividades da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e demais ações da Diocese de Aracaju.

2.2 A INFLUÊNCIA DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO CURRÍCULO DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO

O estudo do currículo permite uma noção mais ampla da realidade escolar, enquanto elemento articulador de uma proposta educacional que se correlaciona com a sociedade e da influência cultural que essa sociedade exerce sobre a escola. Partindo dessa perspectiva, segundo Moreira e Silva (1999):

O currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. (MOREIRA; SILVA, 1999, p.08)

Reveste-se, conforme apontado pelos autores, de uma configuração que contempla um universo ampliado para análise das modalidades que permeiam as propostas pedagógicas das instituições escolares, segundo uma lógica que considera a organização sistemática de saberes dentro de uma perspectiva temporal.

Nessa condição, não se pode desconsiderar que a composição curricular adotada na década de 1960, apesar de destacar a divisão dos saberes disciplinares e de focalizar a possibilidade de formação profissional do aluno através do ensino profissionalizante, também contivesse certo grau de interesse em sua formação geral, especificamente no ensino secundário, alvo de investigação nesta dissertação.

A proposta educacional brasileira baseou-se na década de 1960 principalmente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, denominada LDB 4024/61. Resultado de debates das questões educacionais durante 13 anos, esta lei trouxe como princípio fundamental a liberdade e a solidariedade humana, destacando, dentre outros:

o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional, o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio e a preservação e expansão do patrimônio cultural.
(BRASIL, 1961)

Estas bases sustentavam um modelo educacional que pretendia expandir o desenvolvimento nacional, como resposta ao modelo político de expansão industrial e de crescimento no Brasil a partir da construção de um modelo nacional-desenvolvimentista.

Pela LDB 4024/61, o ensino secundário fazia parte do ensino médio assim denominado o grau de ensino que compreendia o curso secundário, o curso técnico e o curso de formação de professores para o ensino primário e pré-primário, e que era responsável pelo ensino sequencial ao ensino primário e destinava-se à formação do adolescente.

Para Saviani (2000) a Lei de Diretrizes e Bases – LDB 4024/61 visou ao sistema educacional com a intencionalidade de atender às condições necessárias para sua construção. Ele identifica esse processo a partir da noção de sistematização educacional como resultado da educação sistematizada, ou seja, envolvendo não só sua intencionalidade, mas a necessidade de ordenação da multiplicidade de elementos educacionais que necessitavam de ordenação.

Com a LDB 4024/61, o ensino secundário e os ramos do ensino técnico-profissional e de formação de professores para o ensino primário, que passaram a ser unificados e denominados de Ensino Médio, não apresentaram uma indicação de avanços substanciais no tipo de ensino a ser ministrado neste nível. Segundo Lima apud Saviani

(2000), “o curso secundário (desinteressado e acadêmico) continua a ser o ponto nevrálgico das cogitações”.

Manteve-se, assim, um ensino ainda caracterizado como humanista clássico, mas apresentando alternativas profissionalizantes, que reforçavam a dualidade educacional brasileira, pois atendia tanto à formação de intelectuais como dos profissionais para atuar nos diversos postos de trabalho.

Segundo Zotti (2004) o diferencial trazido pela LDB 4024/61 em relação às reformas educacionais anteriores estava centrado na possibilidade de acesso ao ensino superior através do curso secundário propedêutico, além do aproveitamento dos estudos entre os diversos ramos do colegial.

A formação do adolescente pretendida para o nível médio manteve-se com duração de sete anos, mesmo período indicado pela Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942, dividindo-se nos ciclos ginasial e colegial. Entretanto, quanto aos conteúdos, havia uma ausência de detalhamentos qualitativos, pois, segundo Zotti (2004), o que se observou foi a definição de diretrizes quantitativas e das responsabilidades por sua regulamentação, quer fossem em nível dos Conselhos Federal ou Estadual de Educação.

Desta forma, o currículo ginasial continha disciplinas que atendiam a uma formação dentro de uma cultura geral, englobando tradicionalmente português, matemática, ciências, história e geografia, e acrescentando-se a essa grade o ensino do latim, francês e inglês. Já no colegial, aproximava-se a juventude de bases científicas ou humanísticas, através dos cursos científico e clássico, a fim de prepará-la para o êxito no acesso ao ensino superior, até porque não existiam cursinhos, ou eram escassos, e os vestibulares exigiam uma boa preparação dada pela própria escola.

Competia aos Conselhos Federal e Estadual de Educação a organização e definição das disciplinas a serem oferecidas nos estabelecimentos, tanto da rede pública como privada. Além desta competência, Zotti (2004) indicou uma terceira esfera, a escolar, formada pelos estabelecimentos que poderiam escolher sua grade curricular a partir das diretrizes apontadas pelos Conselhos mencionados. O Ginásio de Aplicação aproveitou esta brecha para realizar a experiência do Co-curriculum conforme será analisado no terceiro capítulo.

A base política de sustentação das propostas aprovadas com a LDB 4064/61 estava ainda sujeita a alterações, a depender da unidade de comando na condução da educação nacional. Esse é um aspecto que Domingues, Toschi e Oliveira (2000) consideram como fator crítico de sucesso das propostas pedagógicas relacionadas ao ensino médio, entre elas a LDB 4064/61, pois demonstrava a carência de continuidade para uma efetiva implantação e consolidação de tais propostas.

Em geral, essas políticas de currículo têm se caracterizado como programas de governo, isto é, com início e fim determinados pelos mandatos. Falta tempo para sua implantação e consolidação no espaço de um governo, acarretando descontinuidade administrativa e pedagógica. O mais grave é que tais políticas levam ao descrédito no âmbito escolar, uma vez que os professores não acreditam nelas, e, portanto, não se engajam efetivamente. (DOMINGUES; TOSCHI; OLIVEIRA, 2000)

Os elementos até aqui traçados permitem-nos observar as influências que cercaram a oferta de disciplinas através do currículo escolar durante a década de 1960, mesmo depois da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 4024/61). Estas seriam as considerações pertinentes às ênfases curriculares que perpassaram esse período. Segue-se a apresentação da proposta curricular do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

2.3 A PROPOSTA CURRICULAR DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO

Quando o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (GA) começou a funcionar em 1960 estava submetido ao Decreto-Lei nº 4.244 de 09 de abril de 1942. Era a Lei Orgânica do Ensino Secundário, esforço do Governo Federal em ordenar os diferentes níveis de ensino nacional. Por esta legislação ele é definido como estabelecimento do ensino secundário de primeiro ciclo, ou seja, ginásial.

O Ginásio de Aplicação iniciou suas atividades apenas com a primeira série do ensino ginásial e foi dando sequenciamento aos demais anos de ensino a partir de 1960. Esta caracterização implicou na disposição das disciplinas que foram ministradas no GA visando uma formação humanística para os jovens do ensino secundário, conforme demonstrado no Quadro 3.

QUADRO 03. Grade curricular do Ginásio de Aplicação até a Lei de Diretrizes e Bases Nº 4.024 de 1961

DISCIPLINAS	CURSO GINASIAL		
	1960	1961	
	1ª Série	1ª Série	2ª Série
1.PORTUGUÊS	X	X	X
2.LATIM	X	X	X
3.FRANCÊS	X	X	X
4.INGLÊS	-	-	X
5.MATEMÁTICA	X	X	X
6.HISTÓRIA DO BRASIL	X	X	-
7.HISTÓRIA DA AMÉRICA	-	-	X
8.GEOGRAFIA	X	X	X
9.TRABALHOS MANUAIS	X	X	X
10. DESENHO	X	X	X
11. MÚSICA E CANTO ORFEÔNICO	X	X	X
12. RELIGIÃO	X	X	X

FONTE: Livro de registros de notas do Ginásio de Aplicação

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4024/61, o currículo do Ginásio de Aplicação também sofreu alterações. A LDB não fixou um currículo específico para o ensino secundário. Estabeleceu, em seu art. 45 (BRASIL, 1961), que deveriam ser oferecidas ao todo nove disciplinas para os primeiros quatro anos e que, além das práticas educativas, não poderiam ser ministradas menos de cinco nem mais de sete disciplinas em cada série. Deste quantitativo, no máximo duas poderiam ser optativas e de livre escolha do estabelecimento para cada curso. Das treze disciplinas com as quais começou a funcionar, foram ofertadas em 1963 no GA apenas nove, sendo que a cada série limitaram-se a sete. (QUADRO 4)

QUADRO 04. Grade curricular do Ginásio de Aplicação após a Lei de Diretrizes e Bases Nº 4.024 de 1961

DISCIPLINAS	CURSO GINASIAL									
	1963			1964			1965			
	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	4ª
1.PORTUGUÊS	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2.LATIM	-	-	-	-	-	X	-	-	X	X
3.FRANCÊS	X	X	X	X	X	X	-	-	X	X
4.INGLÊS	-	X	X	-	X	X	-	X	X	X
5.MATEMÁTICA	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
6.CIÊNCIAS	X	X	-	X	X	-	X	X	-	X
7.HISTÓRIA DO BRASIL	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
8.GEOGRAFIA	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-
9.DESENHO	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-

FONTE: Livro de registros de notas do Ginásio de Aplicação

Observa-se nesta nova composição curricular, que permaneceram as disciplinas de conhecimentos básicos e gerais, como Português, Matemática, Ciências, História do Brasil e Geografia, que habilitariam o aluno a seguir seus estudos no ciclo colegial e, por conseguinte, no ensino superior.

Quando o Ginásio teve sua primeira turma de segundo ciclo do ensino secundário aprovada em 1965, outras disciplinas foram acrescentadas à grade curricular, que ficou composta conforme apresentado no Quadro 5.

QUADRO 05. Grade curricular para o curso colegial do Ginásio de Aplicação

DISCIPLINAS	CURSO COLEGIAL		
	1966 1ª série	1967 2ª série	1968 3ª série
1. PORTUGUÊS	X	X	X
2. QUÍMICA	X	X	X
3. INGLÊS	X	-	X
4. MATEMÁTICA	X	X	-
5. HISTÓRIA	X	X	-
6. BIOLOGIA	X	X	X
7. FILOSOFIA	X	-	-
8. FÍSICA	X	X	X
9. DESENHO	-	X	-

FONTE: Caderneta de notas do Ginásio de Aplicação

A composição da grade curricular do ciclo colegial do curso secundário destinava-se a consolidar a educação ministrada no ensino ginásial, visando o aprimoramento e aperfeiçoamento dos conteúdos nele ministrados, através de uma formação clássica, destinada à formação intelectual do indivíduo, com um maior aprofundamento do ensino da Filosofia e do estudo das letras antigas, e de outra científica, voltada a um estudo maior das Ciências, englobando disciplinas como Biologia, Química e Física.

2.4 O SISTEMA DE AVALIAÇÃO NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO

Berger (2002) apoiou-se em diferentes teóricos para desenvolver sua concepção de avaliação da aprendizagem. Para o autor, a partir de diferentes matizes, a avaliação era vista ou como mecanismo dissimulador e de perpetuação da cultura dominante, na visão de Bourdieu e Passeron, ou como mecanismo de manutenção do poder através dos corpos dóceis e disciplinados, na perspectiva de Foucault. É com Luckesi que a visão de avaliação de aprendizagem se ampliou, pois para ele a base que serve de parâmetro para o desenvolvimento de um processo educacional democratizado recai sobre o acesso universal ao ensino, a permanência na escola e a qualidade satisfatória da instrução. Segundo Berger:

A democratização do ensino, o acesso e a permanência do indivíduo na escola e o desenvolvimento de uma ação sistematizada que propicie a apropriação significativa de conhecimentos elevando o patamar de compreensão dos alunos na sua relação com a realidade, vão contribuir para o processo de emancipação do indivíduo como elemento participativo da sociedade. (BERGER, 2002, p.35)

Ainda conforme Berger, cabe ao educador definir um mecanismo que possibilite uma avaliação que detenha antes uma função diagnóstica, do que uma função discriminatória ou mesmo punitiva. Neste sentido, e segundo o autor:

Muitos educadores, preocupados com o progresso do aluno e a socialização dos saberes, têm-se valido da avaliação com o objetivo de obter informações sobre o desempenho do educando que favoreçam um trabalho mais eficiente de orientação e possibilitem uma reflexão e redimensionamento de sua atuação. (BERGER, 2002, p.93)

O modelo de avaliação adotado no Ginásio de Aplicação baseava-se em prova objetiva de conhecimentos gerais dentro do programa de ensino da instituição, cujos assuntos,

segundo indicação da professora Rosália Bispo, “o aluno receberia no dia da prova parcial preenchendo os espaços como em concurso” (SANTOS, 2008). Além deste instrumento de avaliação, também fazia parte dos exames as provas orais. A observação dos relatórios finais de cada turma permite inferir que eram exames rigorosos, dos quais faziam parte uma banca examinadora, composta por professores do GA e alguns outros convidados.

A participação de uma banca formada por professores do estabelecimento para avaliação dos alunos estava prevista pelo art. 39 da LDB 4.024 de 1961 (BRASIL, 1961) que em seu segundo parágrafo determinava que os exames deveriam ser prestados perante comissão examinadora, formada de professores do próprio estabelecimento.

Art. 39. A apuração do rendimento escolar ficará a cargo dos estabelecimentos de ensino, aos quais caberá expedir certificados de conclusão de séries e ciclos e diplomas de conclusão de cursos.

§ 1º Na avaliação do aproveitamento do aluno preponderarão os resultados alcançados, durante o ano letivo, nas atividades escolares, asseguradas ao professor, nos exames e provas, liberdade de formulação de questões e autoridade de julgamento.

§ 2º Os exames serão prestados perante comissão examinadora, formada de professores do próprio estabelecimento, e, se este fôr particular, sob fiscalização da autoridade competente.

Participavam destes exames orais aqueles alunos que não conseguiam obter a média final suficiente, como relembra a professora Rosália: “[...] quem tinha a média acima de sete era dispensado da prova oral. [...]”. (SANTOS, 2008)

Entretanto, as provas do Ginásio de Aplicação tinham outro diferencial: não tinham data marcada para acontecer. Significava que os alunos deveriam estar com seus pontos em dia para a necessidade do professor aplicar uma prova de surpresa, sem prévio aviso.

Aí tá lá [...] a gente não sabe como vai ser, tá lá uma norma e as provas, os testes, elas não eram marcadas [...] para que? Para que você mantivesse em dias todas as matérias, né! Criasse o hábito de estudar diariamente, independente de ser para teste ou não e isso ficou [...] isso realmente ficou e foi assim [...] eu acho que me serviu para o resto da vida. (MENEZES, 2008)

Outra prática diferenciada adotada no GA era a execução de trabalhos realizados em grupo com os alunos nas diferentes disciplinas. Esses trabalhos representavam uma novidade para a época, na lembrança de Bezerra:

O GA foi o primeiro Colégio que eu vi na minha vida em que se fazia [...] estudava em grupo. Separava as carteiras para cada um tratar de um tema, depois apresentar para a sala inteira. [...] Novidadíssima! A gente achava aquilo o máximo! (BEZERRA, 2008)

A professora Carmelita Pinto Fontes recorda que esta prática de apresentação de trabalhos entre os alunos decorreu de uma experiência para a qual foram treinados os professores das disciplinas básicas do Ginásio de Aplicação e promovido pelo Ministério da Educação em cursos realizados em Brasília.

[...] nós fomos pra Brasília, os cinco professores de disciplinas obrigatórias: Rosália, Matemática foi Leão, Português fui eu, Geografia, Maria da Glória, não sei se você conhece, História, Adelci Figueiredo, [...], Lindalva Cardoso Dantas, professora de Ciências, a segunda diretora do GA. E só esses seis. Cada professor foi a Brasília fazer o estágio, agora tinha que ser professor com experiência no ensino superior e médio, porque os professores de prática de ensino, geografia, português, eram justamente esses professores. (FONTES, 2008)

Ao retornarem, começaram a aplicar a nova técnica de ensino, onde o aluno apresentava seu trabalho para os demais colegas, os quais faziam a avaliação. Esta didática gerou um impacto entre os pais, pois não compreendiam como seus filhos poderiam ser avaliados por outros jovens da mesma idade.

A professora Adelci Figueiredo foi uma das que realizou este estágio promovido pelo Ministério da Educação e Cultura e tinha em suas aulas dinâmicas que chamavam a atenção dos alunos e os estimulavam ao aprendizado envolvendo os conhecimentos das disciplinas de Geografia e História, fato rememorado por Soutelo:

Por exemplo, uma coisa interessante eram os trabalhos de Geografia de Alderci. Eram trabalhos muito bem feitos. Adelci tinha umas coisas assim para você aprender, por exemplo, qual a diferença entre a casa branca e a casa rosada? Pode parecer uma besteira a pergunta, uma coisa boba, mas não é! Para você saber, [...] a casa rosada é na Argentina, no Hemisfério Sul, em Buenos Aires. A casa Branca é nos Estados Unidos, na América, na América do Norte, nos Estados Unidos é [...] no Distrito Federal de Columbia no Hemisfério Norte, tá bom! (SOUTELO, 2008)

Esse hábito adotado pela professora Adelci ficou conhecido entre os alunos como “perguntas de bolso” feitas em sala de aula.

Ela fazia pergunta de bolso. Tanto que Carlos Augusto dizia: - Ainda vou derrubar a senhora [...]. E descobriu no mapa uma ilha minúscula, no meio do Rio Amazonas e perguntou a ela aonde ficava. Aí ela disse que não sabia. [Risos!] (SOUTELO, 2008)

Estes mecanismos de avaliação adotados no Ginásio de Aplicação, conforme observado nos relatos, atendiam à dupla função: inquirir sobre os conhecimentos adquiridos, desenvolvendo nos alunos o hábito da aprendizagem individual e em grupo, como também orientar cada um conforme declinavam suas aptidões, como veremos em outro capítulo sobre a Cultura Escolar. Na ótica de Berger, tais mecanismos devem ser analisados como decorrentes de uma ação processual, a qual foi desenvolvida com a intenção de servir ao diagnóstico do processo ensino-aprendizagem, não de forma estanque ou descolada da realidade escolar, mas em suas interrelações, com o objetivo de favorecer a integração e o desempenho entre o professor e o aluno. (BERGER, 2002)

2.5 A CONSOLIDAÇÃO DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO

Sendo ligado à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, o Ginásio de Aplicação utilizou-se, desde sua fundação, da sua estrutura, não só em termos de espaço físico, como também de sua grade de professores e até mesmo dos estagiários que vinham dar suas primeiras aulas numa instituição de ensino secundário.

Em 27 de maio de 1961, entretanto, o Ginásio publicou no Jornal “A Cruzada” seu primeiro Regimento Interno, composto de treze capítulos que tratavam sobre as finalidades e a organização administrativa, seja da direção, secretaria e tesouraria; do corpo docente e discente, destacando-se seus deveres e penalidades; além de demais detalhes da vida escolar. O regimento só foi modificado anos mais tarde quando o Ginásio já fazia parte da Universidade Federal de Sergipe.

Ainda na fase de implantação, o Ginásio de Aplicação ainda não possuía um quadro de funcionários para sustentar as atividades administrativas. Em seu primeiro ano, o secretário da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, Hélio de Souza Leão, foi quem colaborou exercendo esta função, tanto que é dele a assinatura que versa nos primeiros editais de exames de admissão que circularam no Jornal “A Cruzada”.

Inicialmente, com apenas uma turma, a diretora Rosália Bispo dos Santos era a pessoa que assumia boa parte dessas funções, quer fossem atividades administrativas, de

condução das reuniões ou de orientação educacional, atividade esta que era realizada a cada quinze dias e que, segundo a inspetora federal Celina Oliveira Lima, traduzia-se como um fator impactante para o sucesso da instituição.

Também as sessões quinzenais de Orientação Educacional, processo pelo qual se acompanha e se auxilia o desenvolvimento intelectual e a formação da personalidade do indivíduo muito contribuíram para que os alunos se tornassem mais responsáveis nas suas atividades discentes, embora num ambiente de espontaneidade e profunda compreensão humana. (A CRUZADA, 1960, n. 1168, p.4)

O aumento da quantidade de alunos que ingressava a cada ano exigiu da mesma forma um aparato administrativo que pudesse atender às necessidades de crescimento da instituição. Com isto, a providência tomada promoveu duas inovações: uma delas foi a contratação de uma secretária. Assim, no período de 1961 a 1967, Valdice Pereira Gomes assumiu a secretaria do Ginásio de Aplicação.

Natural de Aracaju, e nascida em 3 de maio de 1927, D. Valdice teve sua formação ginásial na Escola Técnica de Comércio de Sergipe e concluiu o curso Colegial em Contabilidade na Escola Técnica de Comércio de Tobias Barreto. Em suas palavras, define o que representava para ela as funções de uma secretária:

Secretário é aquele que transcreve as atas de sessões de uma Assembléia. Aquele que se desincumbe de determinadas redações, que se ocupa da organização e do funcionamento de uma Assembléia, de uma Sociedade, de um Serviço Administrativo. (GOMES apud PALMEIRA, 1992, s/p)

Dessa forma, a organização administrativa a cargo de D. Valdice na secretaria do GA promoveu condições de uma melhor escrituração dos documentos, das atas de reuniões, dos livros de registro ou mesmo dos editais para exames de admissão. Além de secretária, ela também foi a bibliotecária do Ginásio no período de 1967 a 1968.

Outra providência tomada foi a posse de uma vice-diretora. Por considerar a necessidade diante do aumento anual no quantitativo de alunos e turmas, o supervisor Mons. Luciano José Cabral Duarte decidiu nomear em 1961 uma vice-diretora para auxiliar no gerenciamento das atividades do Ginásio. Essa função foi exercida pela professora Carmelita Pinto Fontes, que dava aulas de português e francês e que, como a professora Rosália, também foi enviada a realizar estágio no Colégio de Nova Friburgo.

Esta composição do quadro diretivo não durou muito, pois a professora Carmelita logo pediu dispensa da vice-diretoria do GA, apesar dos apelos de pais e alunos. Em 1965, a professora Rosália pediu seu afastamento do Ginásio para, logo depois, assumir, a convite do Governador do Estado Dr. Sebastião Celso de Carvalho, a direção do Colégio Estadual de Sergipe. Ela relembra esse momento marcante, pois foi para ela como se tivesse abandonado um filho. (SANTOS, 2008)

Este “filho” havia crescido e já dava sinais claros de uma consolidação consistente como estabelecimento de ensino de nível médio de Sergipe. Tanto que quando ela deixou a direção, o GA abrangia as quatro primeiras séries do ciclo ginásial e, dos 24 alunos com os quais abriu suas portas, o ginásio já possuía um quantitativo de 109 alunos em 1965.

A lembrança que deixou nos ex-alunos do Ginásio caracterizam-na, apesar de rigorosa, como uma pessoa boa, responsável e que tinha um profundo amor pela instituição que ajudou a fundar, pois exigia dos alunos uma postura de disciplina e respeito ao estabelecimento e a seus professores.

E então, ao mesmo tempo que ela mantinha uma autoridade de todo mundo, [...], ela tinha uma relação muito humanizada, nesse sentido, assim [...] de troca, então, a gente gostava demais dela. Dona Rosália era uma diretora alegre, atenta, mas que se misturava com a gente! Sabe como é que é!? Não era uma mulher de gabinete. Era uma mulher de praça, de recreio, entendeu!? (BEZERRA, 2008)

O depoimento ressaltava o modo como a professora Rosália conduzia com austeridade o Ginásio, mas também revela uma outra face da mulher dinâmica, que também respondia pelo serviço de orientação educacional da instituição. E neste sentido, o contato com os alunos era constante. Eram delas as anotações feitas nas cadernetas diárias dos alunos, dando conta aos familiares sobre o desempenho e o comportamento de cada um no Ginásio e, mais especificamente, em sala de aula.

Mesmo sem possuir ainda autorização para funcionamento das séries sequenciais do ensino secundário, ou seja, o ciclo colegial, ela preocupou-se em direcionar todos os alunos que representaram a primeira turma de formandos para uma única turma do Colégio Estadual de Sergipe.

Então quando saíram do GA foram todos para o Atheneu, porque não tinha científico ainda. Rosália conseguiu que eles todos ficassem numa turma só. Não queria soltar os meninos [risos]. Passei o mês de janeiro e fevereiro indo

para festa, eles não queriam se separar. Todo dia festa dançante [risos]. Eles mesmos organizavam, as mães, era uma coisa linda. (FONTES, 2008)

Para substituir a professora Rosália foi convidada a professora Lindalva Cardoso Dantas. Professora de Ciências, ela assumiu a direção do Ginásio em fevereiro de 1965 até o ano de 1968. Apesar do acesso difícil a informações sobre a professora Lindalva, pois a mesma já é falecida, pudemos reconstruir um pouco de sua passagem pelo GA a partir da publicação de um Caderno de Memórias que comemorou o aniversário de 25 anos da Universidade Federal de Sergipe. (PALMEIRA, 1992)



Figura 4. Professora Lindalva Cardoso Dantas –
2ª Diretora do Ginásio de Aplicação
Fonte: Acervo pessoal Lícia Dantas

A professora Lindalva Cardoso Dantas (FIGURA 4) nasceu em Rosário do Catete e era filha de Manoel Lourenço do Bonfim e de Laura Carolina Dantas. Iniciou seus estudos

na Vila do Carmo, atual município de Carmópolis, terminando o Curso Normal no Colégio Imaculada Conceição em Capela, o que lhe abriu as portas do magistério secundário. A partir daí, ela deu aulas nesse mesmo colégio, tanto no curso ginásial com a disciplina de Ciências, quanto no curso pedagógico com a disciplina de Higiene e Puericultura.

Em 1952, através do programa do Ministério da Educação para professores do Ensino Secundário, CADES, fez o curso de suficiência em Ciências, o que a habilitou à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe onde foi licenciada em Letras Português-Francês.

Quando veio morar em Aracaju em 1956, a professora Lindalva passou a dar aulas de Ciências em diversos colégios importantes da capital, dentre eles, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o Patrocínio São José, o Colégio Tobias Barreto, o Jackson de Figueiredo, além do Colégio Salvador e do Colégio Pio Décimo.

Em 1965 a professora Lindalva Cardoso Dantas chegou ao GA para ministrar aulas de Ciências. Logo em seguida, assumiu a direção do Ginásio com a saída da professora Rosália Bispo dos Santos. Do período em que esteve à frente da direção do GA, destaca-se a atuação da professora Lindalva para manter o nível de ensino do Ginásio e ampliar sua condição de ensino de primeiro ciclo ginásial, a fim de abranger também o segundo ciclo colegial.

A necessidade de ampliação das séries de ensino era latente e representava o anseio de toda a comunidade, não só dos pais e professores, como também contava com o apoio do supervisor do Ginásio, Mons. Luciano Duarte. Esse esforço conjunto culminou com a publicação do Ato nº 2 da Inspeção Seccional do Ensino Secundário de Aracaju, de 30 de setembro de 1965, quando foi autorizada a extensão para o 2º Ciclo ao Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

O curso colegial implantado no GA em 1966, na gestão da professora Lindalva Cardoso Dantas atendia aos alunos optantes pelo curso científico ou pelo curso clássico segundo a Lei nº 4.024. A partir de então, o GA deixou sua denominação inicial e passou a se chamar Colégio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Além desta conquista, a professora Lindalva Cardoso conseguiu, durante o período em que foi diretora do GA, a duplicação progressiva das séries do curso ginásial, além da implantação do Serviço de Assistência Social e do Serviço de Orientação

Educacional. Além de assumir muitos cargos dentro e fora da Universidade, a professora Lindalva também foi colaboradora do “Jornal de Sergipe”, do Jornal “A Cruzada”, cronista da Rádio Jornal de Sergipe e da Rádio Cultura, onde assinava regularmente a “Crônica da Ave-Maria”, que ia ao ar diariamente no horário das dezoito horas.

Aos alunos deixou marcada a expressão de uma professora dedicada, tranquila, que soube conduzir o Ginásio imprimindo em sua gestão a serenidade necessária para que a instituição se consolidasse até ser transferida para a Universidade Federal de Sergipe

Lindalva, era o oposto e a gente não estava acostumado [...], então a gente vê os primeiros meses de hostilidade, né! [...] entre a postura. E a gente ficou muito saudoso da Rosália, isso eu me lembro nitidamente, a gente lamenta, que pena que Dona Rosália saiu! Com o tempo a Lindalva conquistou o coração do “GA” de tal maneira que não era que a gente tivesse esquecido a Rosália, era uma grande lembrança, mas a Lindalva passou a ser uma grande diretora. Grande diretora! Fantástica! Em termos de disciplina, de ordem, de execução de tarefas, de normas. (BEZERRA, 2008)

Nesse período, foram enredados esforços para a reunião das Faculdades isoladas de Sergipe, com o objetivo de fundar uma Universidade em Sergipe.

Lima, Vieira e Araújo (2007) destacaram que o então presidente da Sociedade Sergipana de Cultura, Frei Edgar Staniskowsk, autorizou em 1966 o diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, Dom Luciano José Cabral Duarte a preparar o projeto de criação da Universidade Federal de Sergipe e submetê-lo ao Ministério da Educação e Cultura.

A criação da Universidade Federal de Sergipe, ainda segundo os autores, representou o resultado de muito empenho por parte de Dom Luciano Duarte, que precisou articular esforços entre as esferas do poder executivo e legislativo, além dos intelectuais sergipanos pertencentes às Faculdades de Direito e Medicina de Sergipe.

Apesar dessa articulação, o processo só teve efetivo andamento quando, já consagrado bispo de Aracaju em 1966, Dom Luciano conseguiu promover a visita do professor Newton Sucupira, relator do Ministério da Educação, que veio a Sergipe em 1966 para inspecionar as Faculdades aqui existentes e as condições para criação da Universidade. (LIMA; VIEIRA; ARAÚJO, 2007)

Sendo comprovadas as condições satisfatórias, foi criada a Universidade Federal de Sergipe pelo Decreto-Lei nº 269, em 28 de fevereiro de 1967. Apesar da publicação do Decreto, sua instalação só aconteceu efetivamente em 15 de maio de 1968, em sessão solene ocorrida no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Este evento contou com a presença de várias autoridades, dentre elas o Ministro da Educação, Muniz de Aragão. (LIMA; ARAÚJO; VIEIRA, 2007)

A partir de maio de 1968, tanto a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe quanto o Colégio de Aplicação foram incorporados à Fundação Universidade Federal de Sergipe. A Resolução de nº 1168 de 16 de dezembro de 1968 aprovou o regulamento de pessoal, o quadro único de pessoal, a tabela de salários e a organização da Universidade Federal de Sergipe. Neste novo contexto, o Colégio de Aplicação passou a ser dependente da Universidade em termos financeiros, sendo que o critério para admissão da clientela através de exame permaneceu inalterado, e a taxa cobrada pela antiga Faculdade Católica de Filosofia foi transformada numa taxa irrisória.

Com a criação da Universidade Federal de Sergipe, o Ginásio, já denominado Colégio de Aplicação, passou a pertencer a essa nova instituição, deixando sua vinculação com a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Desse modo, tanto o patrimônio quanto o quadro de professores passaram a pertencer ao Governo Federal. A partir de então, a direção do Colégio ficou subordinada à Reitoria da Universidade e neste sentido foi determinado que não poderia assumi-la professor que não tivesse formação superior.

Assim é que, como consequência de todo este processo, a professora Lindalva Cardoso Dantas deixou a direção do Colégio de Aplicação, tendo sido nomeado pelo reitor da Universidade, o professor João Cardoso do Nascimento Júnior, o professor Juan José Rivas Pásqua (FIGURA 5) que era professor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e, posteriormente, da Faculdade de Educação.



Figura 5. Professor Juan José Rivas Pásqua - 3º Diretor do Ginásio de Aplicação
Fonte: Acervo da pesquisadora

Natural de Salamanca, província da Espanha, o professor Rivas, como é conhecido, nasceu em 1933 e já desde cedo entrou para o Seminário dos Operários Diocesanos do Coração de Jesus, onde buscou uma formação que o levaria mais tarde a tornar-se sacerdote. Mas este percurso seguiu-se para além das fronteiras espanholas, pois naquela época, os melhores alunos eram enviados como bolsistas para estudarem na Universidade Gregoriana de Roma, de onde retornavam depois de ordenados para atuarem em suas respectivas cidades natais.

Eu pertencia a essa Instituição e quando terminei o curso de Filosofia em Salamanca, depois de estudar cinco anos humanidades clássicas e três anos de Filosofia, pela média das notas do curso de Filosofia, fui designado como bolsista dessa instituição, os Operários do Colégio Espanhol de Roma, onde me especializei em Filosofia, e fiz mestrado em Teologia na Gregoriana. Em 1957 fui ordenado sacerdote em Roma mesmo, no Colégio Mariano. E depois fui diretamente para a Espanha e o diretor dessa instituição me designou ao Colégio Maior da Universidade de Salamanca e ali passei quase dois anos. De lá eu vim diretamente para o Brasil. (PÁSCUA, 2007)

O caminho para o Brasil contou com a participação de um colega brasileiro da Universidade Gregoriana, pois nesta instituição estavam matriculados alunos de diversas partes do mundo, distribuídos em colégios. O então seminarista Rivas, pertencente ao Colégio

Espanhol, tinha contato próximo com os colegas do Colégio Brasileiro, de onde guardou boas lembranças:

Eu vim diretamente para o Brasil porque quando eu pensei sair da Espanha eu já tinha em Roma, devido aos cursos que eu fiz ali em Roma, tinha conhecido bastantes seminaristas do Colégio Pio-Latino-Americano, em Roma, e fiz amizade com vários seminaristas lá. E eu ia do Colégio Espanhol de Roma para o Colégio Brasileiro jogar todas as quintas-feiras à tarde futebol. Tinha um bom campo de futebol, saía café de graça toda hora. Gostávamos todo mundo. Então eu fiz ali amizades boas, inclusive com um padre daqui de Aracaju, [...] ainda vive, o padre Claudionor Vigário da Catedral daqui. Muito, como todos os brasileiros, muito acolhedor, muito boa gente, muito bom sacerdote. Aí quando eu me vi no aperto lá, eu disse pra onde que eu vou? (PÁSCUA, 2007)

A situação política da Espanha na década de 1950 era difícil, pois se encontrava sob a ditadura de Francisco Franco que instaurou o Franquismo, regime político baseado no fascismo e no nacional-socialismo implantado na Espanha entre 1939 e 1975. Como ditatorial, este regime impunha uma condição de supressão de direitos e liberdades individuais que foram sentidas pelo padre Rivas assim que retornou de sua formação em Roma, e que foram cruciais para tomar a decisão de vir morar no Brasil.

Aí escrevi para o padre Claudionor dizendo que tinha vontade de vir, porque lá na Espanha eu estava me sentindo um pouco coagido na minha função sacerdotal. A Espanha era ainda franquista, franquista fechada. Eu tinha me formado em Roma. Roma era um ambiente de liberdade democrática. A Itália já vivia a democracia cristã. Então eu tinha me formado em Roma, cinco anos com aquela liberdade, quando cheguei em meu país, não me adaptei ao Franquismo. Aí comecei a sentir. Eu espontaneamente trabalhando como sacerdote comecei a sentir cortes na minha atuação, um reparo, advertência, então aqui não vai ter como, para eu me realizar como sacerdote, porque o ambiente não dava para eu expressar inclusive nas igrejas, porque lá em Salamanca, quando fui para Salamanca, comecei neste colégio. Eu tinha estudado humanidades clássicas podia começar a ser professor de Geografia Política e Econômica. E tinha que entrar na problemática no sentido de respirar a liberdade sem coação. (PÁSCUA, 2007)

Ao chegar ao Brasil, em 31 de março de 1960, o padre Rivas desembarcou no Rio de Janeiro e depois em Aracaju, já sentindo que o principal problema que enfrentaria por aqui estava focalizado na temperatura e no calor dos trópicos, totalmente diferentes de sua terra natal.

Cheguei aqui 31 de março de 1960 no aeroporto Santa Maria. Diretamente: Salamanca/Madri, Madri/Rio de Janeiro. Em 60, debaixo de um calor terrível e naquela batina preta, me senti derreter. Saí de Madri a 5° e cheguei no Rio de Janeiro a 35,36°C. Foi um choque, mas fiquei feliz da vida de vir

para cá. Me senti muito bem. Fui muito bem recebido. D. Távora, o sacerdote daqui também colega, era muito novo, tinha 26 anos. (PÁSCUA, 2007)

Mesmo tendo vindo como sacerdote, e desejado trabalhar como missionário, sua formação como especialista em Filosofia pela Academia Santo Tomás de Aquino e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica Gregoriana levou-o a exercer o magistério já nos primeiros anos de sua chegada a Aracaju. O intermediador de sua apresentação à Inspetoria Seccional da Educação foi Dom José Vicente Távora, arcebispo de Aracaju à época, que o recebeu e o encaminhou para ministrar aulas de espanhol na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Da Faculdade de Filosofia não demorou muito para que o padre Rivas fosse também nomeado professor do Colégio de Aplicação para ministrar aulas de Filosofia aos alunos do curso colegial. Neste período era diretora do Colégio a professora Lindalva Cardoso Dantas.

Com a transferência da Faculdade de Filosofia e do Colégio de Aplicação para a Universidade Federal de Sergipe, o corpo docente desses estabelecimentos também foi transferido para a Universidade. Em seu depoimento, o professor Rivas revelou que houve a necessidade de reformulação na direção do Colégio de Aplicação, em virtude da formação exigida pela Universidade para os ocupantes desse cargo. Então, por indicação de Dom Luciano Duarte e pela aclamação dos colegas, o professor Rivas foi nomeado diretor do Colégio em 1968.

Na sua gestão, ele conduziu ao cargo de secretária a Sra Maria Alene Oliveira que trabalhava como bedel na instituição. Tia Alene, como passou a ser chamada pelos alunos, concluiu seu 2º grau no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e ao final realizou um curso de secretários de 1º e 2º graus promovido pela Secretaria de Educação e Cultura e registrado pelo Ministério da Educação, para, logo em seguida, estagiar no Colégio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Seu trabalho de dedicação aos alunos e professores fez com que fosse nomeada a secretária do colégio, substituindo D. Valdice. O professor Rivas teve dificuldade em mantê-la na função, pois o reitor da Universidade na época, Professor João Cardoso do Nascimento Júnior, também a requisitou para assumir a secretaria da Reitoria.

Fui eu quem passou ela de ser encarregada de aluno, como se chama bedel; ela conhecia muito o colégio, eu quis que ela fosse minha secretária. Bom mas eu tive até um atrito com o reitor porque ele queria botar minha

secretária [...] Essa moça a muitos anos trata bem os alunos, os alunos gostam muito dela e eu quero que ela seja minha secretária [...]. (PÁSCUA, 2007)

No período em que esteve como diretor do Colégio de Aplicação, o professor Rivas enfrentou alguns problemas ligados às atividades do Colégio. Dentre eles podemos elencar o acesso às vagas através dos exames de seleção, a atuação dos estagiários da Faculdade de Educação, a interferência dos pais dos alunos na aplicação das notas pelos professores e, o principal deles, a Ditadura Militar, que em 1968 encontrava-se estabelecida e exercendo seu poder de coerção diante das instituições organizadas, em particular nos colégios de ensino médio e nas universidades.

Este período conturbado, com inserção da repressão militar dentro da Universidade Federal de Sergipe, foi marcante para o professor Rivas, pois influenciou diretamente na sua condição de diretor do Colégio de Aplicação, determinando, inclusive, seu afastamento do cargo. Apesar de não entender o motivo real de seu afastamento, ele relembra que a redação de um poema em forma de panfleto que ele redigiu e reproduziu no Colégio e depois distribuiu pela Universidade pode ter sido o ponto de partida para uma situação que para ele deixou uma lembrança singular.

Eu fiz um poeminha que felicitava o Natal lá dos colegas com um poema. Isso era costume de Roma. [...] recolheram meu poeminha e fui chamado por uma pessoa para explicar. [...] Digo esse poema meu senhor é um poema teológico. Eu falava que Cristo tinha nascido sem documento, sem papéis, sem documentos. Ah! minha filha, quando eu disse que tinha nascido sem papéis, sem documentos: isso é subversão. Pois foi uma luta para explicar. (PÁSCUA, 2007)

Naquele momento, a explicação para fatos como este tinha o objetivo de esclarecer que não se fazia parte de nenhuma facção contrária à doutrina ditatorial, o que poderia resultar em prisões comuns nessa época do regime militar. O professor Rivas também era membro dos Conselhos Superiores da Universidade e ao emitir pareceres sobre os projetos que lá tramitavam, não se ocultava a questionar a situação dominante, fato que também atraiu a atenção dos colegas ligados ao regime ditatorial.

Nos conselhos universitários eu participava muito, os meus pareceres e as minhas coisas eu sempre protestava contra a situação principalmente porque era professor e de Filosofia na Universidade e na vigésima aula de História da Filosofia chegou uma ordem dizendo que tavam os militares suprimindo a Filosofia. Não era pra pensar. Então isso me causou [...], eu muito inocente também, vinha de um internato, não conhecia o mundo, não tinha explicação

para nada disso. E eu agia como achava que tinha que agir. (PÁSCUA, 2007)

Diante destes fatos a situação tornou-se de difícil sustentação até que o reitor da Universidade, professor João Cardoso do Nascimento Júnior, comunicou ao professor Rivas que ele não poderia mais continuar no cargo. Mesmo sem encontrar uma explicação plausível para a decisão, ele não deixou de considerar a possibilidade de ligação entre a demissão e a situação do poema considerado subversivo pelos militares.

Só pode ter sido isso. Porque não encontrei nenhuma explicação. [...] Havia, havia naquele tempo na instituição, em todas as partes, havia pessoas que o exército botava para controlar, vigiar e se fosse o caso, afastar de certas situações. (PÁSCUA, 2007)

Ao deixar a direção, o professor Rivas continuou como professor do Colégio de Aplicação. Para substituí-lo foi nomeado como diretor o professor José Araújo Filho, em 1969. Como professor da Faculdade de Educação, o professor Rivas, assim como muitos outros professores da Universidade, passaram ao regime de tempo integral no ensino superior. Dessa forma, não poderia haver acumulação de dois cargos, o que o levou a pedir demissão do Colégio de Aplicação.

Depois tive que deixar o C.A. porque passei para tempo integral na Universidade. Só deixei o C.A. também forçado. “Rivas não pode ficar com dois vínculos na Universidade” para ficar com tempo integral na Universidade se tem que deixar o C. A. Tive que me demitir, ir na justiça do trabalho aceitar deixar o C. A. (PÁSCUA, 2007)

Enfim, continuou dando suas aulas na Universidade Federal de Sergipe e também no Colégio Atheneu, de onde não deixou de ter contato com os jovens aos quais já havia se acostumado desde os anos que passou no Colégio de Aplicação.

2.5.1 GINÁSIO DE APLICAÇÃO ENTREGA À SOCIEDADE SUA PRIMEIRA TURMA

Foi com esta manchete que o Jornal “A Cruzada” deu amplo destaque à cerimônia de formatura da primeira turma do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. A cerimônia aconteceu no dia 10 de dezembro de 1963 em sessão solene no salão da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Dentre os presentes figuravam a professora Rosália Bispo dos Santos que passou a presidência da cerimônia ao professor doutor Gonçalo Rolemberg Leite, que dirigia interinamente a Faculdade Católica de Filosofia, em virtude da ausência do Mons. Luciano Duarte que estava em viagem a Roma.

As cerimônias estiveram presentes o Exmo Senhor Governador do Estado, em exercício, Dr. Celso de Carvalho, representantes do Prefeito e do Poder Legislativo Estadual, o Secretário de Segurança, Cel. Arivaldo Fontes, professores da Faculdade de Filosofia, do GA, jornalistas e radialistas, e considerável multidão constituída de convidados e familiares dos formandos. (A CRUZADA, 1963, n. 1412, p.2)

A amplitude do evento pode ser atestada pela participação de ilustre platéia, que contava com a presença de altas autoridades do Estado de Sergipe, a despeito do Governador do Estado, Dr. Celso de Carvalho e de outros representantes das demais esferas do Poder Executivo e Legislativo Estadual.

Os alunos concludentes, acompanhados de seus padrinhos e madrinhas, receberam seus certificados e foram homenageados pelos alunos mais jovens representados pelo presidente da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores, Eduardo Sérgio Bastos.

Fato singular dentro das solenidades foi a mensagem dos mais novos levada aos formandos pelo Presidente da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores, estudante Sérgio Bastos, lembrando aos colegas que partiam do convívio estudantil amistoso que tiveram e traduzindo-lhes a saudade dos que ficavam e o desejo sincero de que, lá fora, em outros estabelecimentos, conquistassem novas vitórias nos setores da vida estudantil que logo mais terão de enfrentar. (A CRUZADA, 1963, n. 1412, p.2)

Na oportunidade, o professor doutor Gonçalo Rolemberg Leite destacou o papel do Ginásio de Aplicação para a sociedade sergipana, promovendo, com sua equipe de professores “o ideal do ensino educacional em nosso meio”, com uma educação que, segundo

o paraninfo, professor doutor Marcos Teles de Melo, “prepara o jovem para a vida”. (A CRUZADA, 1963, n. 1412, p.2)

Esta cerimônia destacou a imagem do Ginásio de Aplicação perante a sociedade sergipana como uma instituição consolidada, capaz de formar adolescentes no ensino ginasial com conhecimentos que lhes deram as bases sólidas para avançar nos demais anos do ensino que teriam pela frente.

Quando teve a autorização para funcionamento da primeira turma do ensino colegial, já denominado Colégio de Aplicação, a qual pertenceu a estudante Lídia Maria Lisboa de Menezes, os resultados não foram diferentes, e puderam ser observados com maior ênfase pelo índice de aprovação dos alunos no exame vestibular. Já havia, a esta época, cursinhos pré-vestibulares que preparavam o aluno, oferecendo informações complementares para ajudá-lo a ser aprovado no vestibular.

Para atestar a eficiência da metodologia e dos ensinamentos oferecidos no Ginásio de Aplicação, a direção não permitiu que os alunos se matriculassem nos cursos pré-vestibulares.

Nós fomos proibidos de fazer curso preparatório para o vestibular, cursinho [...] os cursinhos que naquela época, eles estavam começando também, não tinha muito tempo, não! Inclusive, um dos cursos mais famosos foi o curso do professor Marcos Pinheiros que era na rua de Maruim. Como era o nome do curso eu esqueci agora né! [...] e como nós fomos proibidos de fazer, porque o Colégio queria saber da eficácia da preparação deles para o vestibular. (MENEZES, 2008)

Para tanto, o Ginásio de Aplicação passou a oferecer aulas extras para preparar os alunos do colegial para que eles obtivessem êxito e aprovação no vestibular.

Sábado de manhã tinha aula sempre. A gente tinha aula extra no sábado de tarde, domingo de manhã quando não podia [...] lá em casa eu tive aula, né! Na casa de outros colegas teve aula. Os professores iam para casa da gente dar aula, para você ver como era... (MENEZES, 2008)

O resultado deste empreendimento foi que, da primeira turma de formandos do curso colegial do Ginásio de Aplicação, 85 % deles foram aprovados no vestibular das Faculdades em Sergipe e em outros Estados, conforme depoimento de Menezes (2008): “E o resultado, [...] só duas pessoas não passaram né! Na verdade três, mas um não fez o vestibular”.

O nível do ensino aliado à dedicação de toda a equipe de diretores e professores foram elementos primordiais para que a caracterização do Ginásio de Aplicação ficasse representada como uma instituição de qualidade em Sergipe, cujos alunos obtinham êxito no vestibular e nas demais funções que desempenharam na vida profissional.

O período aqui analisado compreendido entre as gestões da Professora Rosália Bispo dos Santos, da Professora Lindalva Cardoso Dantas e do Professor Juan José Rivas Pásqua forneceu importantes subsídios para o entendimento de como se fundou e consolidou o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia de Sergipe.

Entretanto, ainda havia outras nuances que mereciam ser destacadas a respeito desta instituição, pois a partir de sua proposta de criação, deveria promover a implementação de ações pedagógicas inovadoras para a década de 1960 em Sergipe. Em que pesem os depoimentos e informações até aqui apresentados, esta história não poderia suprimir essas contribuições, que passarão a ser apresentadas a partir do capítulo que se segue.

CAPÍTULO 3

A CULTURA ESCOLAR E O GINÁSIO DE APLICAÇÃO

O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe surgiu como campo de práticas e de inovações pedagógicas em Sergipe. Esse fato por si só já poderia indicar a característica que o cercava de promover uma educação diferenciada, como de fato se atestou pelos depoimentos dos que por lá passaram no período eleito neste trabalho.

Mas a pesquisa permitiu conhecer detalhes que perpassaram essa constatação e que exigiram uma observação mais aguçada sobre essas experiências e sobre o que se produziu a partir delas nos alunos que foram formados pelo GA. Neste caminho, trataremos em seguida de dois aspectos importantes para essa compreensão: a cultura escolar sedimentada no Ginásio de Aplicação e a produção advinda dos seus alunos.

3.1 A CULTURA ESCOLAR: UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE PARA O GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE

Tomando a escola como espaço privilegiado de produção e transmissão cultural, podemos dizer que a cultura escolar tornou-se nos últimos anos uma categoria de análise bastante visitada pelos historiadores da Educação. Nesta perspectiva, não podemos nos furtar de analisar a escola em sua amplitude cultural, no que ela transmite aos indivíduos e leva-os a incorporar seus regramentos, influenciando seus comportamentos (JULIÁ, 2001)

Dentre os estudos que se debruçam sobre a cultura escolar está o de Lima (2007). Com o objetivo de investigar a cultura material escolar na instrução primária na Província de Sergipe durante o período Imperial entre os anos de 1834 e 1858, o autor fez um percurso pela produção do Mestrado em Educação, destacando dentre elas as obras que analisaram

proximamente a educação no século XIX, identificando-se, desta forma, com o seu objeto de pesquisa.

[...] com o intuito de ter uma idéia do universo de temáticas produzidas neste campo de conhecimento, no que concerne tanto a temáticas, como a periodizações, e também no tocante à base teórica que se fundamenta na História Cultural. (LIMA, 2007, p.25)

Ao concluir sua dissertação, Lima (2007) considerou que o trabalho com a cultura escolar permitiu a aproximação com referenciais e fontes de tal forma diversificados que levaram à identificação de aspectos da Instrução Primária na Província de Sergipe no século XIX ainda não destacados e que foram importantes para a compreensão da Educação a nível primário em Sergipe neste período.

Assim, por intermédio da materialidade, foi possível ver aspectos da Instrução Primária na Província sergipana, no século XIX, principalmente, no período de 1834-1858: um número considerável de aulas, que se constituíam o lugar de aprender, em vários locais de Sergipe; pessoas com determinada formação intelectual e moral, recompensadas mensalmente com recursos públicos para elevar o padrão de instrução de cada Vila, através do ensinamento da leitura, escrita e aritmética. (LIMA, 2007, p.123)

Também utilizando a cultura escolar como categoria analítica e de pesquisa historiográfica, Anjos (2006) descreveu a história do Educandário Americano Batista, numa pesquisa intitulada “A presença missionária norte-americana no Educandário Americano Batista”. Valendo-se de diversificadas fontes, a autora buscou compreender o processo de implantação e consolidação desse Educandário entre os anos de 1952 e 1972.

Nesta perspectiva, Anjos (2006) deu sentido a atas, portarias, resoluções, decretos, livros de ponto de registro de professores, livros de matrícula, impressos, relatórios e depoimentos de ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários, ex-diretoras, e-mails e fotografias. Tão vasta quantidade e qualidade de fontes levou-a a observar as práticas do cotidiano do Educandário, como também “os conflitos, problemas e apropriações que ocorrem na instituição”. (ANJOS, 2006, p.14)

Os trabalhos destes e de outros pesquisadores da História da Educação levaram-nos a compreender que a possibilidade de investigação de uma instituição educacional vista pela materialidade de suas práticas vislumbra um universo mais amplo das investigações nesse campo, e uma compreensão mais aguçada sobre o envolvimento da escola na transmissão da cultura de uma sociedade.

A pesquisa com o Ginásio de Aplicação também se deu a partir deste fundamento e fez-se mais concreta a partir da observação da carência de estudos sobre esta instituição, mesmo com as indicações de que se tratava de uma instituição relevante para a compreensão da educação em Sergipe na década de 1960.

Desde sua criação, a proposta pedagógica do Ginásio de Aplicação já se apresentava diferenciada. Em que pese a estrutura curricular ainda seguir as diretrizes da Legislação em vigor, tomando como base a Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942 e, posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, já desde o início havia um estímulo dos professores para que os alunos tivessem a sua criatividade despertada.

A diferenciação sentia-se desde a seleção, onde os alunos tinham que se preparar para realizar o exame de admissão. Como o primeiro ano de funcionamento representou a experiência inicial, nos anos seguintes o Ginásio adquiriu um conceito positivo entre os moradores de Aracaju, pois já apresentava um nível de ensino que trazia em sua estrutura o rigor nos conteúdos atrelado à experimentação e à vivência prática dos mesmos.

Assim, encontramos ao longo da pesquisa realizada, não só nos depoimentos, mas nos documentos oficiais e na imprensa local, indícios das práticas pedagógicas empreendidas pelos professores no Ginásio de Aplicação que o levaram a destacar-se dentre as instituições da época.

Neste sentido, buscamos destacar aqui algumas das experiências desenvolvidas no GA, algumas delas comuns aos demais estabelecimentos e outras que serviram de modelo e que se traduziram na boa performance dos alunos em prosseguir nas diferentes carreiras que abraçaram, tornando-se figuras destacadas na sociedade sergipana, seja a nível intelectual ou profissional.

3.2 O CO-CURRÍCULO COMO INOVAÇÃO AO CURRÍCULO TRADICIONAL: UMA EXPERIÊNCIA NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO

Uma das experiências implantadas no Ginásio de Aplicação foi a inserção do Co-curriculum na prática pedagógica desenvolvida pelos professores desta instituição. O entendimento inicial desta proposta aproximava-se dos dados levantados durante a pesquisa

que a identificava como um complemento ao conteúdo previsto na grade curricular do ensino ginásial. Esta era uma forma de acrescentar ao currículo atividades e conteúdos para levar a uma compreensão mais ampla da realidade e do entendimento dos alunos para as matérias dadas em sala de aula.

O Co-curriculum é denominado por Ferretti (1995) de “Core-curriculum”. Tratando do tema relacionado ao conceito de inovação e sua influência no curriculum educacional, o autor identificou esta modalidade como uma proposta de mudança à padronização curricular que se limitava aos conteúdos compartimentalizados das disciplinas. Neste sentido, tal proposta foi além de uma alteração no tipo de conteúdo a ser abordado, para contemplar fenômenos sociais ou mesmo interesses e necessidades dos alunos.

Todavia, é necessário ressaltar que, além da integração, alguns dos modelos identificados (“o core-curriculum” e o “curriculum de atividades”) propõem, também a mudança do tipo de conteúdo a ser abordado – ao invés de ser determinado pela organização dos campos do conhecimento humano, propõem que o seja pelos fenômenos sociais ou pelos interesses e necessidades dos alunos. Nesse sentido inovar, do ponto de vista da organização curricular, tem significado a proposição de conteúdos que derivam de outros referenciais que não o conhecimento específico compreendido pelas disciplinas. (FERRETTI, 1995, p.65)

Segundo Ferretti (1995), o “Core-curriculum” propunha a parceria ativa entre professor e aluno na execução das atividades, englobando desde o planejamento até a etapa da apresentação, visando estimular o desenvolvimento do aluno.

Além disso, o “Core-curriculum” e o “Curriculum de atividades” propõem explicitamente a participação ativa do aluno em colaboração estreita com o professor no planejamento e realização das atividades, embora a solicitação à participação do aluno não seja ao mesmo nível nos dois padrões (o “Core-curriculum” apresenta uma estrutura mais definida, enquanto que o “Curriculum de atividades” caracteriza-se pela ausência de uma tal definição preexistindo ao encontro professor-aluno). (FERRETTI, 1995, p.65)

Para o autor, a inovação curricular pretendida com o “Core-curriculum” representava a estruturação de atividades que requeriam a participação ativa dos alunos no planejamento de atividades e na sua realização. Essa inovação foi implantada por indicação do Mons. Luciano Duarte, supervisor do GA, e representava a inserção, em cada disciplina, de conteúdos paralelos que dessem aos alunos uma visão crítica da realidade. Registrada em ata de reunião de pais e alunos com a diretoria do GA e da Faculdade Católica de Filosofia, e realizada em 12 de abril de 1961, encontramos indícios desta prática aplicada como uma novidade à época:

Uma das novidades é o Cor-Currículo. Cada aluno, durante o ano, deverá apresentar um trabalho, acompanhado por um professor que será debatido, criticado em classe. Desta iniciativa esperamos resultados, pois incentivará o aluno pela cultura. (LIVRO DE ATA DE REUNIÕES DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 12 abr. 1961)

Presidia esta reunião o Mons. Luciano José Cabral Duarte, então supervisor do GA e a diretora D. Rosália Bispo dos Santos, que ressaltaram o objetivo da utilização daquela nova experiência considerada inédita na época. Era inédita mesmo. E aos alunos representou a oportunidade de aprenderem mais sobre assuntos diversos dos que habitualmente eram oferecidos pelo currículo. A partir de então, os professores começaram a estimular a execução desses trabalhos, conforme apontado no depoimento da professora Carmelita Pinto Fontes:

Só para lhe dar um exemplo bem concreto. Um dia eu falei com eles sobre arquitetura e dei português. Podia fazer outra matéria também, mas era português e história. Dom Luciano criou uma história de um co-currículo. Você fazia uma aula paralela ao curso que você desse. Você programa uma coisa extra, não estava obrigado ser o mesmo assunto, cada um prepara um aluno, orienta e depois marca um calendariozinho para cada qual fazer sua exposição. (FONTES, 2008)

A experiência do Co-currículo no GA sergipano representou um diferencial na formação dos alunos, e foi o que os despertou para novos conhecimentos e habilidades intelectuais rapidamente percebidos pelo corpo docente.

Essa Clara Angélica escolheu música, depois teve Fernanda, Eduardo Seixas, um pirralha magrinho, inteligente sabe? Esse menino deu um curso de pintura, arte gótica na Grécia Antiga, todo ilustrado. Uma aula linda. O diabinho com 11 anos de idade, repare! Aí vem outra, Clara, com música, Fernanda com História e teve uma que ainda pediu outro horário que não deu tempo, pra continuar. Eu tive de arranjar outro horário pra terminar a aula, né? O Eduardo Sérgio ajudava muito nessa história de arte porque ele pintava, aquelas colunas. [...] Quer dizer, uma beleza, né? (FONTES, 2008)

Este ensaio levou os alunos a produzirem trabalhos de tal forma que muitos viram-se despertados para a escrita. Soutelo relembra que a professora Rosália observava a tendência dos meninos e a partir daí direcionava-os para uma atividade específica. Essa atividade fazia parte de suas atribuições enquanto orientadora educacional da instituição. Mas, segundo ele, o Co-currículo desenvolvido no Ginásio de Aplicação desenvolveu diferentes habilidades em jovens de 11 a 14 anos:

O que você fazia? Você fazia uma série de atividades dentro do próprio ginásio. Então, você era direcionado para fazer um trabalho sobre um determinado tema, e esse trabalho se tinha por obrigação ser apresentado em sala de aula e ser argüido pelos seus próprios colegas e eu lembro que eu fiz

duas palestras, dois desses trabalhos. Um foi Mulheres Celebres na História que eram pequenas biografias baseadas em um dicionário prático ilustrado e fiz um outro sobre a Conquista de Sergipe. E é muito interessante que esse da Conquista de Sergipe, a professora de História que assistiu a apresentação gostou muito e me levou para apresentar no curso de Ginásio, em uma turma dela, no então, Colégio Estadual de Sergipe, [...] eu ia fazer 15 [anos]. (SOUTELO, 2008)

Além desta passagem, ele destaca que o estímulo ao desenvolvimento dos alunos também se via na participação em eventos promovidos não só na Faculdade de Filosofia, mas também em outros estabelecimentos, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

3.3 O JORNAL MURAL E A ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS DE JOVENS ESCRITORES

As experiências observadas na adoção do Co-currículo fizeram com que os alunos do Ginásio de Aplicação começassem a se destacar, cada um de acordo com suas habilidades. Aqueles que demonstravam habilidades de escrita começaram a ser estimulados para escreverem trabalhos sobre temas correlatos aos conteúdos disciplinares ou mesmo diversos destes, ampliando, dessa forma, sua gama de conhecimentos.

Dentre as atividades desenvolvidas no Ginásio destacou-se a criação do Jornal Mural. Era um quadro de madeira, que ficava ao lado da sala da diretoria, onde os alunos expunham diversos trabalhos dos mais variados temas produzidos em sala de aula:

[...] havia um encadeamento das coisas e o Jornal refletia muito isso. Quem trabalhasse com uma coisa ia para o Jornal e fazia, escrevia, fazia poesia, fazia uma crônica, um pequeno artigo, [...] Era um quadro junto à porta do Gabinete da diretoria, próximo à biblioteca da Faculdade, era lá que funcionava nesse tempo. (SOUTELO, 2008)

A professora Carmelita também recordou da existência do Jornal Mural como um espaço onde se divulgavam os trabalhos dos alunos, mas que também lhes despertava o cuidado e o orgulho com sua manutenção, tanto que era dos próprios alunos a tarefa de organizar e manter a decoração do mural onde afixavam suas produções.

Nós vimos que o primeiro grupo [...] foram escolhidos dezesseis, esses meninos que escreviam tinham um jornalzinho, o jornal mural, deixavam os artigos deles. Tinha o trabalho de classe, quando a redação era muito boa eu aproveitava, colocava no jornal. Eles aprontavam tudo, decoravam. Isso aí o nome, tirava da cabeça deles. Mas eles tinham de gostar. (FONTES, 2008)

A professora Carmelita Pinto Fontes (FIGURA 6) foi durante muitos anos colaboradora do Jornal “A Cruzada”, onde assinava uma coluna denominada Mundo Feminino utilizando como codinome Gratia Montal. Quando começou a perceber a qualidade dos trabalhos produzidos em sala de aula pelos alunos do Ginásio de Aplicação, ela passou a publicá-los no Jornal “A Cruzada”, onde tinha livre acesso por ser membro da redação do Jornal.



Figura 6. Professora Carmelita Pinto Fontes – ex-vice-diretora do Ginásio de Aplicação
Fonte: Arquivo de fotografias da Universidade Federal de Sergipe – Arquivo Central/UFS

A partir de 1961 surgiu a primeira coluna denominada “Pequenos Escritores”, onde foram publicados trabalhos de alunos do Ginásio de Aplicação produzidos em sala de

aula, como atividades das disciplinas. A edição do Jornal assim apresenta o novo espaço da juventude à sociedade sergipana:

Aos leitores

A Cruzada abre hoje uma nova coluna que recebe o título de “Pequenos Escritores”. Este jornal, que desde vários anos vem se firmando através de um pensamento adulto de uma equipe que o compõe quer, com mais esta tentativa, trazer também aos seus amigos, a palavra dos adolescentes que acordam, nessa fase grandiosa da vida, com a beleza de sua inteligência e sua sensibilidade [...] Seus nomes serão declinados através de suas produções. A nova coluna nossos votos de êxito. (A CRUZADA, 1961, n. 1218, p.5)

Nesta primeira incursão, foram publicados trabalhos de dois alunos do Ginásio de Aplicação: Clara Angélica Porto e Eduardo Sérgio Bastos.

O Sofrimento e a Criança

Era uma noite de inverno. O vento soprava forte...Nuvens espessas cobriam a lua. Estava tudo escuro. E aquela pobre criancinha caminhava em direção ao mar. AS ONDAS BATIAM SEM PIEDADE NAS ROCHAS e o barulho era ensurdecedor. Chegando a um certo local, a criança parou e ficou com os olhinhos arrasados de água, olhando furtivamente o mar.

Por que seria? Por que esta criança tão pequenina tinha aquele olhar de sofrimento? Por que? Essa era a resposta que ninguém poderia dar... De repente ouviu-se um grito. As águas estavam cobertas de sangue e um corpinho flutuava...

Trabalho escolar de Clara Angélica Porto (1ª série ginásial)

A Árvore

As árvores são tão belas
Por todos apreciadas
E de cores tão singelas
De folhas aveludadas.

Árvore, ser natural
Pela natureza feita;
Sombra amiga sem igual
À qual o viajor se deita

Nos seus galhos há um ninho
Cheio de vida e pureza
A gerar um passarinho...
Sua cor, sua beleza,
A sombra que ampara o sono.
Acaba tudo no outono.

Eduardo Sérgio Bastos (1ª série ginásial)

Para os primeiros “Pequenos Escritores” a edição fez questão de destacar a origem dos trabalhos: tratavam-se de resultados de atividades realizadas no Ginásio solicitadas para avaliação dos professores. Além disto, e em muitos outros números, havia presente a informação sobre as séries às quais pertenciam os escritores, destacando-se, desta forma, a precocidade na intelectualidade desses e de tantos outros jovens que tiveram suas produções veiculadas pelo Jornal. A cada aparição, também era informada a idade dos escritores, e elas variavam entre 11 a 15 anos, confirmando que eram mesmo pequenos na idade aqueles que já ingressavam no mundo das Letras.

A partir de então, a cada edição a coluna trazia as produções não só destes alunos que a inauguraram, mas de outros, inclusive de outros estabelecimentos além do Ginásio de Aplicação. Até junho de 1962, a coluna “Pequenos Escritores” esteve presente nas diversas edições do Jornal “A Cruzada”. A partir do mês de julho de 1962, a denominação da coluna mudou, passando a ser chamada de “Jovens Escritores”. Entretanto, manteve a oferta de trabalhos dos ginásianos, mas não apenas trabalhos escolares; circulavam também poesias, editoriais, resenhas de livros e homenagens, além de informações gerais de interesse da juventude.

Do ano em que foi inaugurada, 1961, a coluna manteve-se em circulação até o ano de 1966. Neste período, o que mais impressiona é a frequência de publicações relativas aos alunos do Ginásio de Aplicação, onde figuraram em mais de 50 números do Jornal “A Cruzada”, de onde se destaca a participação freqüente dos seguintes jovens: Clara Angélica Porto, Eduardo Sérgio Bastos, Fernanda Sobral, Selma Hora Silveira, Celeste Carvalho Siqueira, Adria Araújo Ramos, Carlos Augusto Barreto Satler, Miguel Roberto Seixas Chagas, Nadja da Silva Oliveira, Zênia Vieira Fortes, Maria das Mercês Monteiro, Marinho Tavares de Almeida Neto e Osvaldo Gilson Costa.

A intelectualidade despertada nos jovens, que não se traduzia apenas em produções escritas literárias, mas em uma série de outras atividades culturais, também incentivou a criação de outro empreendimento: A Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores. Por iniciativa da professora Carmelita Pinto Fontes, o grupo de jovens escritores, os quais já vinham publicando suas produções no Jornal, reuniu-se em torno de uma Academia formada para incentivar a produção literária dos jovens em Sergipe, paralelamente à Academia Sergipana de Letras.

Em 17 de setembro de 1962 a Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores foi fundada em sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em um evento noticiado pela imprensa local. A sessão foi presidida pelo professor João Evangelista Cajueiro, então presidente da Academia Sergipana de Letras. Entre os presentes estavam o representante do governador do Estado, Sr. Antonio Monteiro de Jesus, a professora Carmelita Pinto Fontes, idealizadora da Academia, a professora Rosália Bispo dos Santos, diretora do Ginásio de Aplicação, a professora Bernadete Galvão, diretora do Ginásio Salvador e o Monsenhor Luciano José Cabral Duarte, supervisor do Ginásio e paraninfo dos acadêmicos.

Após o discurso do paraninfo, os empossados prestaram o juramento seguindo o ritual acadêmico. Nesta sessão foram empossados dezesseis acadêmicos, de um total de quarenta vagas disponíveis na Academia recém instalada. “A Cruzada” destacou a composição da Academia, dando ênfase aos nomes de cada um:

Eduardo Sérgio Bastos (presidente)
Celeste Siqueira (Secretária)
Fernanda Antonia Fonseca Sobral
Selma Hora Silveira
José Antonio Leite
Ádria Araújo Ramos
Carlos Augusto Barreto Satler
Maria Mercês Mandarinó Monteiro
Célia Costa Pinto
Marinho Tavares Neto
Terezinha Alves de Oliva
Zênia Vieira Fortes
Rosa Aragão Sampaio
Yara Virgínia Aragão
Clara Angélica Porto
Nadja Oliveira

Desta composição, onze dos jovens acadêmicos pertenciam ao Ginásio de Aplicação. A professora Carmelita relembra que a contribuição do GA foi fundamental para a criação da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores, mesmo não estando a ele vinculada: “E quando eu criei a Academia, que a Academia não era do GA. O GA foi a porta de entrada. Então começou lá, por causa dessa tendência intelectual dos meninos escreverem bem”. (FONTES, 2008)

Entre os ex-alunos, também há uma lembrança marcante da criação da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores:

Dona Carmelita, [...] criou nessa época a Academia Sergipana de Letras dos Jovens Escritores, e ela recrutou esse pessoal dentro das turmas dela. Enfim, [...] não sei exatamente aí, pelas redações, então eu fui recrutada e fiz parte da Academia Sergipana de Letras dos Jovens Escritores, que era um dos momentos assim, belíssimos! Belíssimos! (MENEZES, 2008)

Então, eu vejo o Colégio de Aplicação, como uma grande abertura para a valorização do universo cultural sergipano. Para o estímulo, a produção dos próprios estudantes, por exemplo, Eduardo Sérgio Bastos, que hoje é médico cardiologista no Rio de Janeiro, era da equipe do jornal [...] e paralelamente a isso, a professora Carmelita Pinto Fontes que era vice-diretora, inicialmente do Ginásio. Ela estimulou o aparecimento do que se chamou Academia Sergipana dos Jovens Escritores. Vários dos meus colegas de turma, pertenciam à Academia. Eu não fui da Academia, eu fui de outras entidades, e então pessoas como Eduardo Sérgio Bastos, Fernanda Antônio Fonseca Sobral, Nadja Oliveira Santos, [...] e outras pessoas também ingressaram. (SOUTELO, 2008)

Eram realizadas reuniões freqüentes nas casas dos membros da Academia, com apresentações de textos diversos, além de saraus onde se observava uma maior disseminação da cultura entre os participantes.

No Ginásio eu lembro bem, eram reuniões semanais nas nossas casas. Cada semana era em uma casa [...] Era mais produção mesmo! E, assim, quando se discutia obras literárias, né! Que a gente era exercitado a ler, e essas coisas também [...] e a gente tinha que levar uma produção para ler, apresentar, discutir a produção de cada um [...]. Na próxima semana, [...] de vez em quando tinha uns concursos, eu ganhei um até [...] uns concursos literários também, né! Que ela dava uns “prêmios” Eu lembro que eu ganhei “os olhos da menina preta”. (MENEZES, 2008)

A poesia à qual Menezes se refere, ainda resistente em seus guardados, foi transcrita a seguir:

Os olhos da menina preta

Seus olhos, menina preta,
São dois barquinhos
Perdidos no mar da vida.
São poços vazios
Cavados no preto da tez.
São olhos estéreis,
Sedentos de amor.
São nuvens escuras
No fundo do céu.
São gotas que mancham

O colo da madrugada.
São duas bonecas rasgadas,
Vestidas de trapo
Nos braços da noite.
São duas pedras
Cravadas no seio da mãe
São duas folhas caídas
Na areia suja do morro.
São olhos que geram
Que vêm a miséria
Que existe no morro.
Que vêm a sujeira
Do seu barracão.
Seus olhos menina,
Emanam tristeza
Traduzem sua fome.
São rosas mimosas
Que espinhos espedaçam.
Seus olhos menina
Menina do morro,
Menina doente,
São olhos sofridos
Que choram, que gritam
Em busca de paz.

Lídia Maria Lisboa de Menezes (24/11/1965)

Ou seja, efervesceu no Ginásio de Aplicação um período de grande produção cultural, que forneceu as bases intelectuais para formação de uma Academia Literária de Jovens Escritores em Sergipe, com a plena participação de vários dos seus alunos, muitos deles ainda nas primeiras séries do ensino ginásial.

3.4 AS FESTAS E PASSEIOS ESCOLARES

A realização de festas por escolas de diferentes níveis tem sido um percurso privilegiado para pesquisa da cultura de instituições escolares. Nesse ínterim, não é difícil encontrar pesquisas sobre esse objeto que tenham investigado essas manifestações a fim de perscrutar o universo escolar.

A organização de festas escolares representava um ritual cultuado por muitos estabelecimentos de ensino ao longo do século XX e traduziam, em muitos casos, o espírito

de amor à pátria ou de aproximação religiosa observada na Instituição. Segundo Cândido (2007) a noção de festa na escola vai além da realização de uma mera comemoração ou reunião entre os atores escolares e se reveste de um caráter disseminador das concepções de ensino e da escola como um todo, aproximando-se da noção de cultura escolar definida por Juliá. A autora trabalhou com a hipótese de que tal concepção amplia sobremaneira a visão que se tem das festividades escolares, envolvendo-as em sua dimensão político-pedagógica e de transmissão da cultura da escola.

A hipótese aventada é de que muito mais do que um momento de confraternização, de descontração e de manifestação de alegria, as festas, no caso as festividades escolares, possuíam outras funções, eram momentos privilegiados para o aprendizado de conteúdos, de disseminação de conhecimentos, de normas e de valores legitimados pela escola e pela sociedade. A festa escolar pode, dessa forma, ser apreendida neste estudo em seu duplo caráter, político e pedagógico. (CÂNDIDO, 2007, p.11)

Dentre as festividades analisadas por Cândido a partir dos artigos publicados nas revistas educacionais que circularam em São Paulo no período de 1890 a 1930, as festas cívicas tiveram maior destaque, merecendo a atenção por parte de articulistas de todos os periódicos pesquisados. Segundo Cândido, essas festividades tinham grande visibilidade por difundirem o sentimento de civismo e amor à pátria importantes na consolidação da República em seus primeiros anos. Serviam como instrumento de divulgação do novo regime, onde se pretendia concretizar entre os indivíduos os ideais projetados politicamente para a sociedade brasileira. (CÂNDIDO, 2007)

Berger e Souza (1998) empreenderam uma investigação sobre o Colégio Nossa Senhora de Lourdes a fim de compreender como se deu nessa instituição a formação da elite feminina sergipana e destacaram, dentre os elementos da cultura escolar investigados, a realização de festas organizadas pelas Irmãs da Congregação Sacramentina. Segundo os autores, as festividades podiam ser promovidas a nível interno, como as novenas, as quermesses e a primeira comunhão, mas também havia a participação em festividades externas como as festas religiosas, as cívicas e as esportivas. (BERGER; SOUZA, 1998)

Ainda conforme Berger, dentre as festividades, as festas cívicas eram bastante cultuadas entre os estabelecimentos de ensino em Sergipe e tinham como objetivo comemorar eventos significativos da História de Sergipe e do Brasil, como também cultivar os símbolos nacionais, como a Bandeira e o Hino Nacional. No ambiente dos grupos escolares na década

de 1920, eram visadas pelo poder público como oportunidade para difusão de um ideal de nação civilizada e também para promover a consolidação da identidade nacional. (BERGER, 2007)

Entendendo os desfiles patrióticos dos grupos escolares como “transmissores de uma linguagem coletiva, capaz de expressar concomitantemente múltiplos planos simbólicos que os levam a ser identificados como uma grande festa”, Bencostta (2006, p.300) aponta que tais festividades devem ser vistas como produto de momentos históricos específicos e que, como tal, permitiram a circulação de valores simbólicos que formaram a cultura escolar de uma determinada época.

Na esfera cívica, dentre os eventos mais destacados, figuravam o dia 7 de setembro, dia da Independência do Brasil, e o dia 19 de novembro, destinado ao culto à Bandeira Nacional, que eram datas fixadas no calendário escolar. Segundo Berger (2007), a programação desenvolvida nessas datas incluía várias atividades, e culminavam com a realização de um desfile cívico pelas principais ruas da cidade no dia 7 de setembro.

Dentre os relatos colhidos para esta pesquisa, a menção à realização de eventos festivos constituiu-se em possibilidade de maior apreensão dos elementos da cultura escolar do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. As festas eram comemoradas com esmero no Ginásio de Aplicação. A cargo dessa festividade, a professora Rosália providenciava toda a organização do evento, contando sempre com a participação de alunos e professores.

Uma das festas mais comemoradas no Ginásio de Aplicação era o desfile de Sete de Setembro. No GA a preparação voltava-se para a uniformização dos alunos, separados por grupos de meninos e meninas, e para o ensaio para o dia do desfile.



Figura 7. Desfile de 7 de setembro do Ginásio de Aplicação
Fonte: Arquivo pessoal professora Rosália Bispo dos Santos

A imagem das meninas todas arrumadas com a farda de gala, com o emblema da instituição no peito, segurando as bandeiras, demonstra a importância que tinha a participação do Ginásio de Aplicação nas comemorações do Dia da Independência do Brasil (FIGURA 7). O orgulho era traduzido na simples utilização do uniforme pelos alunos, que já tinham um sentimento cívico reforçado diariamente, pois não entravam em sala de aula sem antes cantarem o Hino Nacional. Eles se empolgavam com a participação nestes eventos onde se apresentavam à população como estudantes do Ginásio de Aplicação.

Diante dos demais estabelecimentos de ensino da capital, a exemplo do Colégio Atheneu, que tinha um quantitativo elevado de alunos, o Ginásio de Aplicação participava dos desfiles de 7 de Setembro com seus alunos que eram no máximo trinta para cada turma. No entanto, na lembrança de Menezes, isto não representava, no imaginário dos alunos, motivo de desmerecimento. Ao contrário, sentiam-se muito orgulhosos de pertencer ao Ginásio de Aplicação, diante da fama que ele já havia alcançado na sociedade.

Nós éramos assim um Colégio muito pequeno, não é!? Ele não fazia, [...] não fazia, não chamava a atenção no desfile de 7 de setembro. Muito pelo contrário! Na época, eu achei um máximo, um máximo, que, como éramos a primeira turma, aí a farda do científico mudou. No seguinte a do Ginásio era

assim um verde petróleo, era uma cor toda diferente da saia das meninas de pregas, né! [...] (MENEZES, 2008)

Este orgulho aproxima-se da referência de Vidal à importância dada no Instituto de Educação do Distrito Federal no período de 1932 a 1937 aos símbolos escolares, como instrumento de caráter distintivo com o qual se revestiam esses elementos da cultura escolar: “uniforme e edifício eram dois signos de status para as normalistas e de reforço ao controle disciplinar. Distinguiam-nas das demais estudantes” (VIDAL, 2001, p. 42).

Mesmo sendo uma instituição com poucos alunos, o sentimento de pertencer a ela era muito forte, tanto que Menezes (2008) recorda o prazer que tinham em se “exibir” com a farda do Ginásio diante dos demais colégios. Na lembrança de Bezerra, a participação nos desfiles era também um acontecimento marcante:

Agora tem uma coisa aqui fantástica! E isso aqui [...] é o desfile de sete de setembro no GA. Era um acontecimento extraordinário. Era o maior acontecimento do ano do colégio e todo mundo queria ter destaque nesse desfile e [...] agente competia com o Atheneu. Então saíam os garotões, adoravam sair na rua, sair no desfile tocando na banda do colégio, entendeu!? (BEZERRA, 2008)



Figura 8. Desfile de 7 de setembro do Ginásio de Aplicação
Fonte: Arquivo pessoal professora Rosália Bispo dos Santos

A organização para o desfile foi recordada por Bezerra, que se reconheceu na fila do meio na Figura 8. Segundo seu depoimento, os meninos mais altos eram arrumados na frente da fila e representava a posição destacada a que ele se refere no trecho transcrito, denotando o orgulho que era ser aluno do GA.

A Páscoa era uma outra festividade que deixou suas marcas na memória dos ex-alunos. Tratando-se de uma instituição ligada a uma Faculdade Católica, era uma das datas mais comemoradas durante o ano letivo.

[...] da festa eu lembro [...] cada sala de aula! Cada turma ficou encarregada de arrumar a sua sala, de levar as comidas, as bebidas, as coisas todas, decorar as salas para Páscoa. Fora isso, teve toda a preparação, na época, era com Dom Luciano, porque era Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe! (MENEZES, 2008)

A comemoração da Páscoa representava, como ainda hoje, um dos pontos máximos da celebração da Igreja Católica e, por isto, a preparação espiritual dos alunos não podia ser desprezada pelos padres que se encarregavam da confissão dos meninos e meninas. Os professores de religião, Padre Gilson Garcia e Padre João de Deus revezavam-se na tarefa de preparar os alunos para a comunhão e realizavam as confissões no próprio Ginásio. No dia seguinte, acontecia a missa celebrada na Catedral da cidade, geralmente presidida pelo Mons. Luciano Duarte.

Além de seu lado eminentemente religioso, havia todo um ritual do qual os alunos faziam questão de participar. Cada turma preparava a festa em suas salas de aula correspondentes e onde, após a missa, distribuíam-se com seus familiares para comemorar a data tão especial.

Era! E os alunos desenvolviam na Páscoa, as lembranças da Páscoa, tinha uma equipe que se encarregava de fazer [...]. A professora de desenho orientava e nos [...] reunimos na casa ou de Fernanda Fonseca ou de Selma Hora para fazermos[...] (BEZERRA, 2008)

Menezes também recorda dessa comemoração e apresenta em seu depoimento outros detalhes da preparação desta festividade, que contava com o total envolvimento dos alunos, auxiliados pelos pais e também pelos professores.

Então, era assim [...] aí a gente pegava as tolhas bordadas de casa, levava as bandejas, varria, encerava, é [...] vasculhava, né! Dava um banho de animação dentro da sala e no outro dia tinha mais, e no outro dia todo mundo levava seus convidados, seus parentes, né! (MENEZES, 2008)

A ornamentação das salas de aula para a comemoração da Páscoa era levada tão a sério pelos alunos que eles disputavam entre si para elegerem a sala mais arrumada, a que tivesse sido melhor ornamentada.

E o engraçado é que isso gerava uma disputa para ver qual era a sala melhor. Ta registrado! Foi tanta comida que a turma, a turma da segunda série veio pegar uma bandeja de doce com não sei o que! [...] [Risos!] Entendeu! (MENEZES, 2008)

Outras festas eram comemoradas no Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, a exemplo do dia das Mães, dia dos Pais e o São João. Além das festividades que faziam parte do calendário da maioria das escolas da capital sergipana, o Ginásio de Aplicação promoveu diversos passeios com seus alunos, com o objetivo de levá-los a conhecer seu Estado e apreender *in loco* ensinamentos ofertados em sala de aula.

Na ata da primeira reunião de pais e professores do Ginásio de Aplicação, a professora Rosália Bispo já informava sobre a possibilidade de realização dessas excursões com os alunos: “Apresentou a diretora a idéia de planejar excursões em cidades históricas, com o fim de começar a despertar o interesse pela cultura nos alunos”. (LIVRO DE ATA DE REUNIÕES DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 05 mar. 1960)

Assim, uma destas excursões foi feita à cidade de Laranjeiras e foi organizada pela professora Carmelita Pinto Fontes. Segundo ela, ao tratar de assuntos de sua terra natal em sala de aula, um dos alunos indagou quando iriam conhecer aquela cidade de perto. Foi então que começou a organizar a viagem, para a qual contou com a colaboração dos pais no transporte dos meninos.

Bom, aí eu falei sobre arte colonial de Laranjeiras, eu só vou falar mais de Laranjeiras, que é minha terra. Aí: professora, quando é que a gente vai lá? [Risos!] Eu disse: breve, é só você arranjar o transporte que a gente vai. Cinco carros dos pais [Risos], num instante. (FONTES, 2008)

Outra viagem interessante para os alunos foi um passeio que fizeram a uma fazenda em Santa Luzia. Na recordação de Menezes, este passeio ficou guardado em sua memória como inesquecível.

Então, esse dia foi majestoso. Essa ida para essa fazenda, né! Eu nunca vi tanta comida na minha vida [Risos!]. Tinham duas mesas enormes, aquelas mesas de fazenda, né [...] com comida, uma com doce e outra com comida assim. E a gente voltou com aquelas latas de manteiga, que vinha antigamente assim, cheia de cana cortada, chupando [...] ah! Esse passeio, eu me lembro muito bem! (MENEZES, 2008)

Em entrevista a Soutelo, sua irmã Maria Luiza Soutelo, também ex-aluna do Ginásio de Aplicação, recorda da visita feita à fazenda de sua família, dando detalhes da construção colonial que encantou todos os jovens.

Nós tínhamos, a família de minha mãe [...] tinha uma usina em Santa Luzia que aquilo ali [pausa para mostrar um quadro com a figura da fazenda posto na parede]. A casa é muito bonita, era uma casa assim [...] no estilo colonial. O piso da casa era de madeira, branco e azul; a sala de visita é pintada só afresco, pintado. e mamãe resolveu [...] a turma de Luiz Fernando fez um passeio, acho que [...] nós todos. As turmas todas do GA [...] eram três turmas na época, mamãe fez um passeio [...] dona Rosália quis fazer um momento [...] um passeio para lá. E eles foram passar o dia lá. (SOUTELO, 2008a)

A possibilidade oferecida aos jovens alunos de vivenciar um universo totalmente diferente ao qual estavam acostumados e que estava circunscrito a Aracaju, dá a indicação que essa deve ter sido uma experiência realmente diferente para eles. Além desse aspecto, poder entrar em contato não só com uma arquitetura, mas também com objetos da época colonial antes só conhecidos através dos livros ou mesmo das aulas dos professores, também atestam a amplitude de conhecimentos a que tiveram acesso.

Ao Horto do IBURA também não faltaram excursões. Lá era possível vivenciar o ambiente natural propício para aproximar conhecimentos teóricos relacionados à disciplina de Ciências na prática. Para complementar, ao concluírem o ensino Colegial, os alunos da primeira turma decidiram comemorar sua formatura de uma maneira diferente: realizaram um passeio a capital do Estado de Pernambuco, Recife.

[...] No terceiro ano científico, aí, nossa turma fez. A gente ao invés de fazer a festa de formatura, a gente resolveu fazer um passeio. Aí, fomos para Recife! [...] Passamos sei lá, uns três ou quatro dias. Aí foi uma iniciativa nossa que foi a primeira turma de científico. (MENEZES, 2008)

Desta forma, observa-se que as comemorações fossem elas festividades que compunham o calendário letivo ou mesmo os passeios turísticos realizados pelos alunos a cidades históricas do Estado de Sergipe, eram momentos de congraçamento e de integração entre todos que faziam o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia. O sentimento de pertencimento a esta Instituição foi marcadamente destacado pelos depoimentos dos ex-alunos e ex-professores, para o qual a realização desses eventos teve sua importância reforçada.

3.5 O GRÊMIO ESTUDANTIL E O CLUBE DE CIÊNCIAS

O Ginásio de Aplicação funcionou desde sua fundação no mesmo prédio onde também funcionava a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe - FAFI. Os alunos do GA conviviam, então, no mesmo ambiente que os acadêmicos da FAFI. Esta proximidade entre os Ginásios e as Faculdades de Filosofia observou-se de forma mais abrangente em outros Estados do que uma mera aproximação física. O contato com professores, que em sua maioria também eram professores das Faculdades, fez despertar em muitos alunos a consciência crítica necessária para que se opusessem ao regime de repressão imposto a partir da Ditadura Militar.

A experiência do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP-UFRJ) é um exemplo dessa influência. Estudado por Abreu (1992), esta instituição vivenciou um período de grande efervescência política, especialmente na atuação de seus alunos. Por meio de um estudo histórico-sociológico sobre a instituição, a autora buscou compreender os mecanismos de formação de uma elite intelectual e de uma geração de guerrilheiros atuantes contra a repressão militar.

A participação crítica dos alunos despertada pelas atividades culturais e extra-curriculares, sua mobilização na Caixa Escolar e no Grêmio Estudantil, a formação universitária dos professores e a preocupação com a formação integral do jovem são alguns dos aspectos apontados pela autora como indicadores que notadamente influenciaram a ação política dos alunos formados pelo CAP-UFRJ. (ABREU, 1992)

No GA de Sergipe a atuação dos alunos era mais sentida nas atividades culturais e intelectuais, não se configurando propriamente em ação política engajada que desse sustentação a uma contraposição ao regime ditatorial de forma mais contundente. Segundo a professora Rosália Bispo “eles eram tão ocupados e tão convencidos que eram uma elite que não se envolveram. Eram muito jovens, também, né? Meninos que não tavam assim, politizados. O povo do Atheneu já estava politizado”. (SANTOS, 2008)

Na gestão da professora Rosália foi criado entre os alunos o Grêmio Estudantil do Ginásio de Aplicação. A atuação dos membros do Grêmio não estava ligada diretamente a ações de militância política, pois estas pressupunham uma contraposição à ordem vigente,

onde se observava a ausência de condições sociais e políticas que dificultassem o funcionamento dos estabelecimentos de ensino daquela época.

Os membros do Grêmio Estudantil do Ginásio de Aplicação não participaram de grandes movimentos políticos, mas foram solidários à causa dos alunos do Colégio Estadual Atheneu Sergipense que, na década de 1960, adotaram a greve como mecanismo de contraposição à repressão imposta pelo regime de governo instalado no Brasil e também em Sergipe.

Nós entramos em greve também. Eu era o presidente do grêmio. Nós entramos em greve por solidariedade, porque como nós éramos um bom Colégio do pessoal que tinha dinheiro, a gente não tinha o que reinvidicar. A gente tinha bebedouro, a gente tinha bons banheiros, a gente tinha aula [...] não faltava, a gente tinha excelentes professores, tinha todo o material de ensino. Então, não nos faltava nada! [...] Então, como não tínhamos motivo para entrar em guerra ou em greve, que era uma guerra na época, eu entrei em solidariedade. (BEZERRA, 2008)

Apesar de ser uma instituição particular, onde os alunos tinham todos os recursos disponíveis que davam subsídios para o desenvolvimento de sua aprendizagem, os membros do Grêmio do GA, liderados por seu presidente, Gélcio Albuquerque Bezerra, sentiram a necessidade de participar deste movimento de greve dos estudantes secundarista em Sergipe, encabeçado pelos alunos do Colégio Atheneu na década de 1960.

E do capu do fusca de meu pai [...], eu no capu, na porta do GA, né! E fiz um discurso enorme para que a gente entrasse na guerra em solidariedade. Em votação [...], eu ganhei a votação e nós entramos em greve. Quando o GA estampou que eu iria fazer greve contra tudo, né!? E que eu fui [...] no auditório. Se encontrava para discutir os grêmios e os torneios de futebol de salão, [...] a gente ficava notado com outra qualificação. Então, a gente estabelecia respeito. O GA era menosprezado [...] tudo filhinho de papai. Tudo metido a rico! A gente era discriminado por essa elitização que a gente nascia [...] “estabilizou” na medida em que nós fizemos a greve de solidariedade, porque mesmo não precisando de nada, nós nos aliamos a eles. (BEZERRA, 2008)

O Grêmio Estudantil não pode ser apontado como única agremiação dos estudantes do Ginásio de Aplicação. Em decorrência da Orientação Educacional que, conforme já relatado, era desenvolvida pela professora Rosália Bispo dos Santos, o jovem era direcionado para desenvolver aptidões de seu interesse e, dessa forma, aproximar-se ou das ciências humanas ou das ciências exatas. Para os que declinavam para a área das ciências exatas, o Ginásio de Aplicação introduziu, através de seus professores, estudos e trabalhos ligados a diferentes disciplinas.

A preocupação com a aprendizagem prática dos alunos observou-se desde a fundação do Ginásio, onde o Mons. Luciano Duarte providenciou a instalação de um laboratório de Ciências. Segundo Menezes, as experiências realizadas no laboratório do Ginásio de Aplicação eram fundamentais para a articulação dos conhecimentos interdisciplinares adquiridos pelos alunos.

Eu não sei a sigla é Centro de Ciência Integrados, [...] não me lembro bem da sigla não! Mas, que era assim: tinha uma “ala” lá dentro do prédio, onde tinha esse laboratório experimental e que a gente ia muito para lá, né! Assim, como a gente tinha, vamos dizer não recordo que as outras escolas tinham isso, né! [...] para fazer as atividades tipo: você ver uma coisa da aula de Geografia e vai lá ver que articulação [...] essa tem! Fazer o experimento não só da aula de Ciências. (MENEZES, 2008)

O centro a que Menezes se reporta é o CECINE – Centro de Ciências Integrados, criado a partir do Clube de Ciências que existiu dentro do Ginásio de Aplicação. Era para onde afluíam os alunos que não tinham habilidades de escrita literária, ou alguma outra habilidade artística, mas que apresentavam afinidade com outros campos do conhecimento.

Esta inovação do Clube de Ciências, reforçada pela apresentação dos trabalhos e experiências dos adolescentes estudantes do Ginásio de Aplicação, também se aproxima do que vemos hoje como prática corrente entre as instituições de ensino e que se denomina Feira de Ciências. Nestes eventos, os alunos são estimulados a desenvolverem projetos, os quais, durante a Feira, são apresentados e defendidos pelos alunos aos participantes do evento.

Segundo Soutelo (2008), neste Centro eram “realizadas experiências, se faziam palestras, exposições, e nós chegamos a criar [...] a partir do Clube de Ciências do GA [...] foi criado um no Colégio Patrocínio São José”. Ou seja, as experiências educacionais desenvolvidas no Ginásio de Aplicação já produziam seus frutos em outros estabelecimentos de ensino secundário da mesma época.

3.6 A ARQUITETURA ESCOLAR NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO

O Ginásio de Aplicação funcionou no prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe desde sua fundação, em 1959, até 1968. Era uma construção nova, tendo em vista

que no antigo endereço localizado no Colégio Nossa Senhora de Lourdes não havia mais condições estruturais para a Faculdade manter funcionando seus cursos.

Por isto, o Mons. Luciano Duarte tratou de conseguir os meios para que a Faculdade tivesse seu prédio próprio onde pudesse desenvolver suas atividades. Foi então construído o edifício localizado na Rua Campos. No novo endereço, a Faculdade pode abrir outros turnos para os cursos que disponibilizava para a comunidade e também inaugurar um novo empreendimento que era o Ginásio de Aplicação. Como os cursos da Faculdade só funcionavam no turno da manhã e da noite, ficou o período vespertino disponível para as aulas dos adolescentes ginásianos.

Nesse sentido, e apropriando-nos da noção de arquitetura escolar de Frago e Escolano, entendemos que ela não se constitui em mero espaço físico descolado da realidade social, cuja construção careça de intencionalidade. Ao contrário, a arquitetura escolar é:

Uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p.26)

Estes valores transmitidos através da arquitetura da escola tornam-se mais evidentes quando analisamos a arquitetura do prédio da Faculdade Católica de Filosofia, mais especificamente do Ginásio de Aplicação. De arquitetura moderna, o prédio apresentava uma fachada contemporânea para a época, contendo salas de aula, laboratórios, biblioteca e auditório (FIGURA 9). Mais do que na sua aparência externa, é nos contornos e espaços internos que vamos observar as particularidades onde o espaço escolar se reveste de sua função cultural.



Figura 9. Faixada do Prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe onde funcionava o Ginásio de Aplicação

Fonte: Acervo pessoal da professora Rosália Bispo dos Santos.

As salas amplas que abrigavam os alunos eram dispostas de forma a se ter uma visão interna do todo da escola. Cada sala de aula possuía janelas de vidro, de onde era possível observar o que acontecia dentro dela.

A professora Rosália, além da observação com o andamento das aulas no interior das salas, visando evitar conversas e desatenção dos alunos com as explicações dos professores, procurava despertar nos alunos a preocupação com a conservação do prédio. Segundo Bezerra (2008) “Se você jogasse um papel de bala no chão, ela pegava você pela mão e fazia você tirar do chão. Mas [...] era pra não deixar sujo o pátio do colégio dela”.

Uma instituição criada para ser modelo tinha que traduzir esta condição em todos os sentidos, inclusive na higiene com que mantinha seus espaços. Daí toda a preocupação com a conservação da escola e em incutir nos jovens esse sentimento de cuidado com o seu colégio. Estas atitudes definem, em certa medida, o nível de prestígio do estabelecimento de ensino. Segundo Frago e Escolano (1998, p.37), “O prestígio da escola dependerá, pois, de como essa esteja instalada, de seu tamanho, limpeza, orientação”.

O pátio do Ginásio era a área mais aproveitada pelos alunos (FIGURA 10). Segundo a professora Rosália, foi ela e o Mons. Luciano Duarte que plantaram as mudas que

hoje correspondem a árvores frondosas no prédio que atualmente abriga um órgão do Governo do Estado de Sergipe.



Figura 10. Área interna do Ginásio de Aplicação
Fonte: Arquivo de fotografias da Universidade Federal de Sergipe – Arquivo Central/UFS

Este era um espaço de encontro, de extravasar as energias nos horários de intervalos entre as aulas e onde se fazia o recreio. Segundo Bezerra, era um espaço privilegiado onde os alunos se sentiam à vontade, experimentando um sentimento de liberdade não visto em outras instituições.

De vez em quando, as galinhas fugiam. A gente aqui [...] subia e jogava daqui de cima, né! É! É interessante porque esse pátio já veio depois. Nisso, ele não era tão encimentado, era mais grama mesmo. [...] Isso é grande, é um “L” grande, pelo menos na nossa visão de adolescente [Risos!]. (BEZERRA, 2008)

A referência às galinhas provém da existência de um quarto próximo da quadra de futebol que ficava aos fundos do prédio e onde morava o vigilante que tomava conta da instituição. Então, era dele a criação de galinhas que fugiam e faziam a festa dos meninos no pátio do Ginásio. É importante destacar que estar no Ginásio representava para eles viver em

um mundo novo. Tanto que foi preciso em reunião de pais que a professora Rosália pedisse aos mesmos que não deixassem seus filhos virem tão cedo para o Ginásio, fato também recordado pela professora Carmelita Pinto Fontes:

Os meninos adoravam, isso era muito bom, chegavam cedo, 12h. Aí o colégio funcionava à tarde, a Faculdade era de manhã, aí pronto 12h estavam chegando. A gente ainda não tinha saído do expediente da manhã e eles já estavam chegando. Queriam mesmo o colégio, não queriam sair de lá, era um horror. Teve uma época que a gente teve que burilar isso um pouquinho pra não exagerar, que às vezes aperreava a mãe pra dar o almoço mais cedo. E aí eles foram pegando assim esse amor pelo colégio. (FONTES, 2008)

Outro espaço importante que não pode ser desconsiderado neste trabalho é o Auditório da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FIGURA 11). Além da utilização pela própria Faculdade, o Auditório também era usado pelo Ginásio de Aplicação, principalmente para realização dos eventos e festas comemorativas celebradas por alunos e professores da instituição.



Figura 11. Auditório da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe
Fonte: Arquivo de fotografias da Universidade Federal de Sergipe – Arquivo Central/UFS

Erguido na segunda etapa de construção do prédio da Faculdade Católica de Filosofia, o auditório tinha capacidade para abrigar oitenta pessoas e era o espaço por excelência para difusão cultural dentro do ambiente do Ginásio de Aplicação.

Aqui é onde a gente fazia as palestras. Eu trouxe para Aracaju. O primeiro festival de Aracaju foi com o professor Vieira de Moraes. Foi trazido pelo grêmio com o presidente e o Vieira chegando daqui [...] É! Ele falou sobre casais e sexualidade. Aracaju parou para ouvir esse homem. Ele passou quinze dias aqui. (BEZERRA, 2008)

No Auditório da Faculdade de Filosofia era onde se viam as habilidades dos alunos ressaltadas nas produções apresentadas. Dentre as atividades lá desenvolvidas, podemos destacar as aulas de música ministradas pela professora Nair Porto e os ensaios das peças teatrais produzidas pela professora Carmelita Fontes, produções que tinham no Auditório o seu espaço reservado de destaque. Segundo ela, foi organizada uma apresentação geral de diversas atividades, como a apresentação de um filme produzido pelos alunos, o lançamento de um livro, um concerto de violão, tudo realizado no mesmo dia e tendo como palco o Auditório da FAFI:

O pai trouxe a máquina, passou o filme, fazia uma sessão e foi tudo numa noite só. Não fez uma festa, outra festa. A festa do livro, filme, foi tudo assim, agora o filme, tudo na mesma noite. Tinha mesa, mesa dos escritores e ficou linda. O concerto de violão, o concerto de cursos... mas todo mundo aprendeu aquela musiquinha pra tocar, não sei se eram 40 violões, um negócio assim bonito. Agora todo mundo aprendiz, né? E o GA daí pegou fogo, daí pra frente pegou fogo, sabe? (FONTES, 2008)

Outros eventos, como a apresentação de peças teatrais encenadas pelos alunos e também as comemorações do dia das mães e dos pais eram assistidas por pais, alunos e professores no Auditório da Faculdade. Os eventos da Faculdade de Filosofia como seminários e palestras também eram abertos aos ginasianos, que assistiam incentivados pelos professores e onde tinham a oportunidade de elevar o seu nível de conhecimentos. Corroborando com Frago e Escolano (1998, p.77), em seu entendimento sobre a influência educativa do espaço escolar, “a escola é espaço e lugar. Algo físico, material, mas também uma construção cultural que gera fluxos energéticos. [...] o espaço educa”.

3.7 A DISCIPLINA E O QUADRO DE HONRA

A adoção de mecanismos disciplinares é recorrente entre as instituições escolares ao longo do século XX, que os utilizavam para manter o controle sobre o indivíduo em suas mais diferentes formas, quer seja através de ações de coerção corporal ou psicológica. (BERGER, 2002)

Para Berger (2002), toda escola apresenta um conjunto de normas disciplinares, em muitos casos definidas através das leis institucionais, como os Regimentos Internos, onde são descritas as regras válidas para que o indivíduo possa manter-se participante dentro daquele sistema.

Quando o Ginásio de Aplicação começou a funcionar, as atividades eram orientadas pelas normas da Faculdade Católica de Filosofia, mas em 1960 foi criado o primeiro Regimento Interno do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. O documento foi divulgado no Jornal “A Cruzada” e ocupou praticamente uma página inteira do número do Jornal que circulou em 27 de maio de 1961 (A CRUZADA, 1961, n. 1203). Por ele, viu-se estruturado o Ginásio de forma regimental, pois tratava de itens necessários ao bom desempenho das ações escolares naquela instituição, dentre eles os deveres dos seus discentes.

O estudo das regras e normas tem sua perspectiva ampliada na medida em que se investigam as práticas educacionais adotadas pela instituição. Assim é possível perceber que a disciplina fazia parte da formação do aluno no Ginásio de Aplicação. Na entrada em sala de aula, no cumprimento aos professores que entravam para dar aula, na formação de filas, tudo se traduz em vestígios de ordenação dentro do espaço escolar que puderam ser observados nesta pesquisa.

Quando o professor chegava na sala, todo mundo tinha que se levantar [...] e fazer silêncio, né! Ele entrava tava todo mundo conversando, na hora que o professor botava o pé na sala, aí todo mundo levantava, esperava o professor chegar em frente ao birô, mandar todo mundo sentar e todo mundo sentava em suas cadeiras [...]. (MENEZES, 2008)

Menezes recorda destes momentos de disciplinamento, especialmente na formação das filas após o horário do recreio, quando os alunos deveriam retornar às salas de aula demonstrando bom comportamento e educação:

Eu lembro que a cada intervalo que a gente tinha, uns recreios. Para entrar na classe, tinha que fazer uma fila [...] para entrar para próxima aula, quem ficasse no último lugar sempre da fila tinha uma reprovação aqui nessas cadernetinhas [Risos!] Significava que tava querendo brincar mais do que estudar. Então, você tinha que correr quando a sirene apitava. Era uma loucura! Saía correndo, se empurrando para não ficar sempre no último lugar da fila de entrada na classe [...] (MENEZES, 2008)

A adoção de instrumentos de controle da conduta dos alunos também se observava no uso de cadernetas individuais que os alunos levavam para casa e devolviam diariamente com a assinatura dos pais. Nestas cadernetas, a professora Rosália transcrevia as notas, mas também fazia anotações sobre o comportamento dos alunos durante o horário em que permaneciam no Ginásio. As observações feitas por ela e sua postura de disciplinamento perante os adolescentes ficou marcada também na memória de Menezes:

Além, dos bedéis contratados, né! Ela andava muito. Ela ficava passeando, ela ficava mais ou menos assim, a altura do queixo a janela que dava para o corredor de fora e ela passeava pelos corredores. Passava a gente, via quando passava, passava pela frente da porta só que ela ia para traz e ficava olhando para dentro da classe para ver se tinha [...] e interrompia a aula, mesmo do professor se tivesse gente conversando no fundo, essas coisas. Ela entrava e pedia licença ao professor e levava a gente para secretaria, porque tinha que ser todo mundo quietinho, [Risos!] [...] disciplinados [...]. (MENEZES, 2008)

Para Foucault (1997), o poder disciplinar exerce mais a função de adestramento e cuja finalidade recai sobre a produção de “corpos dóceis” que levem o detentor do poder a atingir seus resultados de coerção de maneira ampliada.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las no todo. (FOUCAULT, 1997, p.143)

Além das ações já descritas, também encontramos nas anotações feitas nas cadernetas dos alunos do Ginásio de Aplicação referências à utilização de um Quadro de Honra. Este dispositivo era adotado para premiar os alunos que obtivessem maiores notas ao longo do ano e também podem ser considerados mecanismos de sanção e/ou premiação adotados pelas escolas na década de 1960.

Na visão de Foucault (1997), esta prática de divisão segundo as classificações ou os graus atende a uma dupla finalidade, pois tanto pode servir para hierarquização das qualidades de um indivíduo, como também para sua marginalização perante os demais de seu grupo.

A divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e castigar. [...] A disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando. O próprio sistema de classificação vale como recompensa ou punição. (FOUCAULT, 1997, p.151)

Assim é que observamos a adoção de práticas disciplinares na formação dos adolescentes do Ginásio de Aplicação, pois, diante da proposta de se firmar como uma instituição modelar, também o deveria ser na disciplina e nos resultados demonstrados por seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação discorreu sobre a criação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e seu processo de consolidação no período de 1959 a 1968. Através da investigação, descobrimos que foi uma instituição criada em 30 de junho de 1959 pela Sociedade Sergipana de Cultura e decorria da Lei N.9.053/1946 que instituiu diversos Ginásios desta natureza pelo Brasil.

Tais instituições foram criadas com dois objetivos principais: servir de campo de estágio para os acadêmicos das Faculdades de Filosofia e também promover a experimentação de novas técnicas pedagógicas nos estabelecimentos de ensino secundário da época. Inicialmente, o ensino de nível secundário era dividido em dois ciclos: o ginásial, que oferecia a formação dos quatro anos sequenciais ao ensino de nível primário, e o colegial, com duração de dois anos, que preparava o aluno para ingressar nas Faculdades de nível superior.

O Ginásio de Aplicação caracterizou-se, desde sua fundação, como instituição de ensino secundário que, a princípio, só dispunha de autorização para oferecer o primeiro ciclo: ginásial. Teve como berço a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, instituição dirigida pelo então Mons. Luciano José Cabral Duarte. Ele era responsável pela supervisão do Ginásio e esteve sempre envolvido em todas as suas atividades desde sua fundação, garantindo o provimento de recursos necessários a sua criação. Partiu do Mons. Luciano Duarte a contratação da primeira diretora, professora Rosália Bispo dos Santos, como também dos professores, que também pertenciam ao quadro da Faculdade de Filosofia e de outros estabelecimentos do Estado de Sergipe.

Todo este empreendimento que tinha a intenção de ser uma escola-modelo não se construiu isento de dificuldades. Inicialmente a deficiência financeira para a construção do prédio e manutenção do pagamento dos professores eram as dificuldades enfrentadas pelo Mons. Luciano Duarte para fazer aquele novo estabelecimento funcionar. No entanto, observamos que a experiência deu tão certo que, com o crescimento do Ginásio, as mensalidades pagas pelos pais dos alunos eram suficientes para os pagamentos dos

professores e a manutenção dos laboratórios e ainda colaborar para a manutenção da própria Faculdade de Filosofia.

Ao final da investigação, percebemos que o Ginásio de Aplicação exerceu suas funções, atendendo ao que determinava a legislação que o criou. Primeiramente foi efetivo campo de estágio para os alunos que concluíam os cursos oferecidos pela Faculdade de Filosofia. Nas aulas de Didática, os estagiários tinham os ensinamentos que aplicavam em sala de aula no Ginásio de Aplicação sob a supervisão dos professores titulares das disciplinas. Ainda hoje se observa a atuação de estagiários no Colégio de Aplicação.

Além da professora Rosália Bispo, outros diretores analisados neste trabalho foram a professora Lindalva Cardoso Dantas e o professor Juan José Rivas Pásqua, com suas contribuições para consolidação do Ginásio de Aplicação. Por exemplo, foi na gestão da professora Lindalva que o Ginásio obteve autorização para oferecer as séries do ensino colegial, atendendo ao anseio dos alunos que queriam continuar seus estudos na instituição. Já o professor Rivas promoveu alguns questionamentos no curto período em que permaneceu como diretor, principalmente relacionados ao acesso dos novos alunos através do exame de admissão e também à liberdade de atuação do professor em sala de aula frente à pressão de pais e alunos, principalmente em relação às notas de seus filhos.

A análise de leis constituiu-se subsídio importante de coleta de informações necessárias para a compreensão da história do Ginásio de Aplicação. Essas Leis, que tratam tanto do ensino secundário (LEI. 4244 DE 1942), como da criação dos Ginásios de Aplicação das Faculdades de Filosofia (LEI N. 9053 de 1946), como das Diretrizes e Bases da Educação (LEI N. 4024 de 1961), foram responsáveis pelos direcionamentos observados no Ginásio de Aplicação, especialmente a respeito da composição curricular, que foi se moldando às necessidades educacionais nelas retratadas.

Em nove anos pesquisados, o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe passou a ser denominado de Colégio de Aplicação da mesma Faculdade em 1966, e quando foi criada a Universidade Federal de Sergipe em 1967, onde tanto a Faculdade de Filosofia como o Colégio passaram a compor seus órgãos, chamou-se apenas de Colégio de Aplicação, sendo reconhecido atualmente pela sigla CODAP.

A outra vertente que norteou esta pesquisa levou-nos a conhecer aspectos da cultura escolar do Ginásio de Aplicação. E neste sentido, pudemos observar a plena realização da outra função para o qual este estabelecimento foi criado: ser campo de experimentação de métodos pedagógicos entre alunos do ensino ginasial. Essa função traçou marcadamente a consolidação desta instituição, pois as experiências lá realizadas produziram um ambiente de constante inovação, que contagiava alunos, professores e diretores para o desenvolvimento de diferentes habilidades em jovens a partir dos 11 anos.

Dentre as inovações observadas destacamos o Co-currículo, que correspondia à oferta de um conteúdo paralelo às disciplinas regulares. A prática pedagógica se fazia de modo a oferecer ao aluno outros conhecimentos, enriquecendo-os. Além desta prática, outros exemplos de atividades diferenciadas realizadas no Ginásio de Aplicação podem ser destacados: a execução de trabalhos em grupo, onde os alunos avaliavam-se mutuamente; a organização do Jornal Mural, que era o espaço privilegiado de circulação da produção escrita de trabalhos realizados em sala de aula; a criação da Academia Sergipana de Letras de Jovens Escritores, onde a maioria de seus membros eram alunos do Ginásio de Aplicação; a criação do Centro de Ciências Integrados; os passeios culturais a cidades históricas do interior sergipano, dentre outras ações.

Mesmo com tantas indicações de que desenvolveu ações diferenciadas as quais promoveram uma elevação na qualidade do ensino ali ministrado, há que se ressaltar que uma série de fatores pode ter contribuído nessa direção. Um deles é a dedicação desprendida tanto pelos diretores, inicialmente a professora Rosália Bispo dos Santos, depois a professora Lindalva Cardoso Dantes e por último o professor Juan Joé Rivas Pásqua, como pelos professores que passaram pelo Ginásio no período estudado. O objetivo de todos era fazer daquele um Ginásio modelo, que apresentasse bons resultados no rendimento dos alunos, provendo-os de um capital cultural suficiente para se desenvolverem nas diferentes etapas de suas vidas.

Além disto, o objetivo de promover uma experiência modelo também deve ser destacado, pois a partir dessa premissa, todos os esforços foram envidados para despertar realmente um sentimento diferenciado naquela instituição, como um sentimento forte de orgulho despertado em seus alunos.

O quantitativo de alunos também contribuiu para o resultado alcançado no Ginásio de Aplicação. A atenção dispensada a uma turma inicial de 25 alunos e posteriormente a turmas de 30 jovens representava um diferencial quando comparado a instituições do mesmo nível que atendiam a um quantitativo maior de alunos. Nesse sentido, a orientação às individualidades e aptidões de cada um produziu resultados que foram observados por toda a sociedade, atestados pelo desempenho dos alunos a partir da formação que receberam no Ginásio. Tinham boas colocações nos exames vestibulares e galgaram diferentes espaços na sociedade sergipana, ou mesmo fora dela.

Como dito em um dos depoimentos, aos alunos do Ginásio não faltava nada em termos de infra estrutura, nem de materiais didáticos. Era uma instituição particular, possuía renda própria e ainda se beneficiava da proximidade com a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, aproveitando seus espaços como a vasta biblioteca, o auditório e seus professores que eram reconhecidos em Sergipe como os melhores professores do Estado. Este convívio com o ambiente universitário representou um diferencial na formação dos adolescentes ginasianos, e ampliou-lhes os conhecimentos e sua visão sobre o mundo, o que o diferenciava dos demais estabelecimentos de ensino da época.

A origem familiar e o capital cultural trazidos pelos alunos também devem ser destacados sobre os resultados produzidos no Ginásio de Aplicação. A maioria dos alunos vinha de famílias tradicionais de Aracaju que detinham um nível de conhecimentos com o qual os jovens já estavam acostumados a conviver, o que, de certa maneira, influenciaram não só na aprovação no exame de admissão, como no seu desenvolvimento ao longo do curso, seja ginásial ou colegial.

Ao final das entrevistas realizadas nesta pesquisa, uma pergunta contribuiu para a compreensão da história do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: por que o Ginásio de Aplicação foi importante, por que aquela época era considerada como “Época de Ouro do GA”?

Dentre os depoimentos colhidos, encontramos alguns que marcam a emoção que foi para os depoentes pertencer ao Ginásio de Aplicação em seus tempos considerados áureos, onde os alunos se destacavam na produção cultural e na aprovação nos vestibulares. Assim, finalizamos estas considerações finais, por entendermos que esta memória não deve ficar guardada, mas registrada de forma a permitir a compreensão de como se deu a criação de um

Ginásio na década de 1960 que, ligado a uma Faculdade de Filosofia, se estabeleceu em Sergipe criando em torno de si a representação de ser uma instituição com uma qualidade diferenciada de ensino.

É! O GA foi o modelo [...] modelo de [...] ousadia, modelo de formação, modelo de educação, no Estado de Sergipe, principalmente na capital, né! E ele denotava, na época, uma coisa terrível. Se podia ter excelência de aprendizagem sem as regras tão duras de um 'Salvador' [...] (BEZERRA, 2008)

Era de elite intelectual. Elite não de rico. Elite de ensino. Era o colégio de excelência. Uma elite intelectual, uma elite de saber. Um colégio que teve uma Academia. Eu quero que você bote isso no seu trabalho, porque é importante. O Colégio teve uma Academia Literária, com reuniões como na Academia Sergipana de Letras. Coisa linda, compreendeu? É nesse sentido, de estudo, seriedade, de saber, de participação na vida intelectual, muitas coisas, era isso. (SANTOS, 2008)

Era um ambiente onde o que você pedia você tinha. Se pedia livros pra biblioteca, você tinha livros pra biblioteca. Se pedia uma boa sala com uma boa máquina você tinha. Era realmente naquele tempo um cuidado grande que se tinha com a educação e com as pessoas. A educação naquele tempo era uma prioridade no sentido digamos do cotidiano, uma prioridade no dia-a-dia. Se você visse, experimentasse como era gostoso [...] os professores depois das aulas, [...] numa sala dos professores onde tomávamos cafezinho. Ali contávamos piadas, mas ali se discutia problemas, ali se tinha cada debate, ali tinha cada problemática filosófica, literária entre os professores, que hoje, depois muito tempo que passei na Universidade, já no Campus, nunca mais vi. (PÁSCUA, 2007)

Estas representações sinalizam para um objeto de pesquisa, cuja capacidade de investigação ainda não se esgotou, pois ainda há muito por ser investigado. Por exemplo, poderíamos indagar: qual o perfil e a atuação profissional e cultural dos alunos após a formatura no Colégio de Aplicação? Como se desenvolveram as ações pedagógicas no Colégio após a mudança para a Universidade Federal de Sergipe? Qual o impacto das discussões sobre o pertencimento do Colégio no nível de aprendizado dos alunos? Qual a configuração idealizada para esta instituição no período da redemocratização do país? Enfim, caminhos que podem levar a novas investigações sobre a história de instituições escolares em Sergipe.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **Intelectuais e Guerreiros: o Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1992.

ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. **A presença missionária norte-americana no educandário Americano Batista**. 2006. 280f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe.

BARROS, Zilma Gomes Parente de. **Redefinição conceitual dos Colégios de Aplicação**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Desfiles patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006. p.299-322.

BERGER, Miguel André. As festas escolares para difusão da instrução e da civilidade nos grupos escolares em Sergipe. In: 18º ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO NORTE E NORDESTE – EPENN, 2007, Maceió. **Anais...** Maceió: UFAL, 2007, nº 1168374479-17362300

_____. **Avaliação da aprendizagem: pressupostos teóricos, vivências e desafios**. Aracaju: J. Andrade, 2002. 107p.

_____. Estágio supervisionado: exploração da/ou contribuição para a escola? **Educando**, p. 30-32, ago. 1985.

BERGER, Miguel André; SOUZA, Ilza Elaine de Almeida. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes e a formação da elite feminina. **Revista do Mestrado em Educação**, v.1, p.37-54, 1998.

BEZERRA, Antonio Ponciano. O Curso de Letras: uma página (desgarrada) da crônica da UFS. In: ROLLEMBERG, Maria Stella Tavares; SANTOS, Lenalda Andrade. **UFS: História dos Cursos de Graduação**, São Cristóvão: Editora da UFS, 1996. p.171-177.

BONTEMPI JR., Bruno. Em defesa de “legítimos interesses”: o ensino secundário no discurso educacional de O Estado de S. Paulo (1946-1957). **Revista Brasileira de História da Educação**, n.12, p. 121-158, jul./dez. 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. MICELLI, Sérgio (Org.). 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Os Três Estados do Capital Cultural. In: **Escritos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves 1992.

BRANDÃO, Zaia. **A Intelligentsia educacional** – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista/SP: IFAN-CDAPH, Editora da Universidade São Francisco, 1999.

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 09 de abril de 1942. **Lei orgânica do ensino secundário**. Disponível em : <<http://www6.senado.gov.br/sicon/ExecutaPesquisaBasica.action>>. Acesso em: 30 ago. 2005.

_____. Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946. **Cria um Ginásio de Aplicação nas Faculdades de Filosofia do País**. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/sicon/ExecutaPesquisaBasica.action>>. Acesso em: 30 ago. 2005.

_____. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **LDB**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional, 1961.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da Escola**: As Festas Escolares em São Paulo (1890-1930). 2007. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e forma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998. 506p.

COLLARES, Marinez Murta. **Colégio de aplicação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais**. A trajetória de uma escola de ensino médio no contexto universitário. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação como desafio na ordem jurídica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.567-599.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Memórias que interrogam: formação e atuação docente. In: II CIPA - CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA. Salvador, 2006, **Livro de resumos...** Salvador: EDUNEB, 2006.

DOMINGUES, José Juiz; TOSCHI, Nirza Seabra; OLIVEIRA, João Ferreira de. A reforma do Ensino Médio: A nova formulação curricular e a realidade da escola pública. **Educ. Soc.**, v.21, n.70, Campinas, abr. 2000.

FARIA FILHO, et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, jan/abr. 2004. Disponível em :
<http://www.sielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1517_97022004000100008&Ing=...>. Acesso em: 12 abr. 2005.

FENELON, Dea. Pesquisa em História: perspectivas e abordagens. In: FAZENDA, Ivani et al. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 10.ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2006. p. 117-136.

FERRETTI, Celso João. A Inovação na Perspectiva Pedagógica. In: GARCIA, Walter Esteves. **Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. 3.ed. São Paulo: Autores Associados, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Colégio de Aplicação e insituição de uma nova lógica de formação de professores: um estudo histórico no Colégio de Aplicação da Universidade do Brasil. In: I CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Campinas/SP, 2000, **Anais...**, Campinas, 2000.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)**. São Cristovão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da educação/NPGED, 2003. 251p.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de anjo e letreiros de néon: ginasianos e Aracaju dos anos dourados**. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

JORNAL "A CRUZADA". Órgão Oficial da Ação Católica Romana. 1959 - 1967. Aracaju - SE.

JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 1. Campinas: Editora Autores Associados/SBHE, Janeiro/Junho. 2001. p.9-43.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. p. 95-106

LEITE, Alneide Souza. **O ensino secundário nas décadas de 50 e 60**: o papel da CADES em Sergipe para a formação do professor secundarista. 2003. 79 f. Monografia (Licenciatura em História) - Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. Documento sergipano.

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade; VIEIRA, Luis Alberto da Silva Vieira; ARAÚJO, Sérgio Luiz Elias de. Historiografia do Ensino Superior no Brasil e em Sergipe. In: 18º EPENN – ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 2007, Maceió, **Anais...**Maceió: UFAL, 2007a.

LIMA, Gláriston dos Santos. **A cultura material escolar**: desvelando a formação da Instrução de Primeiras Letras na Província de Sergipe (1834-1858). 2007. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2007.

LIVRO DE ATA DE REUNIÕES DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 1960-1961.

MAFRA, Patrícia Henrique. **Uma Escola Contra a Ditadura**: a participação política do Cap-UFRJ durante o regime militar brasileiro (1964-1968). 2006. 136f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais / Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MORAIS, Gizelda. **Dom Luciano José Cabral Duarte**: Relato biográfico. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008. 520p.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana**: uma crítica aos estudos de História da Educação. São Cristóvão, UFS, 2003.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do, NASCIMENTO, Jorge Carvalho do Nascimento; OLIVEIRA, Maria Antonieta Albuquerque de; TAVARES, Maria das Graças Medeiros. Educação Superior em Sergipe (1991-2004). In: RISTOFF, Dilvo; GIOLO, Jaime. **Educação Superior Brasileira: 1991-2004 – Sergipe**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. p.21-72.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A escola americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2004.

NASCIMENTO, Isabel Moura et al. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 152p.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. Educação Superior e Desenvolvimento no Estado de São Paulo. **Cadernos de História da Educação**, n.4, p. 167-182, jan./dez., 2005.

NUNES, Clarice. **Escola e Dependência: o ensino secundário e a manutenção da ordem**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979. 184p.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. In: **CADERNOS ANPED**, n.5. Caxambu: ANPED, setembro, 1993. p. 7-64.

NUNES, Maria Thétis. **Ensino Secundário e sociedade brasileira**. 2.ed. São Cristóvão: Editora UFS, 1999. 152p.

OLIVEIRA, Mirtes C. Martins de. **Fotografia e História da Educação**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vdlettras6/mirtes.htm>>. Acesso em: 23 maio 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Helena M.M.; GATTI JÚNIOR, Décio. História das Instituições Educativas: um novo olhar historiográfico. **Cadernos de História da Educação**, v.1, n.1, p.73-76, jan./dez.2002.

PALMEIRA, José Arnaldo Vasconcelos. **Cadernos de Memórias 25 anos (1967-1992): Jubileu de Prata da Universidade Federal de Sergipe, Colégio de Aplicação – CODAP**, 1992.

SAVIANI, Dermeval. **Educação Brasileira: estrutura e sistema**. 8.ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius da (org). **Ideário e Imagens da Educação Escolar**. Campinas: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. p. 3-27.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002. 87p

TOLEDO, M. R. A. **Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. 2001. Tese (Doutorado em Educação: História e Filosofia da Educação) – PUC, São Paulo.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma ampliação da noção de documento escolar. In: NASCIMENTO, Isabel Moura et al. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: um reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2005. p.3-30.

_____. **O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente do Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco. 2001. 343p. (Coleção Estudos CDAPH, Série Historiografia).

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. 4. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002. 80p.
WERLE, Flávia Obino Côrrea. História das Instituições Escolares: responsabilidade do Gestor Escolar. **Cadernos de História da Educação**, n.3, p.109-119, jan./dez. 2004

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980**. Campinas, SP: Autores Associados; Brasília: Editora Plano, 2004.

ENTREVISTAS REALIZADAS:

ANDRADE, Olga Maria de. Entrevista realizada com ex-aluna da FAFI em 25 abril de 2008.

BEZERRA, Gélío Albuquerque. Entrevista realizada com ex-aluno do GA em 07 abril de 2008.

FONTES, Carmelita Pinto. Entrevista realizada com ex-professora do GA em 19 março de 2008.

MENEZES, Lúdia Maria Lisboa de. Entrevista realizada com ex-aluna do GA em 22 junho 2008.

PÁSCUA, Juan José Rivas. Entrevista realizada com ex-diretor do GA em: 05 novembro 2007.

SANTOS, Rosália Bispo dos. Entrevista realizada com ex-diretora do GA em: 19 fevereiro de 2008.

SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro. Entrevista realizada com ex-aluno do GA em: 15 junho de 2008.

SOUTELO, Maria Luiza Ribeiro. Entrevista realizada com ex-aluna do GA em: 15 junho de 2008a.